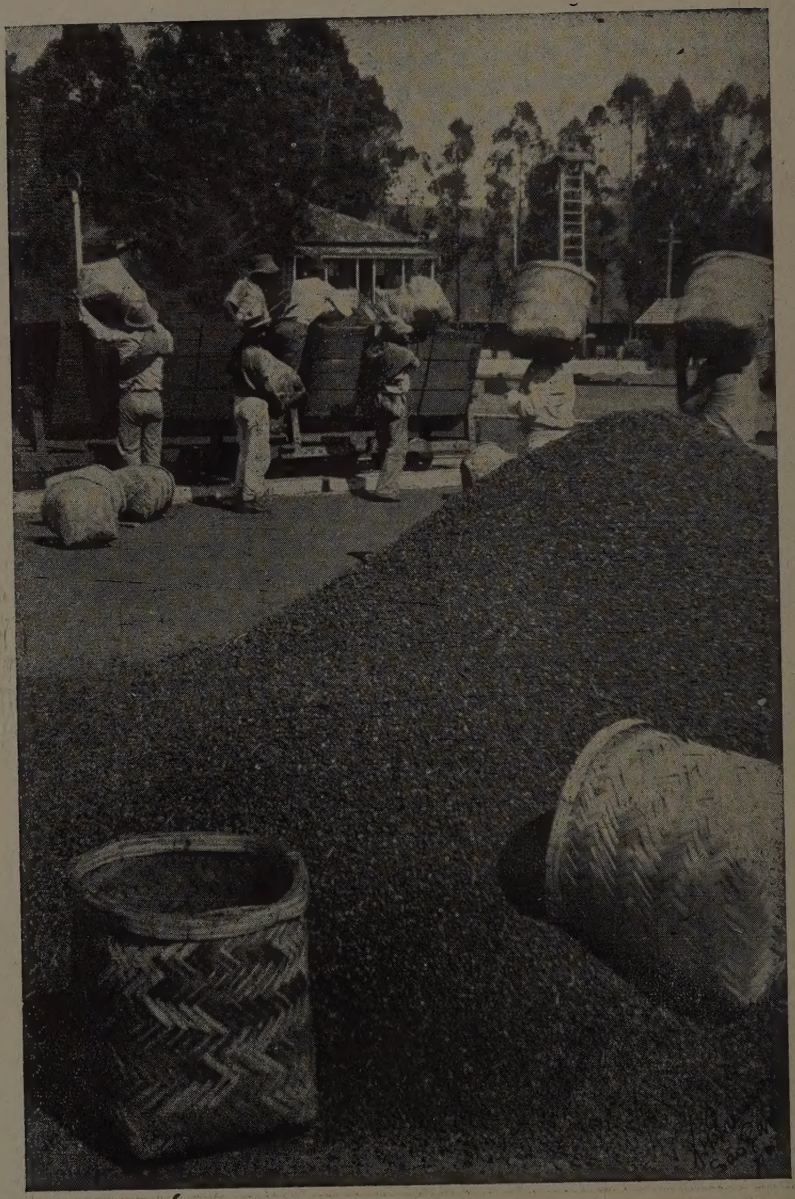
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXX • ABRIL DE 1955 • N.º 338



Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXX | ABRIL DE 1955 | Número 338

Sumário

COLABORAÇÃO:

Bases de uma política racional para o café — J. Testa
A turfa e suas propriedades — J. Bemelmans
Um contraste — Mota Sobrinho

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Abelhas no cafèzal
Café e sombreamento
Plantío da soja como cultura intercalar em cafèzais geados do norte do Paraná — José Gomes da Silva
Moléstias do cafèeiro — A. P. Viegas
Lavoura cafèeira: O problema dos talhões decadentes: restaurar ou substituir? — Lauriston Pousa Bicudo
Variedades de café na Mogiana
Instruções sumárias para o plantío e formação do café em São Paulo — Lauriston Pousa Bicudo
Adubação e calagem no cafèzal
Bicho mineiro das folhas do cafèeiro — Francisco de Assis M. Mariconi
A irrigação dos cafèzais
Os caramujos do cafèeiro — Francisco de Assis M. Mariconi
Adubação do cafèeiro — J. E. Teixeira Mendes
A plantação do cafèeiro em renques de nível e a mecanização da cultura — José Ferreira Veloso
Adubação do cafèzal em três etapas
Recuperação dos cafèzais paulistas — José Alcindo Rittes
Florescem os cafèzais paulistas
Tratamento dos cafés geados — Valter Lazzarini
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — Março)

ESTATÍSTICA:

NOSSA CAPA

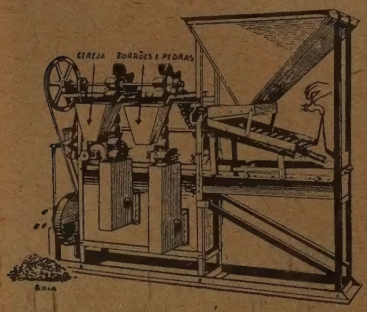
Galhos floridos de cafèeiro. — Dando, em nosso meio, três e quatro floradas por ano, de agôsto até outubro, ficam os cafèzais, a seguir, na dependência das chuvas. Todavia, a simples abertura da floração já traz alegria e esperanças. Acontece, às vezes, que depois de uma ligeira chuva todo o cafèzal se cobre literalmente de flores. É um espetáculo digno de ser visto.

CAFÉS FINOS

Lavador MOREIRA

Com água de torneira

de ½ polegada, e consumo diminuto de água (5 litros para cada saco), o **Lavador Moreira** separa perfeitamente o **bôia**, o **cereja** e as **pedras** e **torrões**.



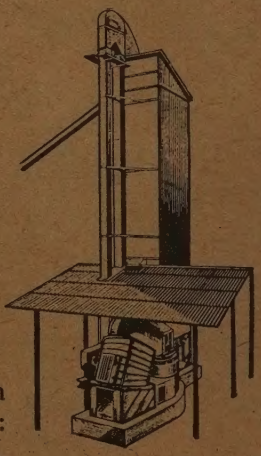
- **Fôrça motriz:- 1 HP**
- **Pêso: 470 kg.**
- **Produção: 30 a 100 sacos por hora, conforme quantidades de cereja, pedra e torrões.**

Segue montado

Secador MOREIRA

Constitue sua propria casa

O café, secado a ar quente, é despejado diretamente na tulha definitiva. Larvas e ovos de broca, são totalmente destruidos. Opera com apenas 1 homem.



Fabricamos tambem **SECADORES** para: arroz, milho, feijão, alfafa, bagaço de cana, etc.

Consultem-nos sem compromisso.

Entregues prontos p/ funcionamento.

Fôrça motriz: 5 HP
Consumo de lenha: 1 m 3 cada 10 horas

Capacidade: 300 alqueires em cada carga. (150 sacas de 100 litros)

Montagem gratuita

PEÇA-NOS MAIORES INFORMAÇÕES E UMA LISTA DOS POSSUIDORES DE PRODUTOS MOREIRA

Máquinas Moreira S.A.

Rua da Mooca, 2100 - Fone: 9-1164 (14 ramais) - Caixa Postal, 5822 - End. Telegr. "SECADORES" - São Paulo

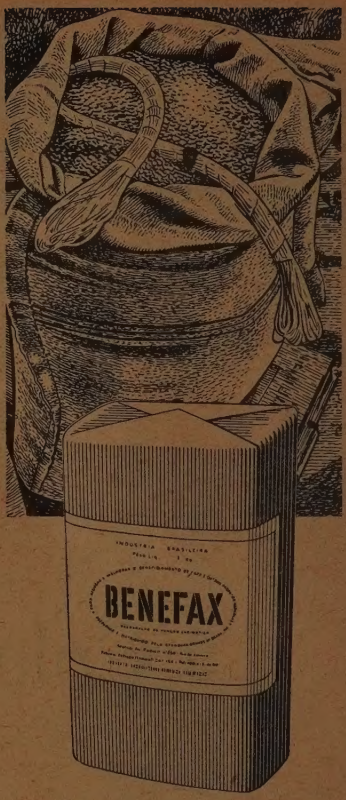
Promotion

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

Você pode obter -em tôdas as safras- CAFÉ melhor e melhores preços!



USE

BENEFAX

no tratamento do café em cereja e AUMENTE SEUS LUCROS

Agora você pode conseguir a padronização de um tipo de café superior... e melhores cotações no mercado. Isto graças a *Benefax*, um pó à base de enzimas, que torna mais rápida a digestão da mucilagem ou mel do café. Usado na forma conveniente, *Benefax* atua sôbre a fermentação do café e oferece tôdas estas vantagens:

Economia nos tanques

Acelerando o processo de fermentação, evita o congestionamento dos tanques na fôrça da safra, aumentando-lhes a capacidade, sem despesas para a sua ampliação.

Redução no processo - Diminuindo o tempo de fermentação para seis a oito horas, possibilita que, *no mesmo dia*, se possa colhêr, despolpar e fermentar o café, deixando-o em condições de ser levado aos secadores.

Elevação do tipo - Controlando a fermentação, possibilita a padronização de um tipo de café superior e a sua obtenção em tôdas as safras.

1 kg de Benefax dá para 400 kg de café despolpado. 1m³ equivale a 850 kg de café despolpado e exige 2,125 kg de Benefax. Deve-se remover o excesso de água do café despolpado antes de misturar, e misturar bem.

Mantenha Benefax bem fechado *na sua embalagem original, a fim de preservá-lo da umidade. Dessa forma êle conservará melhor suas propriedades.*

Para maiores informações, dirija-se à

STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.

Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro

STANDARD BRANDS — UM DOS MAIORES VENDEDORES DO CAFÉ BRASILEIRO NOS EE.UU.

Bases de uma política racional para o café

J. Testa

I

No Brasil, hoje em dia, todos opinam sôbre o café. É todavia extremamente complexo o problema, mesmo para os que dêle entendem e que a êle se dedicaram durante longos anos. Há detalhes que chegam a escapar mesmo aos técnicos, pois os que o são sob o ponto de vista comercial não o são sob o ângulo da agronomia, do transporte, da propaganda, do beneficiamento. E quem chegue a entender de todos não será talvez profundamente especializado em nenhum.

Versando o assunto de longa data e acompanhando-lhe, diuturnamente, as incertezas, os triunfos, as vicissitudes, chegamos à conclusão de que sem um plano metódico e orgânico, que abranja o problema em todos os seus aspectos, nunca se poderá resolvê-lo. Eis porque imaginamos submeter à apreciação daquêles a quem diretamente êle pode interessar — cafeicultores, comerciantes, autoridades — um esquema tanto quanto possível completo, que abranja o conjunto da questão cafeeira. Tratando-se de um esquema, procuramos evitar detalhes e argumentação. Objetivamos a feitura de um plano de conjunto. Para cada aspecto deverá ser examinado e seguido o que de melhor exista, de autoria de cada técnico especializado no respectivo setor. São, êsses técnicos, sobejamente conhecidos no país, pelos que se dedicam aos problemas cafeeiros. Cada setor tem o seu especialista, bem conhecido, nos meios comerciais, agronômicos e administrativos. Desnecessário pois, e mesmo impossível, dada a índole dêste trabalho, entrar em minúcias para cada caso. É esta a nossa contribuição para o exame e solução de um problema ao qual temos dedicado algumas dezenas de anos de pacientes e desvelados estudos.

* * *

Antes de entrar a fundo no exame do problema, cumpre estabelecer certas premissas. Façamo-lo de um modo sintético, de acôrdo com o feitio dêste estudo.

A *primeira* delas é que será absolutamente impossível conseguir unanimidade de pontos de vista sôbre qualquer dos aspectos do problema. O assunto, além de complexíssimo, é sujeito às mais variadas contingências de meio e de momento: o que serve para o comerciante nem sempre serve para o produtor, e o que é conveniente para um fazendeiro não o é para outro, vizinho às vêzes. A êste, produtor de cafés finos, interessam medidas protetoras dêsses cafés, coisa que pode não convir ao produtor de cafés duros ou riados. Para alguns, é capital, é absorvente, o problema do financiamento. A outros, em folgada situação financeira, outros problemas podem mais preocupar que o de numerário.

De tudo isso resulta a primeira premissa: é necessário estabelecer um denominador comum, uma linha geral, que possa atender às conveniências do

país e da maioria dos cafeicultores e comerciantes, muito embora não o possa às especialíssimas condições de cada um, podendo, mesmo, em certos casos, tender à eliminação cirúrgica de certos órgãos ou membros enfermos do organismo cafeeiro.

A propósito disto, e sem nos alongarmos, cabe notar de passagem o que ocorreu quando, há um quarto de século, se procurou conseguir, pela racional eliminação dos cafèzais decadentes, combater a superprodução. Muitos lavradores seriam favoráveis à eliminação, mas... do cafèzal do vizinho. Alegavam uns que os cafeeiros das zonas 'moles' não deveriam ser eliminados, em razão da qualidade do produto. E contestavam outros que êsses é que eram os cafèzais deficitários, sendo os das zonas 'duras' os mais produtivos e que, por conseguinte, não poderiam ser sacrificados. Êsse impasse trouxe como consequência a eliminação, conforme resolvido pelo Conselho Nacional do Café e continuado pelo D.N.C., do café já colhido, ao envés do cafeeiro velho, enfermo ou raquítico. Foi um absurdo econômico que tem sido muitas vêzes citado mas nem sempre devidamente apreciado nos seus fundamentos e nas suas origens.

* * *

Segunda premissa: não obstante sermos convictos partidários da livre iniciativa é imperioso que, na presente conjuntura, dada a gravidade da situação cafeeira e as urgentes e indispensáveis medidas que devem ser tomadas, a solução do problema tenha de ser entregue à administração pública, muito embora com a cooperação e mesmo o conselho das classes diretamente interessadas. Medidas imprescindíveis como a disciplinação do plantio, o beneficiamento do produto, seu escoamento e comercialização não mais podem ser tomadas, pelos particulares, com a eficácia e amplitude necessárias. Ninguém mais do que nós tem defendido o *free enterprise*. Mas, chegou o momento de se reconhecer que, na presente situação, o particular, sòzinho, não mais pode resolver o grave problema cafeeiro, que é extremamente vasto e complexo para ser solucionado mesmo por entidades classistas poderosas e organizadas. A própria "Associación Cafetera de Colômbia", tão poderosa que, com os seus próprios recursos, planta, comercializa e transporta seus cafés, chegando a "fazer" o próprio govêrno do país, não pode agora prescindir da ação governamental, pelo menos no que diz respeito ao câmbio e à atuação diplomática, que cada vez mais se faz mister com relação ao café.

* * *

Terceira premissa: o café é nacional. Ou, mais que isso, é mundial. Pretender resolver-lhe os problemas com gestões de índole regional, com bairrismos, paulistismos ou mineirismos é puerilidade. Trata-se de uma obra comum, em que todos devem colaborar, e de um problema para cuja solução se tornam necessárias tôdas as forças vivas do país: Ministério da Fazenda, Ministério da Agricultura, Ministério do Exterior, Congresso, Imprensa, Banco do Brasil, Secretarias da Agricultura dos Estados, Instituto Brasileiro do Café, Associações Comerciais, Emprêsas de Transporte, Exportadores, Comissários, Produtores, Técnicos, Agrônomos... O problema é por demais amplo para ser

tratado por uma só entidade ou categoria — social, política, econômica ou administrativa.

* * *

Quarta premissa: o problema cafeeiro é formado de questões que se interpenetram, de peças que têm de ser ajustadas umas às outras. Pretender resolvê-lo solucionando apenas uma ou algumas dessas questões é uma utopia. Ou se ataca o problema em seu conjunto ou não se poderá resolvê-lo. Cada qual ventila de preferência o detalhe que mais lhe interessa particularmente, ou que mais conhece. Mas, insistimos, sòmente uma solução de conjunto pode dar cabal resultado.

* * *

Quinta e última premissa: é indispensável ter equilíbrio de julgamento. Há certos aspectos do problema cafeeiro (aliás de qualquer problema) que podem ser apreciados de um ou de outro modo, dependendo da forma de considerá-los, da data em que os examinamos, das comparações que fazemos, da relatividade de outras questões que lhes antepomos. Quanto à aguda e atual questão dos preços, por exemplo: há quem julgue que os norte-americanos poderiam e deveriam pagar mais pelo café, já porque seu preço é baixo em relação a outras utilidades, já porque as quantias pagas voltam ao país sob a forma de novas aquisições já, finalmente, pelo fato de que se justificava, pelo motivo das geadas e conseqüente favorável posição estatística, a alta das cotações. Há, todavia, quem oponha a êsses os seguintes argumentos: o Brasil forçou a mão, em demasia, não no começo mas depois, exatamente quando já existiam maiores disponibilidades cafeeiras nos mercados mundiais; o problema não é só econômico, mas também psicológico, para os consumidores americanos; nossa inflacionária situação interna, conjugada a uma posição cambial desajustada, forçou os preços para bases superiores às do mercado internacional; e além de tudo, dizem êsses segundos observadores, cabe notar que marchamos para um "mercado de comprador", para uma nova superprodução.

Vê-se, pois, como um mesmo assunto pode ser examinado de ângulos diversos. Muito equilíbrio de julgamento é indispensável, em consequência.

* * *

Isso pôsto, examinemos o conjunto do problema à base das considerações anteriores. Insistimos em que, se não se atentar para todos os aspectos da questão, não se poderá resolvê-la completamente. Ter-se-á uma solução aparente, uma solução de momento, para renascer a questão, a seguir, sob outro ou outros aspectos. E, quanto a uma solução ampla e completa, só poderá ser obtida a longo praso, paulatinamente, pois depende de numerosos fatores que se interpenetram e que não se resolvam com regulamentos, instruções ou quaisquer "mágicas" de fundo financeiro ou cambial. A solução cabal terá que ser *econômica e ortodoxa.*

Simplificando, ao máximo, o problema, quase se poderia resumí-lo no seguinte: a) produzir melhor e mais barato; b) saber vender.

Atrás dessas duas afirmações, quase truismos, há porém, um mundo de providências a tomar e de trabalhos a realizar, sendo que os de caráter urgente devem ter um encaminhamento de emergência, enquanto se promove a solução definitiva dos problemas de fundo.

* * *

Esquematizemos, agora, nossa idéia, sem entrar em muitos detalhes sôbre cada item, pois partimos da suposição de que êste estudo é feito para entendedores; e mesmo porque, repetimos, o que desejamos fazer é um simples estudo-roteiro, uma sistematização.

Como norma, estabeleça-se que *o café deve ser assistido em tôdas as suas fases, desde antes do plantio até a xícara do consumidor.*

Eis, segundo nosso ponto de vista, uma sinopse sôbre o que julgamos deva constituir a base de uma política racional para o café:

A) PRODUÇÃO
1) Regiões de plantio
2) Terras apropriadas
3) Proteção das florestas e cursos de água
4) Semente selecionada
5) Modo de plantio
6) Defesa contra a erosão
7) Adubação racional
8) Combate às pragas e moléstias
9) Replantio; combate às falhas
10) Irrigação
11) Mecanização
12) Podas e desbastes; boa formação do cafeeiro
13) A questão do sombreamento

B) SECAGEM E BENEFICIAMENTO
1) Colheita no ponto de maturação
2) Seca ao sol
3) Seca em estufa
4) Fermentos
5) Despolpamento
6) Ágios sôbre cafés finos

C) ARMAZENAMENTO
1) Localização dos armazéns
2) Armazenamento misto ou especializado
3) *Warrants;* Certificados de armazenagem e de classificação

D) TRANSPORTE
1) A ordem do transporte
2) O veículo
3) As garantias

E)	COMERCIALIZAÇÃO	1) Preços (baixos, altos ou *adequados?*) 2) Câmbio 3) A burocracia cafeeira
F)	PROPAGANDA	1) Europa 2) Estados Unidos 3) Novos mercados 4) Países da "cortina de ferro" 5) Acôrdos comerciais 6) Portos francos 7) Novas bolsas de café 8) Propaganda "comercial" ou "burocrática"?
G)	CONVÊNIO CAFEEIRO INTERNACIONAL	1) Exequível? 2) Conveniente?
H)	INDUSTRIALIZAÇÃO DO CAFÉ	1) O extrato sêco 2) Os sub-produtos
I)	FINANCIAMENTO	1) Quais as bases do financiamento? 2) Empréstimos a juros baixos e longo prazo 3) Banco Central; Banco Rural e Hipotecário
J)	FISCALIZAÇÃO	1) Tipos e qualidades 2) "Zonas" e "Marcas" 3) Mercado no interior ou nos portos? 4) Legislação simples e precisa

* * *

Examinaremos, a seguir, cada um dêsses itens.

O PRECEITO DO DIA

INDISPENSÁVEL À SAÚDE

Os sêres vivos têm necessidade do oxigênio. Sem êle não pode haver vida. Na espécie humana, o oxigênio é levado aos pulmões pelo ar que se respira.

Procure respirar ar puro, abundantemente, dando ao organismo o oxigênio de que precisa.

A TURFA E SUAS PROPRIEDADES

J. Bemelmans
Engenheiro Agrônomo

Uma *definição* exata da turfa não é tarefa fácil pois êste material é extremamente variável, e acatando os autores merecedores de consideração diremos que ela é formada de restos de vegetação aquática (de brejos, lagoas, etc.) preservada pela água, e em estado de decomposição parcial (Soil & Men).

Distingue-se duas grandes categorias de turfeiras: as altas e as baixas.

Nas turfeiras altas, o nível da água abaixa as vêzes, deixando a parte superior do depósito em contato com o ar, permitindo uma aeração temporária. A acidez de tais turfas é forte (pH muitas vêzes inferior a 4).

Nas turfeiras baixas a água sempre cobre a matéria orgânica. Seu pH é neutro ou alcalino (Chaminade).

A *formação* da turfa exige uma água pouco profunda, límpida, renovada sempre, mas lentamente, com um fundo impermeável ou pouco permeável, um clima frio ou temperado.

O crescimento da turfeira seria devido, em geral, aos musgos que se desenvolvem sem parar, de baixo para cima, enquanto sua parte inferior decompõe-se e carboniza-se lentamente, debaixo da água, isto é ao abrigo do ar. Desprende-se gaz metano, ficando um resíduo rico em carbono, ou seja a turfa.

O corte vertical desses depósitos mostra geralmente três camadas: a superior em via de crescimento; a média já bem adiantada na formação da turfa; e a inferior completamente formada. Esta última só serve para queimar, pois contém 60% de sua matéria sêca em carbono.

O crescimento das turfeiras seria 30 a 100 centímetros por século (Instituto Agrícola d'Oka).

Como composição de turfas podemos citar:

	Mat. org.	N %	P205 %	K20 %	CaO %
S.A. Waksman (Humus-pg. 273)					
turfas altas		nd	0,04	0,06	0,15
			a0,12	a0,15	a0,65
turfas baixas		1,21	0,06	0,06	1,80
		a3,73	a0,35	a0,20	a4,50
Labor. Análises de Adubos Secret. Agrc. — São Paulo					
n.º 9009 de Jaú (1927)	19,75	0,59	nd	nd	nd
n.º 9421 Soc. Rural Brasil. (1928)	21,15	0,58	traços	nd	nd
n.º 9496 Th. Wille & Cia. (1929) média	23,22	1,10	nd	nd	nd
n.º 9739 Mangue (1929)	28,87	1,36	0,10	0,07	1,10
n.º 1826 Cravinhos (1943)	34,57	0,36	traços	0,25	nd
n.º 1827 Cravinhos (")	16,50	0,13	traços	0,05	nd
média 8 análises-Lagoa da Prata (MG)		1,6	0,09	nd	0,26
		a3,6	a0,19		a1,54
Conforme Wery Ag. Agric.		1,20	traços	traços	1 a 2

Se, do ponto de vista aritmético essas composições assemelham-se àquelas do estêrco, no ponto de vista material capaz de decomposição, isto é capaz de trazer vida biológica ao solo, a diferença é enorme. O material componente das turfas é muito resistente à decomposição. Sua relação C/N é muito elevada (20 a 50 para 1) além de uma acidez média vizinha de 3,5. Estes dois impedem a vida dos micróbios nitrificadores e outros, formadores do verdadeiro húmus.

Por isto a turfa não é um adubo, nem mesmo um melhorador do solo, como o é o estêrco ou o composto. A turfa empregada tal qual pode mesmo matar as plantas, como fomos testemunhas no gramado da Via Dutra, perto de Guarulhos.

Aliás a turfa não pode ser manipulada ou comercializada como "adubo", pois isto é contrário a lei que rege o assunto.

A utilização da turfa na agricultura, e o estabelecimento de culturas em terras turfosas constituem um grande problema para resolver, tanto técnico como financeiro.

A turfa, para tornar-se produto últil deve ser misturada com calcário, ou melhor ainda hidrato de cal (ou cal extinta) para diminuir sua acidez; e com um sal nitrogenado (nitrato de cálcio, ou de potássio, ou sulfato de amônio), para melhorar a relação C/N para menos de 20/1. Muitas vêzes a adição de fosfato moido ou bicálcico, é também indicada.

Esta turfa assim preparada (1/3) poderá ser misturada com estêrco (1/3) e materia orgânica (1/3) para fazer um compôsto de bom valor.

Talvez ela pudesse ser "bacterizada" depois de sua mistura com produtos calcários e azotados.

O que não parece possível é a turfa ser "bacterizada" tal qual, especialmente empregando apenas culturas de leguminosas. Já fomos ver uma demonstração nesse sentido, anunciada para os "ecólogos marca São Thomé" e não encontramos nada, nem siquer o "pai da criança"!.

Os solos turfosos da baixada fluminense continuam a ser problema, principalmente pelas poucas possibilidades de drenagem conveniente. E quando podem ser postos em cultura, após pouco tempo aparecem deficiências de nutrição, muito especialmente de potássio e de fósforo.

Mas os especialistas também chamam a atenção sôbre as possíveis faltas de cobre (muito usado em Holanda), de magnésio e de manganês.

As doses elevadas de sais de potássio necessárias, nestas terras, devem ser fracionadas, para não serem massiças. Parece convir aplicar o sulfato (de preferência) ou o cloreto de potássio, em cobertura, misturando o adubo com o ancinho ou a carpideira, apenas. Isto para evitar a possível formação de sais de alumínio, tóxicos.

A incorporação de doses fortes de estêrco ou composto, é também necessária nos terrenos turfosos.

E como já explicado acima, calcário e adubos azotados são indspensáveis.

Estamos pois longe dos milagres provocados pela turfa em si. Bem complementada, arejada e tratada, ela pode vir a ser uma bôa reserva... após alguns anos.

UM CONTRASTE

MOTA SOBRINHO

Há mais de um ano está o Govêrno Federal com alguns bilhões de cruzeiros empatados na compra de 3.500.000 sacas de café; acrescentemos a êsse capital os juros, armazenagem, seguro, despesa com o funcionalismo para guardar o café armazenado, (guardar ou dar-lhe desfalque...) e teremos uma soma astronômica. Entretanto, apezar dos pesares, essa aventura financeira poderia dar lucro ao Govêrno; porque a compra foi feita com a proteção do câmbio imposto ao café, espoliador da classe exportadora; ao passo que a venda será feita ao câmbio livre, ou pelo dobro do preço. Mas vae dar prejuízo, porque o café comprado é constituido pela escória da safra, com a agravante de estar misturado a cêrca de vinte por cento de pedras, paus, cascas e outras impurezas. É por êsse motivo que o govêrno ainda não conseguiu vender a indesejável mercadoria. Continua, como consequência, a fabricar dinheiro papel, aumentando assustadoramente a inflamação, invés de transformar o café comprado em moeda legítima. E que soma extraordinária não dariam as 3.500.000 de sacas de café, se êle fosse fino! A cotação atual dos cafés finos na Europa e nos Estados Unidos corresponde a Cr$ 5.000,00, por saca, ao câmbio livre; de modo que o govêrno poderia receber perto de vinte bilhões de cruzeiros, numa venda bem orientada e deixaria de perder, entre juros e armazenagens, alguns bilhões de cruzeiros.

Porque não é de cafés finos o produto comprado pelo govêrno? — Porque estão desaparecendo os cafèzais das zonas produtoras de cafés finos; e porque, mesmo em outras zonas, mais produtivas, ninguém se abalança a gastar o que um preparo cuidadoso requer; a razão primária é que o Govêrno Federal onerou a lavoura do café além do que ela pode suportar, e nessa conjuntura ela não pode ter elementos para uma produção esmerada.

Ao lado desse tratamento, dispensado a uma classe que enriquece o país e se empobrece, é grato lembrar o procedimento do govêrno de São Paulo para com as classes rurais. A Secretaria da Agricultura mantém diversos estabelecimentos científicos, fazendo estudos teóricos e práticos sôbre a cultura da rubiácea; e mantém, nos municípios, agrônomos e veterinários que servem de traço de união entre os ensinamentos da ciência e as atividades dos homens do campo. Graças a essa feliz organização as chamadas zonas velhas estão reflorescendo. Campinas tem, de novo, cafèzais que rivaliza com os do Norte do Paraná, em produção e os superam em qualidades.

Na zona Mogiana, famosa pela produção de cafés finos, os cafèzais velhos estão sendo substituidos por novos, de variedades mais econômicas e plantados em curva de nível e com espaçamento menor. Os dois grandes flagelos da lavoura,

nesta zona, a erosão e a rápida combustão da matéria orgânica do solo, são reduzidos ao mínimo com êsses novos métodos. Em futuro próximo a região serrana da Zona Mogiana estará com suas terras agrícolas cobertas de *húmus*, proporcionando aos novos cafèzais, de mundo novo ou bourbon, colheitas abundantes e de ótima qualidade.

Êsse fator de prosperidade nacional deve-se ao govêrno de São Paulo e mais especialmente aos ilustres representantes da Secretaria da Agricultura nas zonas agrícolas e de criação.

Peço permissão para destacar um agrônomo especializado em conservação do solo, e cujo trabalho em diversos municípios da Mogiana tem permitido a renovação, em moldes modernos, de grande parte dos cafèzais velhos da região: o dr. José Delfim Canetieri. De acôrdo com as casas da lavoura de São João da Boa Vista, de Pinhal e outras, êle prepara, por assim dizer, a base dos novos cafèzais, traçando com perfeição a rapidez as curvas de nível; e as plantações novas completam êsse grandioso empreendimento, orientado pelas casas de Lavoura, e executado por êsses heroicos lavradores, que fazem do seu sacrifício a grandeza do país.

Como se vê, há um profundo contraste entre os métodos do govêrno da União e os de São Paulo, quanto à maneira de apreciar a obra dos cafeicultores nacionais: para o govêrno da União, o confisco é o único fator de aproximação entre êle e a lavoura; para o govêrno de São Paulo, essa aproximação é feita pelo desejo de prestar assistência.

Adubação exata? exija de seu fornecedor

FÓRMULAS COMPLETAS EQUILIBRADAS COM POTASSA

o elemento indispensável para o bom efeito do fósforo e do azôto.

POTABRASIL

Informações e folhetos técnicos gratuitos :

COMPANHIA BRASILEIRA DE POTASSA E ADUBOS

Pr. da República, 270 - C. Postal, 6082 - Tel. 34-1247 - S. Paulo

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES
DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina
Aeroporto de Congonhas (Capital)
Amparo
Andradina
Araçatuba
Araraquara
Araras
Atibaia
Avaré
Barretos
Batatais
Baúru
Bebedouro
Botucatú
Biriguí
Bragança Paulista
Brás (Capital)
Caçapava
Campinas
Campos de Jordão
Casa Branca
Catanduva
Dracena
Franca
Gália
Guaratinguetá
Ibitinga
Itapetininga
Itapeva
Itú
Ituverava
Jaboticabal
Jaú
Jundiaí
Lençois Paulista
Limeira
Lins
Lucélia
Marília
Mirassol
Mogi-Mirim
Novo Horizonte
Olímpia
Ourinhos
Palmital
Penápolis
Pinhal
Piracicaba
Pirajuí
Pirassununga
Pompéia
Presidente Prudente
Presidente Venceslau
Quatá
Rancharia
Registro
Ribeirão Preto
Rio Claro
Santa Cruz do Rio Pardo
Santo Anastácio
Santos
S. Bernardo do Campo
São Carlos
São João da Bôa Vista
São Joaquim da Barra
São José do Rio Pardo
São José do Rio Preto
São Simão
Sorocaba
Tanabí
Taubaté
Tietê
Tupã

AGÊNCIA EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás
Goiania — "
Campo Grande — Mato Grosso
Natal — Rio Grande do Norte
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Rio de Janeiro — Distrito Federal
Uberlândia — Minas Gerais

MATRIZ: Praça Antônio Prado, 6 — São Paulo — Caixa Postal, 789 — Endereço telegráfico: BANESPA

Resumos e Transcrições

Abelhas no cafèzal

Em São Paulo, de modo geral, os apicultores não dão muita importância ás floradas do cafeeiro, relegando-o a plano secundário como fornecedor de polém. Plantas como o assa-peixe, a lixa, o eucalipto, a laranjeira são as grandes fontes a que recorrem os produtores de mel, que as consideram indispensáveis nesta época — agosto e setembro — para o crescimento da população das abelhas e a produção de mel por colmeia. Agora, o Instituto de Assuntos Interamericanos incluiu no programa do Ponto IV o estudo da apicultura e as possibilidades do seu desenvolvimento no meio do cafèzal, realizando um trabalho de pesquisa em colaboração com o Ministério da Agricultura e Indústrias de Costa Rica. Vários técnicos norte-americanos se transportaram para êsse país, divulgando nas revistas especializadas dos Estados Unidos dados a respeito do assunto.

"A cultura mais importante de Costa Rica — diz o professor E. J. Dyce, na revista "American Bee Journal" — é a do café, cuja alta qualidade consegue os melhores preços no mercado exterior. As plantações ocupam, aproximadamente, 115.000 acres, ficando a maior parte no planalto que circunda a capital, São José. Muitos cafeicultores estão interessados em experiências para verificar se as abelhas têm influência no aumento de suas colheitas. Dois plantadores afirmaram que os pés de café que se achavam nas extremidades das plantações próximas de algumas colônias de abelhas deram maior produção do que os cafeeiros localizados a maiores distâncias. O café se classifica entre os arbustos normalmente considerados autogamas. Mas, experiências de muitos anos já provaram que certas plantas autogamas melhoram consideràvelmente quando as flôres são visitadas por grande número de abelhas. Nos Estados Unidos, as cerejeiras exemplificam bem essa afirmação. Centenas de colmeias têm sido alugadas, nos últimos anos, para polinizar as cerejeiras e esse uso aumenta dia a dia. Os frutificultores acham que as abelhas aumentam o tamanho e melhoram a qualidade das colheitas. Dado o grande interêsse despertado pela polinização do café, foi elaborado um plano de cooperação — no qual estou trabalhando — entre o Instituto de Assuntos Interamericanos e o Ministério da Agricultura de Costa Rica, para estudo da matéria. O trabalho ainda não está concluido. Se ficar provada, porém, a utilidade das abelhas no cafèzal, o número de colônias em Costa Rica terá de ser muito aumentado para dar conta da tarefa".

O estudo do problema tornou possível, de outro lado, o desenvolvimento da apicultura em Costa Rica, onde o rendimento por colmeia é equivalente ao que se obtém na região de Limeira, neste Estado, ou seja, 35 quilos por colmeia, enquanto os melhores apicultores conseguem, em casos especiais, de 45 a 90 quilos. O govêrno costarriquense fundou uma Escola de Apicultura, onde cêrca de 30 alunos fazem anualmente um curso teórico e prático, que depois completam trabalhando 200 horas em um apiário comercial. Toda a produção é exportada, sendo considerado excelente o mel de Costa Rica, o qual contribui assim, com o café, para manter em alto nível a economia do pequeno país centro-americano.

(Do "O Estado de S. Paulo")

CAFÉ E SOMBREAMENTO

Lauriston POUSA BICUDO

O PROBLEMA, ANTES DAS DUAS ÚLTIMAS GEADAS

A FOLHA DA MANHÃ de ..... 24-9-1950 publicou um trabalho nosso sob o título "Uma Oportunidade Para o Sombreamento" no qual, após tecermos uma série de considerações sôbre o problema como se achava então equacionado, concluimos pela necessidade de uma nova fase experimental do debatido assunto. Entre outras coisas, afirmavamos naquele ensejo:

a) As experiências, realizadas com indiscutível rigor e segundo os ensinamentos da época, muito embora tenham concluido pela negação do método, não deviam ter assumido um carater definitivo — mesmo porque, desses mesmos experimentos colheram-se preciosos ensinamentos que poderiam servir de base a um novo programa experimental. Ficou demonstrado, por exemplo, que:

1.o — é um erro grave repicar ou transplantar as árvores de sombra, para não afetar a raíz mestra (pião).

2.o — a sombra não deve ser superior a 50%.

3.o — sòmente certas espécies e variedades são apropriadas ao sombreamento de cafèzais, no planalto paulista.

b) Pelo que o sombreamento poderia representar na solução dos problemas de conservação do solo do suprimento de matéria orgânica e da melhoria da qualidade do produto, estava o processo merecendo nova oportunidade experimental, despidos os novos ensaios, então, daquilo que se convencionou chamar de erros (árvores inadequadas, excesso de sombra, etc.).

c) Não se tratava — e nem se trata — de ser contra ou a favor do sombreamento, e muito menos de "conferir ou deixar de conferir fé" aos rigorosos trabalhos de nosso principal estabelecimento de pesquisas agrícolas, pois a ninguém, no Brasil ou no mundo, é lícito duvidar da severidade científica, com que se realizam as pesquisas agronômicas em São Paulo.

Ponderavamos, tão sòmente, que o sistema de sombreamento, face às inúmeras e transcedentes vantagens técnicas com que nos acena, mereceria maior labor, maiores gastos mais exaustiva experimentação para se poder colocá-lo definitivamente à margem ou, se fosse o caso, recomendá-lo oficialmente.

AS NOVAS CIRCUNSTÂNCIAS DO ANTIGO PROBLEMA

O problema do sombreamento foi novamente posto à superfície principalmente em decorrência das duas últimas geadas que tantos prejuízos ocasionaram às lavouras a pleno sol. Ainda recentemente, através deste suplemento agrícola, o sr. José Gomes da Silva focalizou com precisão o assunto, interpretando, cremos nós, o pensamento de ponderável parcela de cafeicultores — especialmente quando sugere o novo ciclo experimental.

Com efeito, os exemplos do sr. Manuel Sampaio, de São Manuel, e da fazenda Monte d'Este, de Campinas, assim como uma série de novas circunstâncias que envolve a cafeicultura paulista nos dias atuais, estão dando novo equacionamento ao velho problema. Vejamos:

1.o — A necessidade de *defender economicamente* os cafèzais contra as geadas, para prevenir prejuízos às vezes totais.

2.o — A necessidade de se obter uma forma *perfeita e econômica* de se conservar o solo, em lavouras antigas plantadas em quadro (95% da população cafeeira de São Paulo).

3.o — A necessidade de dar aos cafèzais, para recuperá-los, um suprimento de matéria orgânica tal, que na prática não se consegue senão muito parcialmente (dificuldades práticas e econômicas).

4.o — Uma imposição do mercado: produção mais volumosa de cafés finos.

O fato é que, para uma parcela bastante expressiva da lavoura cafeeira paulista, a questão de sombrear ou não sombrear ainda está de pé, e assim permanecerá enquanto não nos dedicarmos a derimir as legítimas dúvidas existentes, mediante f r a n c a experimentação em moldes mais modernos ou atuais.

IMPÕE-SE UMA NOVA FASE EXPERIMENTAL

Julgam muitos que há necessidade de novos estudos, os quais, naturalmente, à Secretaria da Agricultura caberia realizar. Assim como é norma o Estado ir ao encontro dos lavradores em seus verdadeiros anseios de progresso técnico, seria razoável que, na elaboração do novo programa experimental que eventualmente se estabeleça, fosse requisitada e aproveitada a colaboração de tantos quantos se interessam pelo assunto, no fornecimento de elementos para um planejamento o mais objetivo e realístico possível. Aliás, os técnicos de pesquisas, entre nós, sempre primaram pela objetividade e justeza com que planejam seus trabalhos — e isto explica, diga-se de passagem, a enorme ascendência dos resultados finais por eles obtidos sobre a grande prática rural. E nem poderia ser de outra forma. Acontece que, no caso específico do sombreamento, em geral se reconhece não termos chegado, evidentemente, a resultados finais.

Alguns pontos dependentes de ensaios, poderiam ser assim catalogados: 1.o — porcentagem correta e controlada de sombra: não maior que

50%: 2.o — árvores plantadas diretamente, cuja raíz principal seja profunda; 3.o — sombreamento do "caturro": prática promissora e pouco estudada; 4.o — contribuição real do sombreamento, para a produção de cafés finos; 5.o — as espécies arbóreas de folhas caducas, resolveriam o problema da concorrência em água? Que proteção à geada ofereceriam?; 6.o — com sombra controlada e os novos métodos de combate químico, a broca assumiria importância decisiva, contra o sombreamento?; 7.o — aliança SOMBREAMENTO E IRRIGAÇÃO, em face da questão de concorrência em água — se esta persistir; 8.o — o "quantum" da melhoria do tipo e bebida do café: compensaria uma possível quebra de rendimento?

Como essas, outras indicações se fazem em torno do sombreamento, destacando-se, a nosso ver, a que cogita de resolver, com essa prática, o problema da decadência precoce de cafèzais de certas zonas do Estado: determinaria o sombreamento cientìficamente conduzido a dilatação do período de produção econômica dos cafèzais de solo arenoso e clima quente?

Existe, realmente, um problema básico de cafeicultura em São Paulo. E' mister que verifiquemos, exaustivamente, as verdadeiras possibilidades do tão debatido método do sombreamento, nos termos em que, agora, está sendo colocado.

(Da "Fôlha da Manhã").

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — *ALGODÃO* — *BORRACHA* — *TITULOS* — *CAMBIO* — *METAIS* *AÇUCAR* — *CACAU* — *JUTA* — *TRIGO* — *COUROS* — *ETC.*

Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 — 4.o andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Líbero Badaró, 488 — 2.º andar
Fone: 33-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 — 4.º andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

Plantio da soja como cultura intercalar em cafèzais geados do norte do Paraná

José Gomes da SILVA
(Engenheiro-agrônomo)

Devido à geada de agosto último, estão os lavradores do Norte do Paraná preocupados em melhorar a sua receita mediante o plantio de culturas intercalares no cafèzal atingido. Dentre estas, é preciso destacar o interesse demonstrado pelo plantio da soja, leguminosa de fácil produção e, que, devido às suas qualidades de produto não perecível, com possibilidade de colocação no mercado internacional ou no próprio parque industrial paulista, poderá não apresentar o perigo de aviltamento de preços que decepcionou os que produziram cereais naquele Estado, após a geada de 1953.

Sendo a FOLHA DA MANHÃ um jornal de grande circulação no Norte do Paraná decidimos, em face do grande número de consultas que estamos recebendo, preparar algumas instruções práticas que poderão orientar os lavradores do vizinho Estado no plantio da preciosa leguminosa.

INTRODUÇÃO

Embora a experiência condene a cultura intercalar, há duas situações em que ela pode ser praticada sem causar prejuízos à lavoura de café: na formação de novas culturas (até o 4.o ou 5.o ano) e após a queima do cafèzal pela geada. Nestes dois casos deve-se recorrer a plantas que prejudiquem o menos possível o terreno e que façam também pouca concorrência ao café.

Experiências feitas pelo Instituto Agronômico de Campinas mostram que feijão é a cultura intercalar que menos prejudica o café. Isso se verifica devido ao fato de ser o feijão uma leguminosa, isto é, uma planta que retira a maior parte do azôto do ar e não da terra.

A soja ou feijão soja, da mesma forma que o feijão, é também uma leguminosa e por isso não faz grande concorrência ao café. Tanto a soja como o feijão foram recomendados pelo Instituto Agronômico de Campinas como as culturas que devem ser plantadas no cafèzal geado, em lugar do milho, do arroz ou do algodão.

Sendo a soja um produto de exportação e de grande aplicação industrial, não só no Brasil como no estrangeiro, é de se esperar que tenha menores variações de preços do que os cereais e o feijão. Além disso, pode ser armazenada sem carunchar, o que permite ao produtor guardá-la por mais tempo, à espera de bons preços.

ÉPOCA DE PLANTIO

No Norte do Paraná a soja pode ser semeada desde o mês de outubro até o fim de dezembro. É preciso lembrar que a *soja não pode ser plantada em duas épocas como o feijão*: se semeada em setembro (como o feijão das águas) ou em janeiro-fevereiro (como o feijão da sêca) a produção obtida será muito pequena.

As variedades comuns ("grauda" ou "miuda") devem ser plantadas de outubro a dezembro. Depois desta época apenas as variedades conhecidas como "três meses" ("wace" dos japoneses) podem produzir alguma coisa.

ESPAÇAMENTO E QUANTIDADE DE SEMENTES

Dependendo do espaçamento e do desenvolvimento do cafèzal, pode-se semear de 2 a 4 linhas de soja no meio de cada rua de café. A regra a seguir consiste em deixar sempre uma distância mínima de 60 centímetros entre a linha de soja e o pé de café. Assim, em cafèzal de 2 anos plantado a 16 palmos, pode-se plantar folgado três linhas de soja, espaçadas 50 centímetros uma da outra.

Dentro da linha, deve-se plantar a soja como o feijão: em covas, na base de 3 covas por metro. Emprega-se para isso a plan-

tadeira manual comumente usada para os cereais, semeando-se três a cinco sementes por batida, em covas mais picadas que o milho. Gastam-se, assim, para cada 1.000 pés de café, 10 quilos de sementes por linha de soja, usando variedades de sementes graudas. Quando se planta a variedade "abura" ("miuda de São Paulo") gastam-se sòmente 7 quilos por linha e por 1.000 pés de café uma rua de milho ladeada de duas linhas de soja.

INOCULAÇÃO DAS SEMENTES

Em terras fracas e esgotadas, principalmente arenosas, é importante aplicar às sementes, na hora do plantio, um pó preto conhecido como "inoculante". Esse tratamento aumenta a produção. Nas terras novas ou muito ricas, a inoculação das sementes não é uma operação muito importante.

CIRCULO DA CULTURA DA SOJA

A qualidade de soja "grauda" encontrada no Norte do Paraná e a variedade "abura" ("miuda de São Paulo") têm um cíclo de mais ou menos 5 meses, desde o plantio até a colheita. A variedade cultivada no Rio Grande do Sul ("comum"), é 10-20 dias mais atrasada do que as duas primeiras.

INIMIGOS DA SOJA

Em terras novas, é muito difícil qualquer ataque de pragas ou moléstias à lavoura de soja. Entretanto, nos lugares onde o milho e o algodão são perseguidos pelas lagartas (curuquerê) o lavrador deve estar preparado para enfrentar esses insetos também na cultura da soja. Para esse fim não há necessidade de usar inseticidas compostos (sempre mais caros) como os destinados a combater as pragas do algodão: basta polvilhar o veneno que é comumente vendido para combater a broca ou o bicho mineiro do café, tendo apenas o cuidado de carregar um pouco mais na quantidade gasta por alqueire.

COLHEITA E BATEDURA

A soja deve ser colhida e beneficiada como o feijão. Deve ser cortada ou arrancada quando os grãos estiverem sêcos. Quando se pretende cortar a soja com enxada, não se deve deixar sêcar muito, pois com a pancada as vagens podem-se abrir derrubando os grãos na roça.

A soja cortada ou arrancada deve ser malhada e abanada como o feijão. Esse trabalho pode ser feito com mais facilidade trazendo a soja para o terreno. Onde houver trator ou caminhão pode-se deixar a soja sêcar bem no terreiro e depois passear com o veículo sobre os montes de soja esparramada; consegue-se, assim, facilitar a abertura das vagens.

O emprego de trilhadeiras (debulhadeiras de cereais) barateia muito o custo da batedura da soja.

RENDIMENTO

O rendimento da soja, no Norte do Paraná, varia muito com a fertilidade da terra. De modo geral, pode-se dizer que a soja produz o dobro do feijão. Em terras novas conseguem-se cêrca de 30 sacos de soja por 1.000 pés de café e em plantações solteiras chega-se a colher mais de 100 sacos por alqueire.

(Da "Folha da Manhã")

MOLÉSTIAS DO CAFEEIRO

Tombamento nos viveiros - Mal dos 4 anos - Moléstia dos olhos pardos - Antrancnose - Fumagina - Nematoides - Canela de geada

A. P. VIEGAS
Inst. Agronôm. de Campinas

Tombamento das plantas novas do viveiro — E' comum verificar-se a morte, em reboleiras, das plantinhas nos viveiros, quando ainda se apresentam nos estados de "palito de fósforo" e "orelha de onça", plantas mais desenvolvidas não são atacadas.

As plantinhas exibem na base do colo uma pequena lesão pardacenta, que progride, dando volta à haste toda e quebrando-a na região atacada.

Causa — A moléstia é ocasionada pelo fungo "Rhizoctonia solani" Kuehn.

Contrôle — O mais eficiente tem sido o emprêgo da calda bordalesca a 1%, neutra. Prepara-se a calda e com um regador metalico, de crivos grossos, rega-se o solo dos canteiros, deixando-o bem empapadas as áreas onde estão as reboleiras de mudinhas atacadas.

Mal dos 4 anos — Também é conhecido por "mal de Araraquara", porque, inicialmente, os clamores sobre a moléstia partiram dessa localidade.

Embora apareça mais em plantas de 4 anos, essa moléstia pode sobreviver em outras idades. Logo as boas cargas, pode-se notar que, às vezes, as folhas dos cafeeiros exibem o amarelecimento das nervuras. Este sintoma se propaga por toda a lâmina, provocando queda das folhas, seguindo-se a seca dos ramos. Quando o mal se agrava a planta morre.

Tendo aparecido essa moléstia, Fritz Noak, que prestava serviços fitopatológicos ao Instituto Agronômico, a convite de Dafert, passou a estuda-la, observando filamentos (hifas) de fungos que atacavam as raízes. Em experimentos reproduziam a moléstia, porém sòmente em condições especiais de meio ambiente, encontradas por exemplo em solos saturados de água.

Todas as tentativas de reproduzir a moléstia pela inoculação de fungos aparentemente associados com os distúrbios referidos ("Rosellinia, Marasmius," etc.), têm sido baldadas.

A moléstia se nos afigura como de causa fisiológica. E' deficiência de nutrição a planta. E' falta de matéria orgânica no solo. Planta afetada, quando bem adubada, torna-se planta recuperada.

Moléstia dos olhos pardos — conforme designou D'Utra, ataca as folhas de modo geral, iniciando-se às vezes pelas cotiledonares. O mal se apresenta sob a forma de manchas mais ou menos delimitadas, onde se vê um núcleo mais claro, circundando por uma zona pardo-avermelhada.

O fungo ("Cercospora coffeicola") penetra pelos estômagos, desenvolve-se nos parenquimas folhares e emite, após, pela face dorsal, ramificações para o exterior, com aspecto de veludo negro.

Com a seca, o quadro sintomatólogico se agrava, dando-se uma queda maior das folhas do cafeeiro. Entretanto, "Cercospora", junto a outros fungos presta-se perfeitamente como sinal indicativo do estado de depauperamento da planta, o que vale dizer do solo que ela explora.

Antracnose do cafeeiro — Esta enfermidade é causada pelo fungo "Colletotrichum coffearum" Noak.

Uma haste de cafeeiro atacada mostra exteriormente uma elevação, uma ampola que às vêzes é dotada de um "pito". Internamente estão os conidióforos com seus esporos, os quais exercerão pressão sobre a pelicula envolvente, acabando por rompe-la. Os esporos são alongados e possuem dois núcleos. Após a libertação dos esporos, restam pontos de cor cinza, próprios de células vazias.

A antracnose está sempre presente em plantas deperecidas e não se consegue reproduzi-la em plantas sãs.

Fumagina — Apresenta-se sob a forma de uma fuligem, poeira preta, sendo comum em citros também. Corre nas folhas e é o crescimento de um fungo.

Quando um cafeeiro deperece, há invasão de insetos e fungos. Com êles o "Coccus viridis" Green, que ataca e suga as folhas ao longo das nervuras, bem protegidos. O tubo alimentar do "V. viridis" vai diretamente no floema. O produto da excreção desses insetos é um líquido açucarado sôbre o qual o micelio do fungo pode vingar e aumentar, dando a fumagina, a qual, quando muito desenvolvida, por ocasionar pertubações sérias das funções fisiológicas da planta, principalmente da fotossíntese.

E' desnecessário combater a fumagina. O melhor será combater o "Coccus" e adubar a planta.

Nematoides Meloidogyne exigua (?), que produz galhas nas raízes, do porte de uma ervilha. Esse ataque, porém até hoje não tem sido de importância no Brasil, embora tenha sido assinalado desde os estudos de Emílio Goeldi em Friburgo. No relatório do pesquisador suiço há menção especial de um sítio livre desse ataque, coincidindo com uma adubação de matéria orgânica, a qual, na opinião de "Steiner", pelas substâncias produzidas na sua evolução normal, afugentaria os nematoides.

Canela de geada — E' um afilamento de haste, que se atribui à geada e, em outros locais, ao calor. O afilamento dá-se na haste ainda verde, mas não há necrose. A planta reage bem; quando se a corta na região afetada, a brotação é normal, o que exclui a hipotese de se tratar de moléstia de virus.

Como se vê, o capítulo das moléstias do cafeeiro e o capítulo da nutrição do pé de café, que pode muito bem ser assegurada pela adubação orgânica. Destarte, os males todos acima descritos nunca conseguiriam se instalar em cafèzais vigorosos e luxuriantes, conforme provam as observações de campo e as tentativas de reprodução das enfermidades nessa valiosa rubiácea.

(FONTE: folheto n.o 14. Div. F. Agrícola — a ser distribuido — 1955).

(Do "Correio Paulistano")

★ ★ ★

O PRECEITO DO DIA

TÃO NECESSÁRIO QUANTO O CAFÉ DA MANHÃ

O banho frio, de chuveiro, representa excelente exercício para a pele. Ativa a circulação do sangue e proporciona agradável sensação de bem-estar, principalmente se fôr precedido de ginástica e seguido de fricção com toalha grossa e felpuda.

Diàriamente ao levantar-se, faça um pouco de ginástica vigorosa. Em seguida, tome um banho de chuveiro e, ao enxugar-se, friccione o corpo com a toalha. — SNES.

LAVOURA CAFEEIRA

O problema dos talhões decadentes: restaurar ou substituir?

Lauriston POUSA BICUDO
(Engenheiro-agrônomo)

Muitos cafèzais paulistas possuem talhões de lavouras antigas, da variedade comum ou nacional, plantadas a 20 ou mesmo 22 palmos, sujeitas à erosão, relativamente "falhadas", egressas, quase todas, de um longo período de maus tratos (1930 a 1945), imposto ao lavrador pela depressão econômica que caracterizou aquela fase crítica. Muitas, ainda, sofreram os efeitos de uma geada (1942) e outras de granizo (1943). São os chamados "cafèzais decadentes", responsáveis pela baixa média de nosso rendimento cafeeiro. Considerando-se balanços de 3 ou 4 anos, por exemplo, seu custeio pode tornar-se antieconomico. Por isso é que a um ano de produção satisfatória, sobrevêm, geralmente, 2 ou 3 anos sem safra ou de safra diminuta. Mas acontece que, aos preços atuais, talvez nem mesmo essas lavouras sejam pròpriamente deficitárias, o que é um ponto discutível.

Sem embargo, o objetivo do cafeicultor é preparar-se para um futuro, no qual se pode perfeitamente dar o caso de os preços sofrerem uma depressão, o custeio se elevar e esses cafèzais, sôbre os quais ainda hoje perduram dúvidas quanto ao deficitarismo ou não, virem a produzir cada vez menos e a um custo de produção progressivamente mais elevado.

Dentro deste prisma, especialmente, é que se depara ao lavrador este dilema: conservar (restaurando os não) ou substituir os talhões decadentes?

O dilema tanto mais se torna agudo quando se sabe que uma serie de fatores circunstanciais aí está para tornar a questão mais complexa, pois esses fatores, em sua maioria, escapam à simples vontade do fazendeiro ou do técnico. Entre eles, destacamos: a) financiamento oficial com base em número de pés de café; b) falta de confiança no mercado ou no futuro do café; c) braços operários escassos e de baixa produtividade; d) imperfeita organização funcional das fazendas, com grande desconexão entre numero de cafeeiros e capacidade de produzir estêrco animal; e) preços considerados elevados de maquinária e fertilizantes.

A grande maioria simplesmente dispensa a êsses cafèzais os tratos mínimos de rotina, para aproveitar suas periódicas produções econômicas. Outros procuram, mediante medidas de conservação do solo e uma adubação de retribuição, a maioria das vezes precária ou deficiente, evitar ao menos a progressiva queda orgânica e produtiva das árvores (*trato de manutenção*). Uma minoria privilegiada planeja e executa a substituição dos piores talhões por outros racionalmente formados. Há, ainda, os que se decidem pelo *dobramento*, um mal às vezes necessário. Não há que criticar este ou aquele, pois cada cafeicultor sabe exatamente onde o sapato lhe aperta — e o problema, do ponto de vista administrativo ou econômico, é realmente complexo. Isto já não acontece se o encararmos apenas sob um prisma técnico ou de interesse futuro ou definitivo.

Em nossa opinião, o menos acertado é tentar a restauração dos talhões inferiores do cafèzal: em bases práticas, difícilmente isso será conseguido, resultando um esforço inútil que pode e deve ser dirigido no sentido de obter ampla recuperação dos melhores e mais promissores talhões, via de regra um quarto da lavoura da propriedade. As parcelas regulares receberão trato de manutenção, até ser viável, dentro dos recursos da fazenda,

dispensar-lhes também intensivo trato recuperador. O dispêndio efetuado com os melhores e os regulares (em média, a metade da lavoura) é francamente compensado pela frequência de boas safras e pela vitalidade prometedora de um mais dilatado período de produtividade razoável. A aplicação das medidas técnicas geralmente recomendadas pelo orgãos oficiais resolve, prática e economicamente, estes casos. E o caso da dramática "Outra metade?" Sòmente adubação verde — a única que, com relativo pouco esforço, poderia ser adotada — não constitui solução eficiente, tanto, mais que via de regra, os solos desses cafèzais acham-se erodidos, esgotados, não oferecendo nos primeiros anos quantidade ponderável de massa verde: ao contrário, o cafeeiro chega em certos casos até a sentir a concorrência de mais um comensal para os escassos nutrientes minerais e pouca água. Isto é, a simples intercalação de leguminosas talvez não consiga deter a decadência... Reclama-se, então, aquilo que torna a questão complexa e no geral inviável: adubação orgânica e mineral, métodos de combate à erosão e de proteção do solo, calagem, podas de limpeza, sem falar no preliminar replantio de todas as falhas, à base de covas muito bem nutridas. Tudo isto significa muito dinheiro e muitos recursos (dentre aqueles que já mencionamos ao circunstanciar a questão), nem sempre à mão. Se se decidir pelo dobramento — isto é, plantio intercalado de novos pés, num ou nos dois sentidos — aí então é que a coisa mais se complica, como é óbvio.

OS CAMINHOS A SEGUIR

Ao cafeicultor interessado em sair do beco representado pelos *talhões inferiores* de sua propriedade, no desiderato de elevar, como é necessário, o rendimento médio geral da fazenda, deparam-se várias possibilidades, nenhuma *totalmente* satisfatória:

1.o — Arrancar, parcialmente, ou sòmente cortar os cafeeiros e fazer novo plantio em moldes técnicos (em nível, variedades selecionadas, espaçamento adequado, covas bem adubadas, etc.): *substituição.*

2.o — Replantar, fazer o dobramento quando for indicado estabelecer cordões em contôrno e empregar leguminosas (adubação verde), aplicando ainda a calagem e adubação química: *trato de manutenção.*

3.o — O mesmo do item anterior e *mais* forte adubação orgânica de estêrco, palha de café e torta, inclusive podas de limpeza e outros tratos, *numa tentativa de ampla restauração.*

4.o — Apenas replantio das falhas e medidas de rotina, sem se importar com o revigoramento das árvores, cuidando apenas das colheitas. Esta atitude, que é a mais generalizada, é quase uma imposição das circunstâncias que assinalamos na realidade cafeeira em nosso meio.

Do ponto de vista estritamente técnico, parece-nos mais acertada a adoção da primeira alternativa: haverá desvantagem econômica durante 4 ou 5 anos, porém, lucros certos e nenhuma dor de cabeça para os seguintes 40 ou 50 anos. Seria uma solução definitiva, por assim dizer. Resta saber, em cada caso, se existem os meios e recursos para adotá-la com a efetividade desejável. Assinale-se, de passagem, que a substituição não precisa e *nem deve* ser em toda área: poder-se-á plantar em apenas 2/3 da área liberada o mesmo número de cafeeiros, separados por faixas de leguminosas ou "catingueiro" (forragem), de modo que estas faixas cobrirão o terço restante. A grande virtude deste procedimento (substituição) está em que não somente se terá renovado o cafèzal em bases de moderna técnica, como, acima de tudo, será evidentemente usada uma variedade selecionada, de rendimento menos oscilante e bem mais elevado que o das antigas. Para coibir a adoção desta diretriz, embaraçam-se, geralmente, aqueles fatores que relacionamos no início, sob letras: a), b), etc.

Das demais alternativas acima propostas, parece-nos completamente fora de proposito a tentativa de ampla restauração. Não nos parece haver vantagem nem técnica, nem econômica e muito menos prática nesse encaminhamento do problema, principalmente quando se considera que estamos nos referindo —

convém insistir — apenas aos talhões piores da propriedade. Poucos fazendeiros poderão adotar tão onerosas medidas em toda lavoura — e essas são as medidas que ele deverá com êxito adotar para as parcelas tidas como melhores ou as regulares. E mesmo admitindo que um ou outro estivesse em condições de assim proceder, em todo o cafézal, terá ele, nesse caso, recursos e organização para adotar a solução muito mais racional e não mais cara, da substituição.

Quanto às outras duas diretrizes, impostas pela inviabilidade de adotar a substituição racional, elas pràticamente se equivalem, não constituindo verdadeiramente uma "saida". Far-se-á o indicado no item 4.o ou, *quando possível*, o do item 2.o, podendo ainda se adotar uma atitude meramente exploradora — capinar, arruar e colher — que pràticamente coincide com o trato mencionado no item 4.o. O que chamamos de trato de manutenção poderá não sòmente manter o cafèzal em seu padrão atual, como até melhorá-lo, dilatando sua produtividade economica: mas não se deve esperar rendimentos altamente satisfatórios pois a erosão nunca é combatida perfeitamente e cafeeiros velhos e de variedade comum nunca chegam a dar rendimentos tão bons quanto aos que se estão impondo e mais necessários serão, na futuro (mão de obra e utilidades cada vez mais caras e posição estatística menos favorável). O dobramento encarece muito e, apesar de melhorar bastante o rendimento é o padrão técnico do cafézal, não pode ser considerado como solução eficiente, pois chegariamos a cafèzal mesclado, mestiço e pleno dos mesmos defeitos apontados para as atuais lavouras antigas. Solução defeituosa, como se vê.

CONCLUSÃO

Em resumo a questão ficaria assim: ou substituir ou deixar praticamente como está, até ser possível eliminar paulatinamente os piores talhões e plantar de novo. Isto acontecerá quando fôr adotado pelo govêrno federal uma política de prêços mais estavel, que dê ao cafeicultor elementos para acreditar no futuro do café, ou se vier a ser fornecido um financiamento especial de substituição, a prazo de 4 ou 5 anos.

Por ora, insistimos na conveniência de cada lavrador de café selecionar seus melhores talhões e aqueles ainda razoáveis, e estabelecer um plano rigido de trato técnico, na medida das possibilidades de cada um, segundo um esquema que, a título de sugestão, foi motivo de nosso último artigo neste jornal. Com respeito aos talhões fracos, dos quais tratamos nesta oportunidade, o bom senso do cafeicultor, suas condições locais e a orientação de técnicos mostrarão o melhor rumo a ser adotado, em cada caso.

(Da "Folha da Manhã")

VARIEDADES DE CAFÉ NA MOGIANA

Pergunta um lavrador que está ampliando sua lavoura na zona servida pela Mogiana: "Qual a melhor variedade de café para plantio nas terras salmourão-massapé da zona montanhosa entre São Paulo e Minas Gerais?' A pergunta se justifica porque nos últimos seis anos a escolha de variedades sofreu profunda modificação, estando a caminho de sofrer ainda outras transformações, inclusive com fixação de zonas ou de tipos de solos para o plantio de determinadas variedades.

Como se sabe, a orientação até 1950 quanto à escolha de variedades de café se fundamentava, principalmente, num ensaio iniciado em 1931, em Campinas, e no qual foram incluidas as variedades comerciais de café "Nacional", "Amarelo de Botucatu", "Bourbon Vermelho", "Bourbon Amarelo", "Sumatra" e "Maragogipe". Naquele ano, reunindo os elementos disponíveis, o Instituto Agronômico afirmou que a variedade "Bourbon Amarelo" era a melhor e mais produtiva, assinalando que as colheitas do "Bourbon Amarelo" vinham aumentando mais, anualmente, que as do "Bourbon Vermelho". Depois, foram divulgados os resultados obtidos além de Campinas, isto é, em Ribeirão Preto, Pindorama, Jaú, Mococa e Monte Alegre do Sul. Êsses resultados mostraram que tanto o "Bourbon Amarelo' como o "Vermelho" e ainda o "Caturra Amarelo" e o "Caturra Vermelho" possuiam qualidades semelhantes, variando sua produtividade conforme a zona. Mais recentemente, o "Mundo Novo" destacou-se como variedade excepcional, de modo que existem hoje cinco variedades, pelo menos, que podem merecer as preferências dos plantadores.

Acontece, porém, que recentemente, em palestra proferida no Instituto Agronômico de Campinas, um dos tecnicos encarregados do trabalho de melhoramento do cafeeiro divulgou que na Estação Experimental de Monte Alegre do Sul, em colheitas de 4 anos consecutivos, numa cultura de ensaio plantada em fins de 1949, com 10 variedades, não foi o café "Bourbon Amarelo" que se mostrou o melhor nas terras salmourão-massapé, e sim as duas variedades do "Caturra", o "Mundo Novo" e o "Bourbon Vermelho". "Entre as 10 variedades que estão sendo experimentadas na Estação Experimental de Monte Alegre do Sul — concluiu aquele técnico — evidencia-se a superioridade dos "Caturras", do "Bourbon Vermelho"" e do "Mundo Novo", mas ainda é cedo para apontar a melhor entre as que se acham bem colocadas neste início de experimentação". Convém, no entanto, não esquecer o fato atrás assinalado, de que crescem as colheitas anuais do café "Bourbon Amarelo" à medida que se torna mais velho, mas até certo li-

mite, é evidente, e por isso é de supor que ele se venha a enquadrar, também em Monte Alegre do Sul, no grupo das melhores variedades.

Não é diferente o panorama experimental, ao que se sabe, em Mococa e Ribeirão Preto. Por esse motivo, a resposta mais acertada ao lavrador que indagou sobre a variedade a plantar nas terras salmourão-massapé, da Mogiana, seria a de que deve escolher três das melhores variedades, não se cingindo ao plantio exclusivo de uma única. Como o café "Caturra" é de porte pequeno, o seu cultivo teria que ser feito em lavouras independentes, ao passo que o "Bourbon Vermelho", o "Mundo Novo" e o "Bourbon Amarelo" podem ser cultivados nos mesmos talhões, com os mesmos espaçamentos, sendo até aconselhável o plantio de variedades diferentes, a fim de que fique o lavrador a salvo de qualquer contratempo de ocorrência comum para os que cultivam apenas uma variedade. Em conclusão, na região da Mogiana, tanto o café "Bourbon" — amarelo e vermelho — como o "Caturra" — o "Amarelo" e o "Vermelho" — bem como o "Mundo Novo", podem e devem ser cultivados de preferência a qualquer outro, pois a experiência já demonstrou que são as melhores e mais produtivas variedades nessa região.

(Do "O Estado de S. Paulo)

DESTRUA NUM GOLPE
as pragas de sua cultura com o auxílio das polvilhadeiras motorizadas Niagara e Hudson

As polvilhadeiras Niagara e Hudson são eficientes no combate aos insetos e às pragas. Fàcilmente manejáveis, as polvilhadeiras Niagara e Hudson são econômicas e de fácil rendimento.

Peça catálogo gratis

DIERBERGER-Agro-Comercial Ltda.
Rua Líbero Badaró, 499 — Tel. 36-5471 — Cx. 458
Avenida Anhangabaú, 392/394 — São Paulo

JOÃO DIERBERGER FUNDADOR 1893

Instruções sumárias para o plantio e formação do café em São Paulo

Lauriston Pousa BICUDO
(Engenheiro-agrônomo)

A grandeza de uma fazenda de café, em São Paulo, não se mede mais pelo número de pés. Já se discute em termos de rendimento ou de produtividade, e este é o mais nítido sinal de progresso técnico, entre nós. Uma lavoura bem formada, de 10.000 pés, supera hoje, por todos os títulos, uma antiga, cinco vezes maior. A tendência atual é, pois, para o plantio com mudas vigorosas para plantio racional segundo os melhores ensinamentos agronômicos. Julgamos, nesta conjuntura, oportúno relacionar de forma simples, resumida, por assim dizer "triturada", uma série de indicações gerais que deve nortear o cafeicultor paulista no desiderato de implantar em sua fazenda uma nova lavoura de café que venha, de futuro, restituir-lhe o sossego roubado pela erosão, pelos maus tratos, pelas dificuldades de mão de obra e outras de ordem material — e acima de tudo pela inconstância dos mercados cafeeiros. Eis os pontos capitais a serem observados:

1 — Providenciar, com anteced ência, a aquisição de sementes *despolpadas* de uma ou mais das seguintes variedades selecionadas "bourbon vermelho", "bourbon amarelo", "mundo novo", "caturra vermelho" ou "caturra amarelo". E' sempre conveniente plantar duas ou três variedades, reservando-se 75% da área a ser cultivada para variedades de grande porte e os 25% restantes para o "caturra". Este será plantado em primeiro lugar, garantindo assim mais breve reversão de parte do capital invertido na emprêsa. De outro turno, a adoção simultânea de diversas variedades visa resguardar o cafeicultor de um eventual surto de moléstia ou praga para o qual determinada variedade seja mais sensíveis.

2 — Evitar que a área da propriedade a ser cultivada com café ultrapasse o limite de 33% da área total da fazenda: este é um princípio de exploração que possibilitará que a propriedade seja organizada racionalmente, com 30% de área reflorestada, 30% de pecuária e culturas anuais diversas e o restante para as instalações e colonias. E' sempre preferível *plantar pouco café*, fazendo serviço bem feito do que estender novas lavouras que poderão tornar-se deficitárias, em futuro próximo. Antes e acima de tudo, deve ser reservado para o café *solos profundos*, em local menos sujeito as geadas e ventos frios. Ter sempre em vista que a fertilidade pode ser controlada pelo homem, porém as qualidades físicas e especialmente a profundidade do solo, nunca o serão.

3 — Fazer a semeadora de julho a setembro, diretamente nos recipientes e, a partir de outubro, até dezembro ou mesmo janeiro, em canteiros para posterior transplante para os jacàzinhos. Construir viveiros rústicos ou naturais (mato), porém é vantajoso que para cêrca de 25% da área total de viveiros seja feita uma construção mais sólida e permanente, pois o fazendeiro sempre precisará de mudas na propriedade, e os viveiros muito rústicos duram pouco. Calcula-se a área dos viveiros dividindo-se o número de mudas a serem produzidas por 120, para a produção de laminados de 8 cm de diâmetro — que é uma "grossura" ideal. Assim, por exemplo, se se pretende produzir 60.000 mudas (plantio de 15.000 covas) serão necessários 500 m2 de viveiros, ou seja, um viveiro de aproximadamente 20 m x 25m . Conquanto não precisem ser de grande diâmetro, os laminados (recipientes) deverão contar altura entre 20 e 25 cm.

4 — A semeação direta é feita colocando-se uma ou duas sementes no centro do jacàzinho adrede preparado. Nos canteiros, semear em linhas separadas, de 8 a 10 cm deixando 4 cm entre as sementes ao longo das linhas. E' possível, ainda, utilizar-se de germinadores de areia, eventualmente. O importante é que a terra de enchimento dos jacàzinhos ou dos canteiros seja preparada com esmero, sendo mais aconselhável esta fórmula: 60% de terra boa despraguejada, 30% de estêrco fina bem curtido, 8% de calcário em pó e 2% de uma mistura de adubos químicos, proporções em volumes.

5 — As mudas oriundas das semeaduras de junho a outubro, provàvelmente estarão prontas para serem plantadas no terreno definitivo em março, abril ou maio do ano seguinte, com 6 a 8 meses. As que se atrasarem ou as provenientes das semeaduras de novembro ou dezembro serão plantadas no início da estação chuvosa do ano seguinte (com 10 a 13 meses. Ao ser plantada, a muda deverá ter mais ou menos 20 cm de altura na parte áerea, apresentar caule reto e vigoroso e ainda não ter perdido o par de folhas cotiledonares (ore-

lhas de onça). Para atender aos detalhes técnicos de produção de boas mudas, consulte-se e siga-se a orientação do agrônomo-regional.

6 — Com bastante antecedência da época provável de plantio definitivo, procede-se à destoca, à aração e à gradagem do terreno, fazendo-se a demarcação geral dos talhões e dos carreadores mestres e das linhas de nível, segundo a qual as covas serão abertas. Neste particular, a maior preocupação do cafeicultor deve ser a escolha judiciosa do *espaçamento* a ser adotado. Advertimos que, no 6.º ano, o cafêzal deverá "fechar" o terreno, constituindo, a nosso ver, um erro a adoção de espaçamentos muito longos na crença geralmente demasiado otimista de que a terra é muito forte". Deve-se ter em mira formar uma nova lavoura que ofereça certeza de *alto rendimento por unidade de* espaçamentos muito largos na crença geralmente demasiado otimista de que "a *área*, que torne *mais fácil e barato o custeio* e que objetive *sombrear o solo* com os próprios cafeeiros, ficando apenas no meio das ruas em nível um vão livre máximo de 0m50. São recomendáveis os seguintes espaçamentos: variedades de porte grande — a) plantio em nível: 2,5 X 3,5 ou 2,5 X 3,0; b) plantio em quadrado: 3,30 X 3,30 ou 2,75 X 2,75. Para o café "caturra", em nível, 2.0 X 3,0 ou 2,0 X 2,5 e em quadrado, 2,5 X 2,5 ou 2,25 X 2,25. Achamos preferíveis, salvo em casos especiais, os compassos mencionados em segundo lugar, para cada caso.

7 — Com um mês de antecedência, as covas serão abertas nas medidas de 0,50 X 0,50 X 0,40, podendo ser um pouco maiores — quando se tratar de terras muito argilosas ou quando houver grande disponibilidade de matéria orgânica (estêrco) para adubá-las — ou um pouco menores quando se tratar de terras arenosas ou soltas ou não houver matéria orgânica para mais de 10 litros por cova. A terra retirada da metade superior da cova deve ser separada da terra do fundo, caldeando-se, com aquela, a base orgânica (de 5 a 30 litros), com uma adicional de 500 gramas de farinha de ossos (ou uma mistura de farinha de ossos e superfosfato, meio a meio) e 100 gramas de cloretó ou sulfato de potássio (os adubos azotados serão aplicados posteriormente, em cobertura). Essa parte "gorda" será colocada no fundo da cova, que assim ficará até o assentamento das mudas.

8 — Serão colocadas em dia apropriado (chuvoso ou depois de uma boa chuva) quatro mudas por cova, formando um quadrado o mais perfeito possível, de 30 cm de lado ou então 3 mudas, em triângulo também de 30 cm de lado. Toma-se o cuidado de selecionar as mudas que deverão constituir uma mesma cova por altura (porte vegetativo), para que futuramente não haja predominância de uma ou duas sôbre as demais. No momento do plantio, se as lâminas que formam o cartucho não estiverem em fase de franca decomposição, ou mesmo se isto se der, porém o plantio estiver sendo feito ao "fim das águas", devem elas ser retiradas ao menos parcialmente. Cuide-se de não quebrar o terrão. As mudas deverão ser assentadas de modo que o colo fique apenas ligeiramente inferior ao nível geral do terreno. Para a proteção das covas recém-plantadas será empregado um dos processos conhecidos; a crotalária juncea, semeada com 40 ou 50 dias de antecedência, constitui, hoje, um procedimento bastante prático e barato de se conseguir boa proteção para as covas recém-plantadas.

9 — A área a ser cultivada com café deve ser prèviamente planejada, segundo o interesse da conservação do solo e, principalmente, no sentido de permitir a formação de uma lavoura funcional. Assim é que os talhões terão mais ou menos 5.000 pés cada um, serão separados por carreadores em nível e para cada dois talhões será deixada uma faixa livre de 10 a 30 metros de largura. Um ou dois carreadores em declive, porém resguardados dos efeitos da erosão, farão a interligação entre os diversos talhões, cruzando os carreadores de nível. Nas faixas livres será plantada "mucuna preta" ou capim "catingueiro", para o forrageamento do café, podendo ainda servir essas faixas para a produção de sementes das leguminosas escolhidas para adubação verde. Aproveitam-se os restos como forragem. O trato da lavoura, até o 4.º ou o 5.º ano (ou até o 3.º, no caso do "caturra"), será feito quase que exclusivamente à base de adubação verde e cobertura do solo livre com restos vegetais trazidos de fora. Até essa altura, e quando razões de ordem econômica o exigirem, poderá ser intercalado o feijão das águas ou mesmo o milho, este, porém, convenientemente adubado.

10 — A partir do 4.º ou do 5.º ano (ou a partir do 3.º, no caso do "caturra") o cafeicultor deverá introduzir processos de adubação e trato mais intensivos, sendo altamente recomendável um esquema de aplicação de medidas, em rodízio. Pode ser adotado um dos esquemas sugeridos pelo dr.

J. E. Teixeira Mendes ou pelo prof. Carivaldo Godoi ou por nós preconizado em nosso trabalho "Adubação Prática de um Cafèzal" (Fôlha Agropecuária de 8-10-55. Sem embargo, parece-nos que tais esquemas mais se aplicam ao caso de extensas lavouras antigas, em face das dificuldades práticas de ordem material. No caso vertente, de lavoura nova racionalmente formada, o cafeicultor poderá executar excelente trato MANTENDO O SOLO COBERTO com leguminosas ou forragem e fazendo uma adubação completa, em meia-lua, na metade da lavoura, invertendo as parcelas no ano seguinte. As grandes produções farão por justificar amplamente, até mesmo adubações e calagens anuais, em toda a lavoura. Por outro lado, a simplificação do trato de rotina permitirá certa folga de pessoal para esse e outros serviços já de caráter eminentemente técnicos.

— Evidentemente, a experiência pessoal do cafeicultor e seu reconhecido bom senso, poderão dirimir dúvidas e adaptar convenientemente, às suas condições locais, os preceitos aqui emitidos. Que ele mantenha contacto permanente com o agrônomo-regional seria, sem dúvida, a recomendação mais importante. CAFE' E' LAVOURA PARA MEIO-SÉCULO e, assim, não admite erros iniciais. Para quem aprecia "slogans" diremos que "gastar no começo, para usufruir para sempre" poderia ser o lema de todos quantos se dispõem a plantar café nas terras já trabalhadas de São Paulo.

(Da "Folha da Manhã")

ADUBAÇÃO E CALAGEM NO CAFÈZAL

O solo do cafèzal, quando se tem em mente um programa de adubação para diversos anos, deve ser devidamente analisado para que a aplicação dos fertilizantes seja feita racionalmente. O exame da terra poderá servir, então, de base não só para a adubação mineral dos cafeeiros como também para a fertilização do adubo verde, observando-se apenas que quando a leguminosa é inoculada o emprego do nitrogênio e indispensável.

Quando a terra de cafèzal é pobre, a adubação mineral do adubo verde é deveras importante; essa aplicação é tanto mais interessante quando se considera que o cafeeiro irá também se beneficiar com o fertilizante. Se o adubo químico fôr aplicado diretamente para a leguminosa, é preciso considerar o seu modo de aplicação, uma vez que as sementes de leguminosas são bastante sensíveis à ação dos ingredientes contidos naqueles materiais; porisso, torna-se necessário misturar bem o adubo mineral com a terra, evitando o seu contato direto com as sementes.

Em terras excessivamente ácidas, é de toda conveniência fazer-se a calagem, prática que resulta não sòmente na neutralização da acidez do solo como oferece ainda outras vantagens igualmente importantes: melhoria da estrutura fisica do solo, aproveitamento mais eficiente das adubações minerais liberação de elmentos nutritivos do complexo coloidal, etc.

As quantidades de calcário recomendadas para a neutralização do solo são geralmente elevadas, mais experiências recentes têm mostrado que doses menores, aplicadas fracionalmente todos os anos, dão também bons resultados.

(Do "Correio Paulistano")

Bicho mineiro das folhas do cafeeiro

Francisco de Assis M. MARICONI
(Do Instituto Biológico de São Paulo)

Entre os insetos que atacam o cafeeiro, há um de vida muito curiosa é o bicho mineiro, assim denominado por motivo de a lagartinha viver entre as duas paginas da folha do cafeeiro. Todo lavrador conhece a lagartinha e os prejuízos que acarreta; o adulto, entretanto, poucos conhecem: é uma mariposa muito pequena e que não mora dentro das páginas das fôlhas.

Descrição — A mariposa mede dois milímetros de comprimento e cinco milímetros de envergadura; é de coloração cinzento claro. As lagartinhas medem de dois a três milímetros de comprimento e são de coloração branco-amarelada.

Ocorrência — O bicho mineiro parece estar distribuido por todo o Estado de São Paulo. Os danos ocasionados pelo inseto têm sido muito graves em Dracena, Gracianópolis, Osvaldo Cruz, Lucelia, Adamantina, Junqueirópolis, Ribeirão Preto, Andradina, Santo Anastácio, Guarací, Regente Feijó e muitos outros lugares.

Notas biológicas — A mariposinha põe seus ovos na página superior da fôlha do cafeeiro; dos ovos nascem as lagartinhas; estas, logo que saem dos ovos, penetram na fôlha, indo esconder-se no tecido que se encontra entre a epiderme superior e a inferior, e do qual unicamente se alimentam. A medida que as lagartinhas se alimentam, vão abrindo galerias entre as epidermes das fôlhas; as galerias vão-se tornando mais amplas, à medida que as lagartinhas crescem. O local de ataque seca logo, tomando coloração castanha ou parda. Levantando-se a película quebradiça de uma região atacada, na página superior da fôlha, observa-se debaixo da mesma um espaço vazio e, nesse espaço uma lagartinha; às vezes, esta não é encontrada, pois já terminou seu ciclo. Uma mesma fôlha pode ser atacada por várias lagartas, simultâneamente ou não; dai, encontrarem-se várias manchas. Terminado seu ciclo, a lagartinha abandona o interior da fôlha, saindo por um pequeno orifício feito por ela, na pagina inferior das fôlhas. A seguir, a lagartinha tece um casulinho de seda, ainda na página inferior da fôlha, onde se transforma em crisálida; da crisálida, nascerá a futura mariposinha. Esta, fica escondida debaixo das fôlhas do próprio cafeeiro.

Importância econômica — As fôlhas atacadas secam, ficando a planta sèriamente prejudicada quando o ataque é intenso. Nos cafèzais velhos e mesmo nos mais novos, porém em terras já esgotadas, como em terras novas, principalmente nos anos de seca, as manchas pardas aparecem em grande número. Quando há muitas dessas manchas, em todas as folhas, o cafeeiro desfolha, especialmente quando há pouca umidade no solo. Entretanto não são sòmente os cafeeiros velhos, já em decadência, os atacados. Mesmo as plantas vigorosas e em plena pujança, são, inclusive em viveiros. Entretanto, nos viveiros e nas terras de terra muito boa as folhas mantêm-se nas plantas, mesmo quando manchadas.

A influência do frio sôbre a atividade do inseto adulto é pequena, porquanto a criação não se interrompe durante os meses de inverno mais rigoroso. As gerações do inseto são de 7 a 8, anuais.

Combate — 1) Adubação e combate à erosão. As plantas vigorosas têm demonstrado que, mesmo nas zonas mais infestadas pela praga, resistem à desfolha e produzem satisfatoriamente. As lavouras, mesmo as de zona nova, têm-se portado muito bem em relação aos ataques do bicho mineiro. Quando se faz a adubação, orgânica ou orgânica + minerais, o solo aumenta o seu poder de reter mais água. O cafeeiro, por consequência, se fortalecido pela adubação e pela presença de maior quantidade de água no solo. Daí, uma fazenda de café ter que se dedicar ao preparo do "composto". Hoje, muitos pesquisadores estão dando mais valor à adubação orgânica, para se combater o bicho mineiro que à aplicação de inseticidas. O combate à erosão tem por finalidade preservar a riqueza do solo e reter mais água no cafèzal; tal combate deve ser realizado com o maior rigor possível. 2) Irrigação. Esta tem por objetivo fornecer água ao cafeeiro, na época de seca. Nesta época, o bicho mineiro aumenta seus ataques aos cafeeiros, os quais se ressentem muito, tanto da seca, como dos ataques do inseto. A irrigação manterá os cafeeiros mais fortalecidos e com mais selva; esta, quando é abundante, afoga grande número de lagartas nas galerias. E' por este motivo que na época de chuvas o ataque se mantém em baixo nível. 3) Aplicação de inseticidas. A aplicação de B. H. C. em pó, a 1% de isômero gama, combate a mariposinha, mas não as lagartas que se acham dentro das folhas. A aplicação do B. H. C. deve ser feita na entrada da seca, isto é, nos meses de abril e maio, conforme o ano. Repetem-se as aplicações de 20 a 25 dias depois . Os polvilhamentos devem ser realizados de tal modo que toda a planta, mesmo na parte interna, fique recoberta de fina camada de inseticida. A quantidade de pó, por polvilhamento, é de cêrca de 40 quilos por mil pés adultos. Em regiões onde ocorrem ácaros, havendo interesse preventivo, pode-se usar uma mistura com 1% de isômero gama do B. H. C. e 25% de enxofre.

Atualmente, o Instituto Biológico está fazendo esperiências com inseticidas que tenham poder de matar as lagartas, dentro das próprias folhas sabemos perfeitamente que o B. H. C. é um ótimo inseticida, mas mata sòmente as mariposinhas e não as lagartas que estão dentro das folhas.

No momento, já se sabe que os seguintes inseticidas são ótimos para matar as lagartinhas, quando estas ainda se acham entre as páginas das folhas: Endrin, Sistox, Malathion, Rhodiatox e Dieldrin. Dentro em breve, esses inseticidas serão usados em grande escala. Para matar as lagartinhas que estão dentro das folhas, esses ineticidas terão que ser usados por via líquida, pois em pó, não as matam.

Verificou-se que uma mistura de Dieldrin e Rhodiatox combate a praga, dentro das folhas, por um período superior a 40 dias.

O Endrin, Sistox, Malathion, Rhodiatox e Dieldrin, conforme dissemos acima, estão ainda em experiências.

(Da "Folha da Manhã")

☆

O PRECEITO DO DIA

PREVENÇÃO DA DIFTERIA

A vacina é o melhor recurso para evitar a difteria, doença grave e traiçoeira. É feita por meio de injeções indolores, e, salvo pequena reação local não traz outros incômodos ou perturbações. Os Centros de Saúde aplicam, gratuitamente, a vacina antidiftérica.

Se seu filhinho completou seis meses, leve-o sem demora ao médico, ou ao Centro de Saúde mais próximo, para que o vacinem contra a difteria. — SNES.

A irrigação dos cafèzais

O mês de novembro termina e, ao contrário do que fôra previsto, não cairam chuvas em muitas zonas cafeeiras na mesma proporção das que se verificaram em outubro. Ainda não possuimos dados gerais de todo o Estado, o que sòmente será possível conseguir entre os dias 8 e 15 de dezembro, para uma análise pormenorizada da situação, mas, por dados e informações provenientes de importantes zonas cafeeiras, já se pode antecipar que as chuvas caidas não se aproximam sequer do que era normal por muitos anos. Assim, como agôsto e setembro foram meses ruins, e apenas outubro ultrapassou a média das chuvas, trazendo novembro apenas chuvas regulares, os cafèzais continuam ainda em várias zonas a sentir os efeitos. Não se evidenciam essas consequências tão alarmantes quanto ao aspecto vegetativo, mas, em todo o csao, quanto ao pegamento das floradas, são francamente desfavoráveis, pois, em muitos casos, pode-se prever a perda de cêrca de 50 por cento em comparação com os anos anteriores. Ontem mesmo recebíamos comunicação de Ribeirão Preto e Mocóca, onde há mais de 12 dias não chove o quanto baste às necessidades do cafeeiro, e sòmente em alguns distritos ou municípios vizinhos cairam chuvas leves ou diminutas.

Essa situação está mostrando á evidência que a irrigação dos cafèzais, que, ao começo, se julgou necessária apenas para cobrir, nos meses de inverno, o "deficit" das chuvas, talvez venha a tornar-se necessidade imperiosa até em novembro e outubro como garantia de pegamento das floradas, o qual tanta importância tem para a obtenção de maiores colheitas. Ainda há pouco, um especialista norte-americano, da "Irrigation Development Corporation", na conhecida revista inglesa de assuntos agrícolas "World Crops", apreciando o uso da irrigação por aspersão na América Latina, demorou-se em considerações sobre o êxito do empreendimento nas lavouras de café de São Paulo, onde percorreu inúmeras fazendas coligindo dados. "De um modo geral — disse aquele técnico — nas fazendas de café de São Paulo, onde se introduziu a irrigação por aspersão que neste tipo de lavoura mostrou ter maiores vantagens que o sistema de infiltração ou por canais, a produção subiu de 1.000 libras-peso, aproximadamente, (cêrca de 40 arrobas por mil pés) para mais de duas mil (80 arrobas por mil pés). E numa propriedade paulista o aumento chegou a ser da ordem de 25 para 70 por cento. Um lavrador de São Paulo provou-nos que, em cafèzais onde antigamente colhia em média 600 sacas de café beneficiado, agora, com a irrigação por aspersão, está obtendo 1.225 sacas de 60 quilos. Reunida a outros fatores — adubação orgânica, combate á erosão, plantio de novas variedades etc. — a irrigação por aspersão, que sòmente em 1952 foi introduzida em São Paulo, tem

permitido que cafèzais velhos, onde não se colhia mais de 25 arrobas, produzam agora 50 e até 70. Há fazendeiros que usam o mesmo sistema tanto na lavoura de café como na de arroz, e, nesta ultima, o rendimento subiu de 70 para 130 sacos por alqueire, tendo um plantador de Porto Ferreira conseguido, em 6 alqueires apenas, obter 700 sacas de arroz em casca".

Como se vê, diante da enorme variação de clima, a qual se mostra este ano mais evidente, tendo sido os meses de setembro e novembro bastante abaixo do normal quanto ás chuvas caidas — a irrigação deve constituir uma preocupação dos nossos lavradores, para evitar a perda das floradas e das folhas, mormente para prevenir o desequilíbrio resultante da perda das últimas na fisiologia do cafeeiro que muitas vezes só é possível recuperar depois de duas safras.

(Do "O Estado de S. Paulo")

★

O PRECEITO DO DIA

VESTIMENTA E CLIMA

O excesso de roupa ou agasalho dificulta a benéfica reação da pele às variações da temperatura ambiente. Do mesmo modo, o organismo se ressentirá dessas variações quando a pele não estiver convenientemente protegida. Uma e outra coisa podem favorecer o ataque das doenças infecciosas.

Use roupas adequadas ao clima e às estações: não se agasalhe demais, no verão, nem de menos no inverno. — SNES.

Os caramujos do cafeeiro

Francisco de Assis M. MARICONI
(Do Instituto Biológico de São Paulo)

Entre as pragas que atacam o cafeeiro destacam-se, pela importância econômica, os caramujos; estes moluscos tendem ainda a se tornar mais importantes, visto que se estão disseminando por novas áreas.

Ocorrência — Os caramujos já foram encontrados em regiões da Paulista, Mogiana, Araraquarense e Noroeste. Os danos causados aos cafeeiros têm sido muito grandes, principalmente em São João da Bocaina, Barra Bonita, Ribeirão Preto, Guaiúvira, Ibitinga, Guarantã, Cafelândia e outros municipios. Entretanto, convém assinalar que em numerosos municípios, como Piracicaba, Limeira, Tietê, etc., os caramujos ainda não foram encontrados.

Descrição — Os caramujos têm a concha em espiral, constituida de 4 a 5 voltas e medem, no seu desenvolvimento máximo, 3 centimetros de comprimento e 2,5 centímetros de diâmetro, na sua maior largura; são da côr de café com leite claro, marcada por estrías transversais e longitudinais de côr castanha.

Notas biológicas — Os caramujos têm atividade noturna; durante o dia, ocultam-se em abrigos (fendas no solo, troncos rachados, montes de pedras, etc.). A atividade inicia-se no verão, logo após as primeiras chuvas. Durante o inverno (tempo de sêca) não se alimentam e não se locomovem, permanecendo no interior da concha, escondidos nos abrigos citados, para novamente entrar em vida ativa no outro verão. Os moluscos deixam seus ovos sob a copa do cafeeiro, na terra. Os ovos do caramujo mais comum medem cêrca de 5 milímetros, sendo quase esféricos. De 20 a 40 dias, mais ou menos, os ovos dão nascimento aos pequenos caramujos.

Importância econômica — Quando os caramujos são numerosos, constituem verdadeira praga e é preciso combatê-los eficàzmente. Alimentam-se da folhagem nova e da casca da planta; raspam o tronco e as hastes, deixando-os completamente descortinados, lisos como se fossem lixados. As hastes dos cafeeiros atacados morrem.

Combate — Até há pouco tempo, o combate era muito difícil, limitando-se à catação manual; os inseticidas comuns (D.D.T., B.H.C., Rhodiatox, Toxafeno, etc) não agem contra os caramujos. Hoje, tais moluscos são eficàzmente combatidos pelo metaldeido, em pulverização a 0,75%. O metaldeido é uma substância sólida, branca, insolúvel na água e inflamável. A fórmula empregada é a seguinte: 250 centímetros cúbicos de linhaça; 250 centímetros cúbicos de leite desnatado; 750 gramas de metaldeido; 100 litros de água.

A preparação da calda de metaldeido faz-se da seguinte maneira: a) numa pequena vasilha, despejam-se os 250 cc. de leite desnatado (um quarto de litro): agita-se o leite, constantemente, enquanto se adiciona, aos poucos, o óleo de linha-

ça. Isto tem por objetivo formar uma emulsão mais perfeita; c) numa barrica, despejam-se as 750 gramas de metaldeido e um pouco de água até se obter uma pasta semiliquida que também deve ser agitada. Adiciona-se mais água (aos poucos), enquanto se continua a agitação da pasta até obter-se os 100 litros de água; d) aos 100 litros de água com metaldeido acrescenta-se a mistura de óleo de linhaça com leite. Por mais alguns minutos, a agitação deve continuar. A aplicação da calda deve ser feita com pulverizador munido de agitador; este manterá a calda em agitação constante, de modo a impedir que o metaldeido se assente no fundo do aparelho, pois o inseticida é mais pesado que a água. Por este motivo, antes de se encher o pulverizador, a calda de metaldeido deve ser agitada novamente. A aplicação da calda deve ser fita no verão, depois de duas ou três chuvas, quando grande número de caramujos já entrou em atividade. A pulverização deve cobrir toda a parte aérea da planta (tronco, ramos e folhas). Os caramujos, em seus movimentos, à noite, entram em contato com as superfícies cobertas de inseticida e, pouco tempo depois, apresentam sintomas de envenenamento. De um modo geral, uma pulverização, por ano, é suficiente. Caso contrário, faz-se uma segunda, quando se julgar necessária.

A quantidade de calda, por cafeeiro, varia naturalmente com o porte da planta e pulverizador empregado; quando o aparelho é manual, gasta-se menos que em um mecanizado. Uma bôa média, para um cafeeiro adulto é 1,3 litro de calda. Em plantas muito frondosas a quantidade é maior. Tomando-se a média de 1,3 litro de calda, por planta, os gastos em 1.000 cafeeiros são: 3,25 litros de óleo de linhaça; 3,25 litros de leite desnatado; 9,75 quilos de metaldeido; 1,300 litros de água.

O metaldeido deve ter 97% de pureza.

Quando á área atacada é pequena, por motivo de os caramujos não se terem espalhado ou por ainda não se terem multiplicado, pode ser que a catação manual dos mesmos e sua destruição pelo fogo, esmagamento ou enterrio, seja satisfatória.

Como medida preventiva, aconselha-se não se deixarem troncos sêcos nos cafèzais, montes de pedras, etc., tudo enfim que possa servir de esconderijo aos caramujos, durante a estação fria.

(Da "Fôlha da Manhã")

ADUBAÇÃO DO CAFEEIRO

J. E. TEIXEIRA MENDES
Instituto Agronômico de Campinas

"Não se pode exigir que estrumes químicos transformem o cafeeiro velho e já quase morto em um desses lindos arbustos de 13 a 15 anos que deslumbram a vista pela fôrça de sua vegetação e pela riqueza de seu florescimento e nem tampouco pretender que os adubos perfurem pedras e rochas que impediram o crescimento de um cafèzal ruim. Milagres não os há".

F. W. Dafert — Estrumes artificiais na cultura do cafeeiro. Relatório do Instituto Agronômico 1894-95. pag. 281.

E' sempre com encanto que se lê o velho Dafert. Do fundo do passado a sua palavra é nova, tem vigor, encerra verdade, é sincera e, às vezes, chega mesmo a ser rude, mas três advertências que se aplicam perfeitamente bem no dia de hoje. Assemelha-se à moeda antiga, cunhada em bom metal.

Comecemos, portanto, a nossa aula (*) pelo conselho que nos dá o eminente fundador do Instituto Agronômico.

Vejamos o que êle nos ensina:

1.o — não adianta adubar cafèzais extremamente velhos cujo estado já é de plena decadência;

2.o — se as condições do terreno forem muito desfavoráveis, a adubação não remedeia a situação criada pela escolha imprópria do local.

Duas situações se apresentam ao técnico quando é chamado a opinar sobre a adubação de cafèzais: a) lavouras novas; b) lavouras em plena exploração.

Lavouras novas — Temos aconselhado a todos os lavradores de zonas recém desbravadas, que nos têm consultado, que iniciem a adubação de suas culturas tão logo comecem estas a produzir grandes safras. Em casos especiais, como daqueles em que os cafèzais foram plantados em terreno virgem, porém, fraco, é necessário que se faça adubações antes mesmo que as árvores comecem a produzir em seu rítmo normal.

O cafeeiro quando plantado diretamente na cova, inicia a sua produção, em geral no quarto ano. As colheitas vão crescendo no quinto, sexto, no sétimo ou oitavo ano e, se as condições metereológicas forem favoráveis, o lavrador colhe uma safra de grandes proporções. Dai em diante, a lavoura entrará em seu ciclo bi-anual de produção, dando sempre uma colheita pequena após uma grande.

Devemos, neste ponto, iniciar as adubações. Elas proporcionarão maior equilíbrio às plantas fornecendo elementos solúveis que, rapidamente utilizados, irão recompor as árvores esgotadas pela colheita, que entre nós é uma operação brutal. Será conseguida assim uma melhor distribuição das safras, com vantagens notórias para o produtor, que, mesmo nos anos de carência do produto, te-lo-á em quantidades suficientes, pelo menos para o custeio da fazenda.

Quando cafèzal se apresenta com sinais evidentes de esgotamento, apesar de plantado em terra nova, tais como fôlhas amarelecidas, galhos sêcos, ponteiros mal desenvolvidos ou mortos, será necessário tomar enérgicas providências, para dar, por meio de uma adubação adequada, novo alento ao cafèzal, repondo-o em condições satisfatórias de produção.

Lavoura em plena exploração — Dois são os casos que se apresentam; a)

lavouras que já vem sendo adubadas; b) lavouras que nunca receberam adubação.

No primeiro caso cabe ao técnico verificar se o plano em execução é racional. Deverá corrigir as falhas, se as houver, e dar uma orientação nova, se necessário.

O que mais frequentemente acontece, porém, é nunca ter sido feita sequer uma adubação, ou então, terem sido aplicados adubos de forma tão pouco metódica que os resultados nunca se fizeram sentir.

Torna-se necessário, portanto, organizar um plano. Tem agora aplicação o conceito de Dafert: cafeeiro velho e quase morto não se reabilita com a aplicação de adubos. Não há fórmula mágica, que transforme uma árvore moribunda, quase sem galhos, com os que restam meio apodrecidos, em planta vigorosa, vicejante, com ramos ostentando farta mésse.

Como primeiro passo a dar-se, antes de qualquer outra medida deverá ser feito um "levantamento da lavoura". Talhão por talhão terá suas plantas contadas e distribuidas em três categorias: a) plantas boas; b) meias plantas; c) falhas.

Se existir na fazenda uma escrituração da colheita de talhão por talhão, será fácil confrontar-se os dados que vão resultar desse primeiro exame da plantação com as produções obtidas nos últimos anos (5 p. ex.). Verificar-se-á que quase sempre as menores produções correspondem aos locais mais falhados.

Se não se dispuser dêsses números, a visita minuciosa ao cafèzal, a pé ou a cavalo, para anotação do valor de cada talhão, por um sistema qualquer que se adote, seja de pontos ou de notas (bom, regular, ruim, péssimo), dará uma "idéia do estado atual da lavoura".

Já agora se tem em mãos elementos para saber o que deve ser mantido, o que deve ser adubado e o que deve ser eliminado.

Temos insistido sempre, ao aconselharmos uma adubação em tais casos, que se concentre o "máximo de esfôrço na lavoura melhor". E' a que está em condições de pagar com juros mais altos o capital que se gastar para faze-la produzir mais.

ADUBAÇÃO ORGÂNICA

O cafeeiro é extremamente exigente de matéria orgânica. Plantado em terra de derrubada recente, viceja e produz fartamente enquanto o solo é rico em húmus. Quando este se esgota, decai a lavoura.

Daí a preocupação que deverá nortear o lavrador; manter as terras de seus cafèzais sempre com a quantidade suficiente de matéria orgânica para que a vida do cafeeiro se desenvolva normalmente.

A adubação orgânica poderá ser dada em duas formas principais: a) estêrco, composto, palha de café, serapilheira de mato: b) adubação verde.

PRODUÇÃO DO ESTÊRCO

A propriedade cafeeira fica por isso obrigada a ser mista, isto é, ter dupla finalidade: a produção do café e a exploração de um ramo qualquer da indústria animal. Em São Paulo a modalidade mais comum é a fazenda mista de café e gado. Atualmente há marcada tendência para se estabilizar também o tipo café-criação de galinhas.

A exploração do gado poderá ser feita debaixo de dois critérios: a) para produção intensiva de leite; b) manutenção dos animais para o fim principal de produção de estêrco, sendo o leite considerado fonte acessoria de receita.

No primeiro caso temos as granjas leiteiras, que se situam a um determinado limite de distância de São Paulo e que para lá podem remeter seu produto. No segundo fica a maioria das fazendas do Estado. Este é o tipo que mais nos interessa atualmente.

De acôrdo com dados obtidos na Estação Experimental de Pindorama, uma cabeça de gado pousando preso em mangueirão fechado produz por dia, em média, 10,5 quilos de estêrco curtido (média da produção do mangueirão), ou sejam 3.780 quilos em 360 dias.

Uma boa adubação orgânica corresponde ao emprêgo de um jacá de estêrco curtido por cafeeiro, com o peso médio de 18 quilos. Nesta base cada 1.000 cafeeiros consumirão 18.000 quilos de estêrco. São necessárias portanto 4,8 cabeças de gado por mil cafeeiros a serem estercados.

Via de regra podem ser mantidas 4 a 5 cabeças de gado em um alqueire de pasto. Podemos por isso, calcular que um alqueire de terra, em pastagem e em capineira é suficiente para sustentar as quatro ou cinco cabeças de gado necessárias por estercar os mil cafeeiros.

PALHA DE CAFE'

E' um ótimo adubo orgânico. Poderá ser empregada sòzinha ou acompanhada de adubos mineirais que completem o seu efeito no terreno. Nos anos de produção média dará para estercar mais ou menos 1|10 do cafèzal. Atualmente a tendência é a de usá-la na fabricação do composto (onde funciona como elemento fermentescível de primeira ordem) ou para o enriquecimento do estêrco de mangueirão.

A quantidade empregada é geralmente a de um jacá de 40 litros por cafeeiro. O pêso dêste volume é de aproximadamente 7.600 gramas.

COMPOSTO

Onde houver abundância de restos orgânicos, tais como bateduras de culturas diversas, restos de qualquer indústria (bagaço, cascas etc.) ou mesmo onde seja possível produzir massa orgânica abundante e por preço econômico, será de toda a vantagem o emprêgo do método da produção de estêrco denominado "composto". Pode-se assim até dobrar a quantidade de estêrco que se produziria normalmente só com a cama dos animais e suas dejeções.

ESTÊRCO DE GALINHA

A criação de galinhas vem-se desenvolvendo com extraordinária rapidez em São Paulo. O estêrco produzido é de excelente qualidade rico em elementos nutritivos e em condições de ser rapidamente aproveitada pelas plantas. Whire, Holsen e Richer, no Bol. 469 P. de novembro de 1944, da Estação Experimental de Agricultura de Pensylvania, calculam que uma galinha poedeira produz anualmente 138 litros de estêrco com 76% de umidade, o que se reduz a mais ou menos 16 quilos de estêrco seco. Em São Paulo chegam a calcular a produção em 20 quilos por cabeça anualmente, com cêrca de 20% de água, o

que equivale ao numero citado pelos autores americanos. O emprêgo é geralmente o de dois a quatro quilos por cafeeiro formado.

PLANO GERAL DE ADUBAÇÃO

Munido de todos os dados que alinhamos acima, isto é, o estado atual da lavoura e a disponibilidade de matéria orgânica, pode-se então traçar um plano geral de adubação.

Esquemàticamente temos aconselhado a divisão da totalidade dos cafeeiros a serem adubados, em três partes, de acôrdo com o quadro seguinte:

1.º ANO: Parte A Adubação orgânica; parte B — Adubação mineral; Parte C — Adubação verde.

2.º ANO: Parte A — Adubação mineral; parte B — Adubação verde; parte C — Adubação orgânica.

3.º ANO: Parte A — Adubação verde; parte B — Adubação orgânica; parte C — Adubação mineral.

ADUBAÇÃO ORGÂNICA

Este esquema traz a grande vantagem de não obrigar a um consumo de enorme quantidade de matéria orgânica, que seria, na maioria dos casos, inexequível, de início. Teremos assim, de adubar apenas 1/3 da lavoura com matéria orgânica. Esta poderá ser dada na forma de estêrco de cocheira composto, palha de café (se não se preferir transformá-la em composto) ou serapilhadeira de mato.

Se a organização da fazenda é a mais comum e a produção de estêrco se processa em mangueirões, é fácil, e agora estimar com exatidão a área a ser deixada em pasto e em capineira. Imaginemos uma fazenda com 100.000 cafeeiros. De acôrdo com o que ficou programado, 33.000 serão estercados anualmente. Como vimos, é preciso manter quatro cabeças para estercar 1.000 cafeeiros. Segue-se que serão necesárias 132 cabeças para estercar os 33.000 cafeeiros. Cada alqueire de pasto e capineira em condições médias é suficiente para a manutenção das quatro cabeças. Daí se deduz a área em pastagem, que será de 33 alqueires.

Isto não quer dizer que o esquema seja rígido. E' claro que se pudermos aumentar a estercação anualmente, para a metade dos cafeeiros existentes ou até para mais, devemos fazê-lo.

ADUBAÇÃO VERDE

As leguminosas representam importantíssimo papel na adubação do cafeeiro. Em ensaio realizado na Estação Experimental de Pindorama chegou-se à conclusão de que no tipo de solo ali existente o emprêgo de leguminosas, quando acompanhado de adubação mineral, dá resultados que se podem comparar com o do emprêgo de estêrco mais adubação mineral.

Em São Paulo podem ser empregadas com êxito as seguintes leguminosas: feijão de porco, "Crotalaria juncea" e soja "Otootan". Todas elas têm qualidades e defeitos. Por isso será de bom alvitre empregá-las todas na fazenda, em rotação, nos talhões em que forem cultivadas.

A adubação verde tem as seguintes finalidades: enriquecer o solo em azôto e em matéria orgânica, mobilizar os elementos minerais das camadas mais profundas para as superficiais, travar o solo durante o período das águas, impedindo a erosão, diminuir o número de capinas e melhorar as condições físicas do solo.

Em terrenos ainda bastante férteis a adubação verde poderá ser realizada sem o emprêgo de adubos minerais. Quando, porém, o estado de esgotamento do terreno fôr acentuado será de tôda a conveniência, mesmo dentro do esquema indicado, usar pelo menos os elementos minerais mais exigidos, de acôrdo com o tipo do solo.

ADUBAÇÃO MINERAL

Se estudarmos os resultados das análises procedidas por Dafert vamos verificar que um quilo de café em côco retira as seguintes quantidades de elementos de solo, em gramas: potássio, 20,5; cálcio, 3,2; magnésio, 19 e fósforo 21 (Dafert F. W. — Sobre as substâncias minerais do cafeeiro. Rel. do Instituto Agronômico 188, 1893, pgs. 183-200).

Esse A. não estudou o azôto necessário para a produção dessa quantidade de café. Em trabalho recente, ainda não publicado, Catani e Pupo de Morais estimaram que em um quilo de café em côco são encontradas 15 gramas dêste elemento.

Assim se tivessemos de fazer a restituição dos elementos principais retirados por colheitas de 1.000, 2.000 e 3.000 quilos de café em côco por mil cafeeiros, correspondentes aproximadamente a 33,66 e 99 arrobas de café beneficiado, teríamos de lançar mão do que vem expresso no quadro seguinte:

Restituição de elementos retirados pela colheita

Colheita	*Azôto*	*Fósforo*	*Potássio*
1.000 kls. de café em côco	15,0 kg.	2,4 kg.	205, kg.
2.000 kls. de café em côco	30,0 kg.	4,8 kg.	41,0 kg.
3.000 kls. de café em côco	45,0 kg.	7,2 kg.	61,5 kg.

Calculando os adubos mais comumente empregados na lavoura cafeeira, na base citada, teremos o seguinte:

Adubos a serem empregados para produzir:

COLHEITA	*Salitre do Chile a 15 %*	*Sulfato de amônio a 20,5 %*	*Farinha de ossos a 28 %*	*Cloreto de potassio a 60 %*
1.000 qls. de café em côco	100 kg.	73,2 kg.	8,5 kg.	34,2 kg.
2.000 qls. de café em côco	200 kg.	146,4 kg.	17,0 kg.	68,4 kg.
3.000 qls. de café em côco	300 kg.	219,6 kg.	25,5 kg.	102,6 kg.

Teriamos, portanto, que a restituição dos principais elementos para uma produção bastante elevada, como seja a de 99 arrobas por mil cafeeiros iria exigir por planta as seguintes quantidades de adubos:

Por cafeeiro	Gramas
Salitre do Chile	300
ou	
Sulfato de amônio	220
Cloreto de potássio	100
Farinha de ossos	25

Ensaios realizados nas Estações Experimentais de Campinas e Ribeirão Preto demonstraram que para a terra roxa misturada e para a roxa legítima o elemento em mínimo é o potássio. Na Estação Experimental de Pindorama, situada em terra arenosa, o elemento que se mostrou mais necessário foi o azôto.

Assim, com base nestes resultados, temos aconselhado para as diversas regiões cafeeiras do Estado fórmulas em que seja dada, para as terras roxas, uma adubação mais pesada em potássio e, para as terras arenosas, mais rica em azôto.

Em geral, salvo casos de notória pobreza em qualquer dos elementos, poderão ser empregadas as seguintes misturas, com bons resultados no Estado de São Paulo.

Para terra roxa e roxa misturada:

Por cafeeiro	Gramas
Salitre do Chile	200
ou	
Sulfato de amônio	150
Cloreto de potássio	150
Farinha de ossos	200

Para terra arenosa:

Por cafeeiro	Gramas
Salitre do Chile	300
ou	
Sulfato de amônio	220
Cloreto de potássio	100
Farinha de ossos	200

Os adubos azotados deverão ser empregados em duas épocas: outubro, juntamente com os demais, e março-abril, em cobertura.

Quaisquer outros adubos podem ser aplicados, desde que haja conveniência econômica ou técnica em fazê-lo.

Deve-se dar grande apreço e preferência, sempre que possível, às tortas, tanto a de algodão como a de mamona, que são empregadas na cafeicultura com excelentes resultados, pois, além de constituirem otimo adubo orgânico, incorporam ao solo apreciáveis quantidades de azôto, fósforo e potássio.

Com todos esses elementos em mãos competirá ao agrônomo fazer a receita para cada caso em que seja chamado a dar a sua opinão.

Se a matéria orgânica fôr mal preparada ou se se tratar de solos muito pobres, convirá juntamente com ela fazer o emprêgo de adubos minerais convenientes, se a lavoura fôr muito viçosa, bem enfolhada e principalmente se

estiver situada em terra roxa, poderá ser dimiuido o azôto; se, pelo contrário, se apresentar mal vestida, sem folhas, por efeito de uma colheita excessiva ou porque tenha sido prejudicada por geada ou sêca, êsse elemento poderá ser dado em dose maior; se após o corte da leguminosa para a adubação verde as àrvores se mostrarem amareladas, imediatamente deverá ser feita uma adubação azotada em cobertura; em qualquer caso, se em março ou abril os cafeeiros apresentarem folhas amarelecidas, será aplicado o tratamento atrás referido; em terras arenosas será de bom aviso insistir no emprêgo das leguminosas, etc..

MODO DE EMPRÊGO

A adubação orgânica (estêrco de cocheira, composto, palha de café, serapilheira de mato). é empregada em sulcos profundos que se fazem um pouco afastados da saia do cafeeiro. Em terrenos muito acidentados usa-se fazer a *meia-lua*, dando meia volta ao cafeeiro. Esta operação é executada com exatidão atingindo a uma profundidade de pouco mais ou menos 30 cm. Quando o cafèzal está plantado em nível ou situado em local de topografia pouco acidentada, usa-se o sulcador. Procura-se obter a profundidade de 30 cm. o que muitas vezes é conseguido com duas passadas da máquina. Deve-se evitar repetir o sulcamento no mesmo lugar se a adubação orgânica se processar todos os anos, mudando a posição em que é feita, de um ano para outro.

A matéria orgânica destinada a cada cafeeiro é disposta bem esparramada no sulco ou na meia lua. No primeiro caso a dóse de um cafeeiro deverá encontrar a dóse do seguinte formando um filete contínuo no sulco. Por sôbre a matéria orgânica é distribuido o adubo mineral. A aplicação de adubos fosfatados deverá ser feita de preferência juntamente com os adubos orgânicos, para se aproveitar a maior profundidade a que estes são colocados.

Depois de distribuidos os adubos orgânicos e químicos, os trabalhadores com a enxada fazem uma mistura de terra com eles e fecham os sulcos.

Quando se executa a adubação com misturas de adubos químicos exclusivos, fa-se a meia lua ou o sulco mais superficialmente, pois o volume a ser enterrado é pequeno. A adubação azotada, principalmente a que se dá em março, abril, deverá ser em cobertura.

Os adubos verdes, depois de cortados, devem permanecer no solo; não se deve enterrá-los.

ÉPOCA DE ADUBAÇÃO

A adubação geral da fazenda deverá ser iniciada logo após as primeiras chuvas, isto é, de fins de setembro em diante, podendo se prolongar até dezembro.

(*) Aula proferida no I Curso Post-Graduado de Cafeicultura, realizado sob os aupícios do Instituto Brasileiro do Café, no Instituto Agronômico de São Paulo, em Campinas, em 26-5-54. — (fonte: folheto n.º 15 do Serviço Divulgação Agrícola, Div. Fomento Agrícola, Secrt. Agricultura, nov. 1955).

(Da "Folha da Manhã")

A PLANTAÇÃO DO CAFEEIRO EM RENQUES DE NÍVEL E A MECANIZAÇÃO DA CULTURA

José Ferreira VELOSO
(Engenheiro-agrônomo)

A cultura cafeeira em nosso país sempre foi acusada de fazedora de desertos. Nos primeiros anos a vegetação é exuberante e as produções altamente compensadoras. Logo depois vêm a decadência e o abandono, tanto dos cafèzais como da região, que mergulha no marasmo. No entanto, não é só a cultura cafeeira que dá origem a desertos. Qualquer planta mal cultivada, isto é, sem os necessários cuidados para a conservação do solo e da água, esteriliza a terra, por mais fértil que tenha sido em sua origem.

O cafeeiro sendo uma planta da selva nunca poderá prejudicar ou esterilizar um solo. Com os conhecimentos que temos hoje, podemos afirmar que alguma coisa ou muita coisa errada deve existir e de fato existe nos nossos processos tradicionais de cultivar o cafeeiro. Isso já foi assunto de outros artigos por estas mesmas colunas, onde apontamos os erros que encerram e que redudam em males irremediáveis para a planta e para o solo. Resumindo-os diremos que todo cafèzal que for plantado em quadrados ou em moitas oferece campo aberto aos inimigos da agricultura, pelo fato de constituir uma cultura completamente indefesa. Não tem defesa contra a erosão, contra as doenças, contra os insetos, contra as ervas-más e contra o pauperismo ou desumificação do solo, todos eles inimigos mortais da cultura; qualquer operação executada para combater esses inimigos dos cafeeiros, assim plantados, fica por preços exorbitantes e completamente fora do alcance econômico da lavoura. A plantação de café estabelecida em quadrados ou em moitas forma um cafèzal anti-econômico; é uma emprêsa a caminho da falência. Não há processo ou método de cultura barato que a salve da decadência. A substituição das plantas ou dos talhões deficitários é pràticamente impossível ou então fica por preços muito elevados. Quando a lavoura é nova, tudo vai muito bem; à medida que vão passando os anos, o cafeicultor começa a sentir os maléficos efeitos dos inimigos do solo e da planta: o custeio sempre aumentando e a produção diminuindo de ano para ano; chegará o dia em que a safra antes de ser colhida já está pesadamente onerada e terá que ser vendida às carreiras para cobrir as despesas.

Falando de um algo exagerado diremos que os frutos do cafeeiro "enquanto estiverem na árvore" deverão ter um valor insignificante e semelhante ao das sementes dos capins que nascem na lavoura, resultando: por menores que sejam os preços do café, o cafèzal será sempre lucrativo. Esse é um modo simples de dizer as coisas a fim de realçar o grande valor que tem um "custo de produção barato". O cafeicultor que hoje é um verdadeiro escravo não só da sua cultura como de toda sorte de contrôles e confiscos, tornar-se-á livre e verdadeiramente dono e proprietário da sua produção: vende-la-á quando quiser e pelo preço que entender, podendo até deixar de colhê-la se assim lhe aprover, individualmente ou coletivamente, caso haja um entendimento geral, o que evitará, com grandes economias, as retensões ou queimas do produto já

colhido, beneficiando, ensacado e colocado nos portos de exportação. Para se alcançar isso, no entanto é necessário uma mudança radical nos métodos de plantio do cafèzal. Jamais alcançaremos esses objetivos com o plantio em quadrados ou em moitas, embora estas estejam em curvas de nível. O custo da produção, nos cafèzais assim plantados, é sempre alto e com tendências a ficar cada vez mais altos até o completo abandono do cafèzal pelo fato de tornar-se deficitário.

Desde os longínquos tempos da escola de Agronomia de Piracicaba que me preocupa esse estado de coisas que só acontece com o cafeeiro, entre milhares de outras plantas cultivadas pelo homem. Como cafeicultor que já fui é tenho trabalhado com café em diversos Estados brasileiros, tenho uma especial dedicação por essa cultura que tanto nos tem beneficiado.

Há cêrca de dez anos iniciei algumas experiências com café nas terras que possuo, nas vizinhanças desta capital, primeiro com sementes colhidas nos vizinhos e mais tarde com sementes que me foram gentilmente cedidas por um tradicional cafeicultor paulista. Infelizmente a geada de 1953, destruiu quase tudo. Em janeiro de 1954, fiz outra plantação de 2 hectares, com mudas compradas que hoje estão com ano e oito mezes (fotos). O processo empregado sempre foi o de renques de nível, com espaçamentos variados, a fim de tirar conclusões. E hoje posso afirmar, sem receio de errar, que esse método, nos moldes que venho executando, certamente será o sistema de plantio do cafeeiro que restabelecerá e estabilizará as lavouras nas zonas apropriadas por onde ele andou e tanto beneficiou.

As minhas plantações sem constituirem nenhuma transcedência, são, todavia, baseadas no estudo, na prática e em muita observação; não foram inspiradas em nada e nem tampouco devidas ao acaso.

O plantio do cafeeiro em renques de nível, conforme venho executando é o método mais racional para o cultivo dessa preciosa planta. Nele está concentrado um máximo de condições indispensáveis à conservação do solo, da água e da planta, aliadas à completa mecanização da cultura. Indiscutívelmente esse será o método que em futuro próximo será adotado em todas nossas fazendas de café, pois grande tem sido a sua aceitação com centenas de pedidos de mais explicações que me têm sido dirigidos das várias zonas cafeeiras deste Estado e do país, de três anos para cá, isto é, desde que comecei a divulgá-lo por este jornal, a "FOLHA DA MANHÃ".

A agricultura de nossos dias se baseia na pesquisa sistemática e se caracteriza por uma luta constante contra os inimigos das plantas e do solo, luta essa na qual o agricultor precisa ser obrigatòriamente sempre o vencedor. No plantio do cafeeiro em renques de nível tudo é fácil de executar a tempo e a ora, e mecanicamente. Os tratos culturais ficam por preços baratíssimos e afora certos fenômenos meteorológicos, o cafeicultor domina a situação e executa tudo a seu tempo a fim de que o vigor das plantas seja mantido em toda a sua plenitude.

As fotos dão uma idéia da boa vegetação dos cafeeiros apesar de estarem em terra pobre e pràticamente sem adubação. A sombra projetada no solo pelos renques de cafeeiro dá origem a uma umidade superficial em esteira continua e constante que julgo ser uma das vantagens do processo: a água está à

disposição do cafeeiro durante o ano inteiro. No plantio em touceiras isso não pode acontecer, pois o sol resseca a terra em toda a volta e assim atua como outro fator de destruição da planta.

A erosão é anulada, sem a necessidade de operações complementares que além de encarecerem a cultura, dificultam os tratos culturais. No plantio em renques os próprios cafeeiros estabelecem, rua por rua, as barreiras contra as águas das chuvas que si se infiltram em sua totalidade, beneficiando-as diretamente.

Os restos das culturas intercalares se acumulam no lado de cima dos renques, cobrindo o solo e dando origem à formação do humus, duas outras inestimaveis vantagens para a boa vegetação do cafeeiro.

Diante dessas explicações ficam assim evidenciados os dois maiores erros da atual cultura cafeeira em nosso país: 1.º o plantio em quadrado; e 2.º o plantio em moitas.

Êsses os dois processos empiricos que a natureza prodigiosamente dedicou aos Estados do Rio, Minas, São Paulo e agora o Paraná.

A constatação de que o cafeeiro morre quando plantado isoladamente não se enquadra ao método de renques de nível, conforme estou executando, pois nesse meu processo os pés estão bastante encostandos uns aos outros, formando barreira contra a erosão e beneficiando-se mutuamente pela sombra que um faz ao outro. No entanto a observação acima, cuja veracidade ninguém discute, precisa ser ampliada e assim diremos que o cafeeiro tanto morre quando plantado isoladamente, como irá morrer nos meus renques e como também morre nas touceiras, o que se pode provar a qualquer momento. Daí a tendência logica e certa que antigos cafeicultores têm para plantar touceiras com maior número de pés de café a fim de aumentar o ciclo produtivo da touceira. O sol atua sobre o cafeeiro como um forte estimulante um verdadeiro "dopping", que, aumentando a produção, lhe encurta a vida. A diferença que existe, aliás fundamental e da máxima importância, é que a substituição das touceiras de café mortas ou deficitárias é muito difícil, senão impossível (terra erosada) e no plantio em renques é facílimo e feito, mecanicamente.

O plantio em touceiras é um método empírico destituido de qualquer base experimental ou científica e a prova disso é que até hoje não se sabe como a touceira termina seus dias: se com todos os pés iniciais, com alguns ou com um só, pois ainda não se fez a observação sobre o comportamento desses pés na cova, quanto à longevidade, observação essa que, embora demorada, já deveria ter sido feita; esse é um processo que data do Brasil-colonia e que infelizmente até hoje está sendo cegamente adotado; conscientemente, esse processo não tem nada a seu favor, porquanto ele aberra contra todas as boas normas do cultivo racional das plantas.

(Da "Folha da Manhã")

ADUBAÇÃO DO CAFÈZAL EM TRÊS ETAPAS

Divisão da área total em três partes, empregando-se alternadamente em cada uma adubação química, verde e com estêrco

Toda a vez que o adubo químico for empregado acompanhado do orgânico (estêrco, palha, etc), a eficiência da adubação será mais acentuada.

Baseado nesse reconhecimento, todo fazendeiro deverá, uma vez que possa, adubar o máximo de pés de café com matéria orgânica (estêrco, etc) adicionada de uma adubação química equilibrada. Em parte restante do cafèzal, plantará leguminosas para adubo verde.

Como é quase impossível fazer uma aplicação de estêrco todos os anos, em todo o cafèzal, poder-se-á proceder da seguinte maneira:

O cafèzal será dividido em 3 partes: A, B, e C. Os trabalhos de adubação obedecendo ao esquema abaixo:

PRIMEIRO ANO:

Parcela A — Adubação química; Parcela B — Adubação com estêrco; Parcela C — Adubação verde.

SEGUNDO ANO:

Parcela A — Adubação com estêrco; Parcela B — Adubação verde; Parcela C — Adubação química.

TERCEIRO ANO:

Parcela A — Adubação verde; Parcela B — Adubação química; Parcela C — Adubação com estêrco.

Assim, no fim de três (3) anos, cada parcela receberá as três (3) adubações: Orgânica, Química e Verde. Do quarto ano em diante, o fazendeiro iniciará novamente, a mesma série.

(Do "O Jornal" Rio)

RECUPERAÇÃO DOS CAFÈZAIS PAULISTAS

José Alcindo RITTES
(Engenheiro-agrônomo)

A constante e perigosa queda das produtividade dos cafèzais paulistas leva de início ao pensamento de que é urgente a recuperação das lavouras, agravado o problema pela necessidade inadiável de se baratear a produção, como primeira providência no sentido de garantir a posse e o alargamento dos mercados do café brasileiro. Alem de inúmeras outras razões que mostram a conveniência de estabilizar a lavoura cafeeira de São Paulo, há a nosso ver, uma que tem sido subestimada, e que incide muito diretamente sôbre a economia do país. E' a que diz respesto ao desuso em que caem a organização e construções das propriedades (terreiros, tulhas, máquinas, casas de colônia, mangueirões para produção de estêreo, estradas de acesso a talhões abandonados, etc.), com a marcha incessante da lavoura cafeeira em busca de terras virgens. O abandono ou o subproveitamento de toda uma organização cara constitui onus pesados para a cafeicultura, se a observamos englobadamente, como um todo nacional.

Na recuperação das lavouras cafeeiras deve-se considerar essa faceta do problema, e fazê-la mesmo em função dela. Adgamos aqui para a expressão "recuperação da lavoura cafeeira" uma significação mais ampla que a que se lhe artibui comumente de melhorar a produtividade dos talhões já existentes.

CAMINHOS PARA A RECUPERAÇÃO

Por recuperação julgamos ser importante compreender dois caminhos a seguir, conforme as condições oferecidas por propriedade:

1) Providência no sentido de elevar a medida de produção dos talhões, adotando-se um regime de replantas, tratos culturais e adubações.

2) Substituição parcelada e anual dos talhões, o que poderá ser chamado de "renovação da lavoura".

E' claro que as duas providências podem ser associadas para uma mesma propriedade.

ESCOLHA DO CAMINHO

O ponto crucianté da questão está em escolher certo, a solução a adotar, para que se não faça uma aplicação antieconômica de recursos em cafèzais por demais depauperados e não se cortem cafèzais ainda muito produtivos e econômicos. A referência mais segura para uma solução acertada será o estudo do registro da produção de cada talhão, num espaço de no mínimo 4 anos, mas como a existência de registro nas fazendas constitui excessão, o caminho a seguir será escolhido pela observação dos velhos talhões, considerando-se a planta e sua idade, as falhas e outras características em conjunto.

PRIMEIRO CAMINHO

Para o caso de se concluir que se deve sòmente replantar, adubar e melhorar os tratos culturais, dificuldades acentuadamente menores surgirão de parte do lavrador pois as medidas aventadas, menos radical, mais cômodas, encontrarão menor têm sido realizadas em boa escala, com êxito.

SEGUNDO CAMINHO

Acreditamos, porém, que para vastas regiões de São Paulo, em aproximadamente 80% dos casos, a solução a indicar será a mais radical. Para uma média paulista de produção baixíssima, inferior a 20 sacos em côco por mil pés, todas as lavouras de produção inferior à media serão condenadas à renovação, além de muitas outras de produção superior.

O problema aqui se complica, pois será em maior gráu e resistência do lavrador. Essa resistência não é, entretanto, descabida e tem explicação no dispêndio financeiro avultado que a solução preconizada exige. Uma política sadia de financiamentos para essa iniciatvia — e esse financiamento deve interessar sobremaneira ao Banco do Brasil — possibilitará a renovação dessas lavouras quase improdutivas.

Entrando pròpriamente nas considerações da renovação das lavouras, querem os frisar mais uma vez o nosso ponto de vista de que deve ser feita em função da organização já existente nas fazendas. Somos de parecer que não deve haver preocupação em diminuir ou aumentar o número de cafeeiros. Deve-se sòmente, visar à produção máxima por alqueire de terra, para que o total da colheita atenda à capacidade das instalações da fazenda e não a ultrapasse. Vejamos um exemplo mais concreto.

CARACTERÍSTICAS DE PROPRIEDADE A RECUPERAR

Há centenas de propriedades em São Paulo com média de produção inferior a 20 sacos em côco por mil pés da varieda- 20 sacos em côco por mil pés. Teremos uma com 100.000 pés da variedade Nacional, com a produção média de 20 sacos. Esse cafèzal estará plantado à 16 palmos, em quadrado, ou seja, a um espaçamento de 3 m 52 x 3 m 52, cada planta ocupando 12,40 m2. Num alqueire teremos, descontados carreadores, etc., 1.750 covas. O sistema de plantio em quadrado facilitará a erodibilidade do solo. Haverá falhas em profusão. A propriedade, como sói acontecer, estará toda tomada pelo cafèzal, que ocupa 57 alqueires. A 65 alqueires.

A fazenda configurada acima deve proporcionar além do baixo rendimento, uma vida de ínfimo padrão ao trabalhador rural, pois só pode pagar mal e não tem área para a produção de generos de subsistência, que devem ser adquiridos no comércio. Em geral, toda uma região é tomada por fazendas desse molde, o que agrava o problema.

Aqui só há um caminho a seguir: renovar todo o cafèzal, nitidamente antieconômico, e fazê-lo parceladamente. Não serve, no entanto, a solução simplista da substituição anual de 10% da lavoura, que se completará em 10 anos.

A fazenda em pauta produz 2 mil sacos em côco por ano e seu terreiro, construido de acôrdo com o resto da organização, tem uma área de 3.300 m2, comportando, portanto, 6 mil sacos em côco para à região em que está construido, na qual a secagem dura, aproximadamente, 10 dias. A partir desta capacidade para os anos de safra grande, será planejado o novo cafèzal.

RECURSOS MODERNOS A CONSIDERAR

Na formação do novo cafèzal serão utilizados os mais modernos recursos da técnica, a saber, principalmente: 1 — plantio em regime conservacionista; 2 — uso de sementes seleccionadas de linhagens comprovadamente mais produtivas; 3 — plantio de mais de uma variedade visando a uma colheita maior de cereja, diversificando-se o momento da maturação; 4 — adoção de espaçamento mais adequado para cada variedade; 5 — realização de planejamento agropecuário da propriedade.

Quanto aos itens 1 e 2 nada é preciso acrescentar. O item 3 possibilita colher mais cereja, já que a maturação dos frutos de uma variedade é mais tardia que a outra. No que tange ao espaçamento, é interessante frisar que o plantio a menor distância, conforme tendência que rapidamente se acentúa, garante economia de braços nas capinas, o que é de importância transcedental em face do exôdo para as cidades, e possibilita uma maior concentração de plantas, por alqueire. Para as variedades "caturra" há forte tendência no sentido de se destinar em 6 m2 para cada planta (3 x 2 m). Isto significa que, descontados os carreadores, etc., caberão num alqueire 3.700 plantas, aproximadamente. Para as demais variedades, aceitando-se as recomendações mais moderadas, cada planta deverá ocupar 7,6 m2. (3,30 x 2,30 m2), ou seja, com o desconto de carreadores, etc., cada alqueire receberá 2.800 plantas.

O item final mostra que se não deve dispensar os recursos valiosissímos do planejamento agropecuário. Antes de iniciar a renovação do cafèzal, é preciso estudar as condições da propriedade. Calculando-se a área que se destinará ao cafèzal novo, considerando a topografia, a melhor terra, o mais fácil acesso às instalações de preparo, a posição em relação à casa do administrador, a situação da calônia e dos mangueirões, a distribuição das futuras capineiras para produção do estêrco, etc. Serão determinadas antecipadamente as áreas destinadas às pastagens para manutenção do gado necessario à produção de estêrco, ao aviário se for o caso de exploração da agricultura, as culturas subisidiárias, não se excluindo as que produzirão gêneros de subsistência para o trabalhador, etc. Tudo deve ser feito com critério e distribuido racionalmente. Uma fazenda mal planejada perde sempre em rendimento.

ESCOLHA DE VARIEDADES

Atendendo à recomendação de que é sempre interessante plantar mais de uma variedade, escolheremos, a titulo de exemplo, as seguintes: "caturra amarelo", "bourbon amarelo" e "mundo novo". O "caturra amarelo" deverá ser plantado no primeiro ano, pois sendo um pouco mais precoce propiciará um retorno mais rápido do capital aplicado. Deverá vir a produzir fácilmente uma média anual de 80 sacos em côco, por mil pés, já que a lavoura nova receberá todos os cuidados, atingindo a produção, nas safras grandes, aproximadamente 100 sacos. As duas outras variedades produzirão em média 100 sacos, e nos anos de safra grande 120 sacos.

REALIZAÇÃO DO PLANO

De início, 10% do cafèzal velho serão cortados, ou sejam, 10 mil pés situados em 6,5 alqueires. Dentro da área demarcada para o novo cafèzal começaremos cortando os piores talhões e deixaremos os melhores para o fim. Esses 6,5 alqueires receberão, depois de marcadas em regime conservacionista e adubadas as covas, mudas provenientes de sementes selecionadas de "caturra amarelo" e "mundo novo", para formação de 15 mil cafeeiros da primeira variedade, espaçados de 3 m x 2 m e 9.500 da segunda, espaçados de 3 m 30 x 2 m 30. No segundo ano mais 6,5 alqueires serão destinados à renovação (10 mil pés), plantando-se 18 mil covas com mudas de "mundo novo" e "bourbon amarelo". No terceiro ano serão renovados ainda 4,5 alqueires (8 mil pés) com o plantio de 12.500 pés de "bourbon amarelo" e "mundo novo". Deve-se equilibrar o número de plantas de "bourbon amarelo" e "mundo novo" e assim, após 3 anos se terá plantado 15 mil pés de "caturra amarelo" (27%), 20 mil de "bourbon amarelo" (36,5%) e 20 mil de "mundo novo" (36,5%). Nos anos seguintes o cafèzal velho que ainda resta (72 mil pés) não sofrerá tratos dispendiosos e se fará a colheita para a manutenção da fazenda, enquanto se concentrarão tratos no cafèzal em formação. Entrando em produção os novos talhões, o cafèzal velho será eliminado.

QUADRO DAS VANTAGENS MEDIATAS E IMEDIATAS OBTIDAS

1) Aumento ponderável da produção média total da fazenda, de 2 para 3,2 mil sacos, ou seja, aumento de 160% sôbre a produção anterior.

2) Aproveitamento integral da organização da fazenda, já que nos anos da safra grande a produção atingirá 6.300 sacos para a qual está planejada.

3) Diminuição do número de plantas de 100 mil para 58 mil com um ganho apreciável em tratos culturais, etc.

4) Diminuição da área plantada de 57 para 17,5 alqueires e portanto de 87,7 para 27% da área da fazenda, aumentando-se á área disponível de 8 para 47,5 alqueires, ou seja de 12,3 para 73%.

5) Proteção melhor do solo em face do novo plantio em regime conservacionista.

6) Possibilidade de obtenção de melhor produto pela diversificação das variedades plantadas, único caminho racional e fácil, em cultura isolada para colher mais cereja.

7) Planejamento agropecuário da propriedade vizando ao equilíbrio e barateamento da produção.

8) Possibilidade de diversificação da produção dentro da fazenda e na região, com base no ganho de área para outras culturas que não o café.

9) Vantagens sociais não mensúráveis pela possibilidade de melhor paga ao assalariado rural, e pelo barateamento do custo de vida na região, com a produção local de gêneros de subsistência.

10) Fixação do homem ao campo, que pela melhor condição de vida se inclinará menos a engrossar as correntes do exôdo para os centros urbanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizada a recuperação com o plantio em três anos sucessivos dos talhões novos, o próprio lavrador se convencerá de como valorizou sua propriedade, e tudo daí por diante lhe será mais fácil. Os problemas de conservação do solo se tornarão diminutos pela distribuição das plantas em nível ou contorno, as capinas diminuirão em face da menor área plantada e do espaçamento menos avantajado, o rendimento por planta e por alqueire crescerá significativamente, os trabalhos de transporte da safra serão menos penosos em vista do planejamento que se realizou, o produto será melhor, pois a colheita de cereja será possível pela diversificação das variedades, e, afinal, o ganho do lavrador será mais remunerador.

Para os interesses nacionais há duas vantagens a citar: a) custo menor da produção por planta e por alqueire, possibilitando valioso "handicap" para o país na contigência de uma conquista de mercados pela competição dos preços; b) possibilidade de produção em maior volume de cafés de melhor qualidade, a partir de uma quantidade maior de café cereja.

Para a melhoria da condição de vida do trabalhador rural é enfadonho mostrar o que representam a melhor remuneração e a possibilidade de melhor assistência por parte do empregador que poderá construir melhores casas, manter escola e assistência médica.

FINANCIAMENTO

Ao Banco do Brasil por sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, compete instituir financiamento especial para a rea-

lização, nas fazendas, do plano aventado neste trabalho. E deve interessar-lhe sobremaneira esse financiamento, que pode ser feito a prazo mais curto de pagamento (4-5 anos) e que não é onerado por construção, equipamentos, etc. já existentes. Tendo antes de tudo o Banco do Brasil uma função social, é bom verificar que lhe interessa muito a recuperação dos cafèzais velhos, para aumento da produtividade do homem do campo, expressa hoje no Brasil sòmente em 1/6 e em São Paulo em 1/3 da produtividade do homem que vive nos centros urbanos. E como o aumento da produtividade do trabalhador não pode ser proporcionado por medidas isoladas, já que é enorme a complexidade do problema, o Banco do Brasil deve fazer mais que financiar. Deve e pode instituir cláusulas no seu plano de financiamento, pelas quais se obriga o lavrador, iniciada a produção dos cafèzais novos, a construir casas do tipo Ministério da Agricultura, simples e confortáveis, construir escolas, dar assistência medica ao trabalhador rural, etc, tudo de acôrdo com o nível de financiamento e da produção a obter. Será esta uma contribuição suplementar importantíssima do Banco do Brasil à lavoura, favorecendo o aumento da produtidivade "per capita" e a fixação do homem do campo.

(Da "Folha da Manhã")

Florescem os cafèzais paulistas

Os cafeeiros florescem normalmente em São Paulo no período de agôsto a janeiro. Há mais de meio século, estudando o assunto, Dafert concluiu que as melhores floradas são aquelas que se verificam nos meses de setembro e outubro. O certo é que, em agôsto, sofrem elas os efeitos de geadas ou de ventos frios, que são causas do aborto das flôres e, dessa forma, de seu fenecimento. De outro lado, as floradas tardias, de novembro em diante, não produzem cargas satisfatórias, quer pela quantidade, quer pelo tamanho dos frutos. Por esse motivo, os lavradores desejam ver sempre seus cafèzais floridos nos meses de setembro e outubro, ou melhor, de meados de setembro a meados de outubro.

Este ano, ao que parece, isso acontecerá, uma vez que as chuvas caidas em fins de agosto tornaram possível o rápido desenvolvimento dos botões. Desde segunda-feira, em extensas zonas do Estado, particularmente naquelas que foram mais favorecidas pelas precipitações, os cafèzais florescem de maneira admirável. Como são as primeiras — continuando favorável o tempo — é provável se dêm outras maiores e melhores, oferecendo, assim, boas perspectivas á colheita em 1956, que poderá ultrapassar as estimativas feitas após o desastre provocado pelas recentes geadas.

Nos últimos anos, sensíveis contratempos, antes ou depois das floradas, têm levado os lavradores a se queixarem da falta de pegamento normal de frutos, que é, em média, de 20 a 25 por cento do número de flores. Em 1950 e 1951, as floradas sofreram os efeitos da estiagem, havendo zonas em que imediatamente após o florescimento, como aconteceu na Alta Paulista, já se previa uma colheita vinte por cento menor do que a anterior, exatamente devido ás más condições para pegamento das flôres. Todavia, em 1952, cairam abundantes chuvas em várias regiões, sendo as floradas antecipadas para agôsto e setembro, proporcionando, como é obvio, maiores colheitas. No ano seguinte, o cafèzal floresceu notàvelmente. Foi o ano das grandes geadas. Dentre a numerosa correspondência que então recebemos, indagando se se devia atribuir ás geadas o excepcional florescimento dos cafeeiros, carta de um fazendeiro de Marília acentuava que dava como causa do florescimento do seu cafèzal, que produzira três grandes floradas, á influência do frio ou das geadas sobre a fisiologia do cafeeiro.

Repete-se este ano o fato. Desde as primeiras floradas, os cafèzais superam as expectativas. E' difícil, contudo, sem maior exame do assunto, concluir-se pela ligação do fenômeno das floradas com a frequência e intensidade do frio ou das geadas, uma vez que, como se deu em 1953, também agora, em agôsto, choveu muito mais do que o normal.

De qualquer forma, é interessante assinalar que os cafèzais paulistas estão em boas condições de vegetação, e que as primeiras floradas, consideradas excepcionais, são iguais ou melhores do que as dos mais venturosos anos.

(Do "O Estado de S. Paulo")

TRATAMENTO DOS CAFÉS GEADOS

Valter LAZZARINI
(Engenheiro-agrônomo)

Embora não se tenha pràticamente nada a acrescentar ao que já foi divulgado sobre como proceder no tratamento dos cafés geados, as muitas e constantes consultas a respeito nos fazem, mais uma vez repetir as normas que devem ser seguidas pelos lavradores, para que não sejam ainda agravados os prejuízos sofridos.

NÃO DEVE SER PODADO O CAFÉ GEADO

Muitos lavradores ficam na dúvida a esse respeito e uma grande parte poda o café, o que constitui um verdadeiro erro prejudicial à planta, dificultando a sua recuperação.

Segundo Abelardo Pompeu do Amaral, em seu livro "Cultura Prática e Racional do Cafeeiro", citando o sr. F. Ferreira Ramos, diz que ocorreu em São Paulo forte geada e um grupo de lavradores fêz observações a esse respeito, concluindo acertadamente por não podar o café geado.

Vale a pena a transcrição do trecho citado:

"Em 1902, por ocasião da grande geada de 19 de agôsto, surgiram os mesmos problemas e as mesmas discussões que ora agitam a lavoura cafeeira, tendo então um grupo de lavradores dos municípios de Ribeirão Preto, Cravinhos, Sertãozinho, Franca e Igarapava, resolvido fazer uma experiência decisiva a respeito. Uns podaram e outros não podaram os pés de café, totalmente danificados na aparência. Os que não podaram refizeram em 2 ou 3 anos as suas lavouras, conforme a idade dos cafeeiros e a riqueza da terra. Os que podaram levaram 4 a 6 anos para reconstruí-las em idênticas condições. Quanto aos cafeeiros de menos de 4 anos de idade, a poda já não é tão prejudicial, mas, mesmo assim, é preferível não se podar, porque, na primavera, logo depois das primeiras chuvas a natureza indicará pela brotação do arbusto qual o que deve ser eliminado ou o lugar da haste onde se deve amputar. Aliás, as chuvas do próximo verão farão apodrecer os galhos ou troncos, que, então, serão fàcilmente quebrados pelo trabalhador rural. A não-podação dos cafeeiros, além de apressar a reconstituição dessa cultura economiza a despesa da poda e mais a remoção da galhada que fica obstruindo as ruas do cafèzal podado. A podação do cafeeiro, agora, tem ainda o inconveniente de facilitar a destruição dos novos brotos, por geada que ainda venha este ano, visto deixar desabrigado o lugar da brotação."

Posteriormente, em 1918, em 1943 e nesta última geada de 1953, foram repetidas as observações de técnicos e lavradores sendo as conclusões tôdas favoráveis a *NÃO SE PODAR O CAFE' GEADO.*

As razões dessa conclusão residem, ao nosso ver, em dois fatores principais:

a) No caso da poda há um traumatismo dos tecidos vivos e ainda um abalo mecânico, ocasionado pela própria operação de poda por mais cuidadosa que seja.

b) Não se efetuando a poda ao nascerem os brotos, tenros e frágeis, terão no tronco morto do café um "tutor" que os defenderá dos ventos e de algum outro agente mecânico, impedindo que se quebrem ou lasquem ou sofram abalos, o que se verifica mais comumente quando se poda o café geado.

Se alguma observação leva o lavrador a concluir pela poda, isto é, se em certos lugares vêm-se lavouras podadas com melhor aspecto que as não podadas, é quase sempre porque as duas anteriormente à geada eram diferentes e o melhor aspecto da lavoura po-

dada se deve a esse fato e não pròpriamente à operação de poda. Tratando se, porém, ambos os cafés — podado e não podado — da mesma maneira, com os mesmos cuidados e sendo iguais em idade, variedade, etc., então a vantagem será, sem dúvida, para os cafés não podados.

DEVE SER DESBROTADO O CAFÉ GEADO

Quando o café começar a brotar, é necessário eliminar os brotos em excesso. Essa eliminação deve ser feita paulatinamente em duas ou em três vezes, deixando-se um ou dois brotos por tronco.

No caso de a cova ter muitas plantas, oito ou mais, deixa-se apenas um broto por tronco e quando tem poucos pés (3 a 5) deixam-se dois brotos por tronco.

Outra regra a observar é deixar nos pés mais finos e fracos um broto e nos mais grossos e fortes dois brotos. A própria planta parece indicar o modo de efetuar a desbrota.

Época da desbrota — Deve ser indicada assim que os brotos começam a se diferenciar, quando os maiores atingirem de 5 a 10 cm de comprimento e deve terminar em março-abril. Em setembro-outubro seguintes deve ser feito um repasse no cafèzal corrigindo-se os possíveis erros e eliminando-se novos brotos que tenham nascido.

Cuidados na desbrota — Não se deve deixar que os brotos a serem eliminados fiquem muito desenvolvidos, porque nesse caso, alem da desbrota ser mais demorada, difícil e cara, ainda ocasiona maiores ferimentos na planta.

A desbrota será feita a mão, porém o trabalhador deverá carregar um canivete do tipo de enxertia que será usado para os brotos maiores.

Escolha dos brotos — Devem ser deixados os brotos mais desenvolvidos e vigorosos, nascidos na parte mais baixa da planta e do lado de fora da mesma. Quanto a deixar os brotos mais desenvolvidos e vigorosos as razões são evidentes, não carecendo de explicação.

Devem ser deixados os ramos nascidos mais em baixo porque quanto mais baixo é provável que tenha havido menos lesão pela geada, saindo por isso o broto de uma região sadia, e também por que saindo da parte mais baixa, encostada à terra, há possibilidade desses brotos refazerem uma planta mais normal.

Devem ser deixados os brotos da parte de fora porque eles, quando se desenvolverem, emitirão os ramos secundarios normalmente para fora. Se forem deixados brotos da parte de dentro da cova, então quando nascerem os ramos secundários eles encontrarão o tronco morto pela geada, que lhes dificultará o desenvolvimento e mesmo impedirá o de muitos ramos.

Importância da desbrota — E' importante eliminar os brotos em excesso porque caso contrário haverá concorrência entre êles, o desenvolvimento será pequeno, retardado, formando uma touceira como vassoura. Deixando-se um ou dois brotos, a tendência deles será crescer rapida e vigorosamente, refazendo o tronco morto e criando outra planta normal.

ADUBAÇÕES

E' evidente a situação financeira do lavrador determinará a possibilidade ou não de efetuar a adubação, porém achamos conveniente seguir esta orientação: quando se tratar de terra nova e lavoura grandemente atingida pela geada, não há inconveniente sério em ficar ficar o café sem adubação, o mesmo acontecendo no caso de cafèzal em terras velhas, porém que vem sendo bem adubado. Isso porque, se a terra está em boas condições de fertilidade, e é capaz de sustentar uma planta com toda sua pujança, depois da geada em que foi a planta reduzida a quase nada e durante um ano ou dois vai ter apenas ramos sem produção, a terra, é capaz de suprir essa planta dos elementos essenciais, cuja demanda se acha grandemente reduzida.

No caso da queima pela geada ter sido menos intensa e havendo possibilidade de produção, embora reduzida no próximo ano e a lavoura já tenha atingido o estado de sua plenitude — 6 anos ou mais — então é aconselhável não só técnica, como econômicamente, exe-

cutar a adubação. Nesse caso, seguindo as normas já aconselhadas pelo Instituto Agronômico em casos semelhantes e observando-se os conhecimentos atuais do assunto, podem ser recomendadas para o diversos tipos de solo, as seguintes adubações básicas:

	Adubação em gramas por pé *Tipo de terra*		
	Roxa	*Arenosa*	*Massapé*
Sulfato de amônio	450	600	450
Farinha de ossos	200	200	200
Cloreto de potássio	200	100	100

NOTA — Esses adubos podem ser substituidos por outros equivalentes.

A adubação azotada (sulfato de amônio) deve ser parcelada, em 3 vezes — outubro janeiro e abril — e deve ser em cobertura, isto é, por cima do solo.

Deixamos de indicar adubação orgânica de estêrco, composto, etc., porque são poucos os lavradores que a fazem, sendo, porém, muito util aos que puderem executá-la.

A adubação verde é também indicada como auxiliar para a recuperação dos cafèzais geados.

Essas adubações, como dissemos, servem de base mas podem ser adaptadas especialmente para cada caso, o que é melhor, bastando que o lavrador mande terra para analisar no Instiuto Agronômico, dando, além das informações que o questionário de análise pede, um relato de seu cafèzal, principalmente idade, produção média dos ultimos anos, variedade, espaçamento entre plantas, grau de intensidade da geada, etc...

CULTURAS INTERCALARES

Os resultados técnicos até agora obtidos em experiências levadas a efeito pelo Instituto Agronômico, indicam que a produção de café é prejudicada pelas culturas intercalares, variando o prejuízo com a cultura e tambem com a intensidade do seu plantio. A ordem crescente de prejuízo se dá pelo feijão, arroz, milho e algodão e quanto maior quantidade de plantas dessas culturas no meio do café, maior será o prejuízo, que pelos dados experimentais citados vão de 14 a 21%, aproximadamente, e em exploração normal de culturas intercalares.

Tècnicamente, pois, não é aconselhável o plantio intercalar, porém muitas vezes é financeiramente imprescindível que o lavrador adote essa prática, para poder fazer face aos gastos com a cultura cafeeira e possibilitar um tratamento melhor no futuro. Nesse caso, então, é necessário escolher uma cultura capaz de lhe proporcionar o maior rendimento em dinheiro e um menor prejuízo ao café.

A cultura financeiramente indicada só pode ser decidida pelo próprio lavrador e depende dos preços vigentes para os produtos, possibilidade de pessoal na própria fazenda ou próximo para executar a nova cultura, transportes, adaptação da cultura à região, etc.

Tècnicamente, porém, se fôr financeiramente indicado, deverá o lavrador optar pelo cultivo de uma leguminosa como seja, feijão, etc., pois as leguminosas são as plantas que devem causar menor prejuízo ao café, desde que corretamente cultivadas. Para isso é imprescindível que a leguminosa seja inoculada com bactérias fixadoras de nitrogênio do ar.

REPLANTAS DOS CAFÉS GEADOS

Normalmente os cafeeiros não morrem com a geada, sendo poucos os pés que deixam de brotar. No entanto, muitas covas defeituosas, com uma única planta ou com duas fracas, não darão nunca uma planta boa. Deve-se aproveitar para arrancar as plantas nessas condições, replantando a cova defeituosa.

CONSULTA AO ENGENHEIRO AGRÔNOMO REGIONAL

Em quase todos os municípios de São Paulo, de alguma expressão agrícola, o lavrador encontrará uma Casa da Lavoura onde um engenheiro-agrônomo está à sua disposição e será sem dúvida o seu melhor conselheiro nessa emergência.

O Café visto nos Estados Unidos

(Cartas semanais do escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 922 CARTA SEMANAL DO MERCADO 4 de Março de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos Gerais: Continuam animadoras as perspectivas econômicas em relação ao restante do primeiro semestre de 1955, acreditando-se, porém, que haverá um declínio nas atividades gerais do segundo semestre. Êsse declínio é esperado em consequência da diminuição da produção de automóveis, que ocorrerá, segundo se calcula, durante o verão, e dos efeitos causados por essa diminuição. No momento, as companhias da indústria automobilística estão fabricando à razão de 9 milhões. Existe já um estoque de 600.000 carros, apesar do grande volume de vendas do momento. O efeito da redução da produção de automóveis será sentido imediatamente na indústria do aço, que vende 20% da sua produção aos fabricantes de automóveis, bem como nas indústrias da borracha, das máquinas-instrumentos e em várias outras subsidiárias. Êsse efeito poderá ser contrabalançado, entretanto, pelos novos investimentos de capital em novo equipamento industrial, investimentos que serão estimulados pela bonança econômica que se observa no primeiro semestre. Caso se verifique essa ocorrência, como já tem acontecido em situação idêntica, e o volume dos investimentos novos seja substancial, os trabalhadores desempregados pela diminuição das atividades de certas indústrias poderão ser absorvidos até um certo ponto, sustentando-se assim a receita e as despesas dos consumidores. Deve-se observar que os economistas não esperam uma reversão da tendência atual de ascenção econômica; antes, opinam que haverá no segundo semestre de 1955 uma estabilização, num nível talvez um pouco abaixo do nível do semestre corrente, seguindo-se então uma nova melhoria.

Mão de obra: Continuou a aumentar o desemprêgo no mês de Janeiro, com 60.200.000 pessôas ocupadas, o que foi mais ou menos meio milhão menos do que se julgava antes. A diminuição da mão de obra se deve, em grande parte ao declínio brusco no número de pessôas ocupadas nas vendas a varejo, depois da temporada das festas do fim do ano. O número de pessôas empregadas na agricultura permaneceu o mesmo, no baixo nível de 5.300.000. Houve uma ligeira redução na mão de obra industrial, à qual se seguiu uma redução na média de horas de trabalho por semana, que passou a ser de 40.2 horas. O total das pessoas desocupadas em Janeiro foi de 3.300.000.

Investimentos dos Estados Unidos na América Latina: Segundo um estudo feito recentemente pelo Bureau de Assuntos Econômicos das Nações Unidas, sôbre o capital estrangeiro na América Latina, tem havido, durante anos, uma retirada de capitais norte-americanos investidos nos países latinos das Américas. De 1925 a 1929, os interessês norte-americanos retiraram, em média, $ 300.000.000 por ano, tendo investido, ao mesmo tempo, em média, apenas $200.000.000 por ano. Em 1952, os investidores dos Estados Unidos retiraram $360.000.000 mais do que investiram. A tendência para a "repartição" dos lucros, em vez de reinvestí-los novamente, tem se tornado cada vez mais pronunciada, nos últimos anos. O referido estudo das Nações Unidas mostra que essa tendência se acentuará ainda mais no futuro, a menos que aumente o influxo de capital investido na América Latina ou

que diminua a retirada dos lucros. O estudo também mostra que os investimentos dos Estados Unidos na América Latina aumentaram de 6.0% em 1949 para 16.8% em 1950 e 20.5% em 1951.

Mercado de valores: Depois da baixa da semana atrasada, os preços subiram novamente no Mercado da Bôlsa. Prevaleceu, entretanto, apesar do volume dos negócios, uma atmosfera de cautela. As ações das emprêsas ferroviárias e de serviços públicos, que vinham perdendo terreno em relação ao avanço das ações das outras indústrias, revelaram uma grande firmeza nas recentes transações da Bôlsa. A atitude de cautela das autoridades monetárias e a investigação que o Congresso vai em breve iniciar em relação ao Mercado de Valores não desanimaram, entretanto, os interessados no Mercado, continuando altos os preços das ações.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

Relatório da General Foods Corporation: O Sr. Charles G. Mortimer, presidente da General Foods Corporation, falando perante a organização denominada The New York Security Analysts, predisse que os lucros da sua companhia, no ano fiscal que termina em 31 de Março, serão maiores que os do ano anterior, que foram de $27.913,482, ou $4.66 de dividendos por ação. Disse mais que as vendas durante o mesmo período deverão exceder de 7 a 8% as do ano anterior, que foram de $783.007.626. Seis meses atrás, declarou o Sr. Mortimer, a Companhia decidiu manter os seus estoques de café em baixo nível, tendo apenas o necessário, para o consumo de dia a dia, e a emprêsa espera que os preços do café baixem, porque a Companhia se acha em melhor situação quando o café é vendido mais barato. Isso se explica pelo fato de que os lucros da Companhia são feitos numa base de preços por libra e não numa base de porcentagem de venda de libra de café. O total dos estoques da General Foods, em 31 de Janeiro, disse o Sr. Mortimer, foi de $160.000.000, aproximadamente, o que representa uma diminuição de ..... $17.000.000 em relação ao fim de Março de 1954. Essa redução, disse o Presidente da Companhia, se deve principalmente à decisão tomada pela emprêsa no sentido de diminuir os seus estoques de café. Outra asserção feita pelo Sr. Mortimer foi a de que a sua Companhia obtém mais lucros com o seu café solúvel do que com o seu café regular.

(Paton Letter N.° 3036, 25/Fevereiro/1955).

Café importado pela Alemanha Ocidental: O Banco Deutscher L'ander notificou os bancos comerciais estrangeiros que tôdas as importações de café do Brasil serão sujeitas no futuro às mesmas condições estabelecidas para as outras importações procedentes do Brasil. Isso quer dizer que a proporção dos meios de pagamento que os importadores alemães de café possam obter no mercado livre em relação ao "Dólar para o Brasil" será aumentada de 50% para 80%, e que só 20% devem ser comprados pelo câmbio oficial. Atualmente, êsse "dólar para o Brasil" vale no mercado livre DM 3.91, ao passo que o dólar dos Estados Unidos vale DM 4.2066. Dessa maneira, o importador de café procedente do Brasil que aquirir 80% do que precisa para pagar pelo produto à razão de DM 3.91 no mercado livre e 20% pelo câmbio oficial pagará pelo total 2.2% menos do que pagava pelo regulamento antigo. Com recente redução de 17% nos preços do café brasileiro, teòricamente o barateamento do café brasileiro importado pela Ocidental é aproximadamente de 19.2%.

(International Financial News Service, transcrição do jornal Handelsblatt, Dusseldorf, Alemanha — 25/Fevereiro/1955).

Comércio Internacional do Café: *Áustria*: As importações de café verde na Áustria, durante o mês de Novembro de 1954 foram de 6.758 sacas, das quais 4.192 procederam do Brasil, 975 da África Oriental Britânica, 298 da Colômbia, 288 de Nicaraguá, 222 do México, 170 de Costa Rica, 108 da Venezuela, 102 da Índia, e o restante da África Ocidental Britânica, de Singapura, de El Salvador, da Guetemala, de Haití, do Congo Belga e da Indonésia, cada um dêsses países com menos de 100 sacas. Durante o ano de 1954 até Novembro inclusive, o total das importações de café na Áustria foram de 71.378 sacas, ao passo que no mesmo período de 1953 o total foi de 64.334 sacas, o que representa um aumento de 11% nas importações austríacas em 1954. *Dinamarca*: As importações de café verde na Dinamarca, durante o mês de Novembro de 1954, foram de 30.785 sacas, das quais 23.892 procederam do Brasil, 5.777 da Holanda, 492 da Colômbia, 215 do Reino Unido, 187 da Bélgica, 160 de Singapura, 35 do Congo Belga e 28 dos Estados Unidos. O total das importações em 1954, até Novembro inclusive, foi de 367.940 sacas, ou cêrca de 6% menos do que o total do mesmo período em 1953, que foi de 392.907 sacas.

(G. G. Paton & Cia. — Janeiro, 1955).

Aspectos gerais: O Inspetor da Comissão de Comércio Federal e os dirigentes da Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York realizaram um acôrdo com o fim de eliminar certas práticas comerciais com as quais a Comissão não concordava. O acôrdo vai ser agora considerado pela Comissão, e, no caso de ser aprovado por ela — como provàvelmente será —, excluirá a necessidade de qualquer legislação especial com o objetivo de sujeitar a Bôlsa à regulamentação da Commodity Exchange Authority. Tècnicamente, a Bôlsa aceitou a jurisdição da Comissão, mas o fato não implica que a Bôlsa admita ter violado qualquer lei. Segundo o acôrdo, será estabelecida uma base mais ampla para as transações do café no mercado a têrmo. A Comissão havia declarado que os contratos atuais do mercado são restritivos, porque representam apenas 10% ou menos de todo o café importado nos Estados Unidos. Em virtude do acôrdo, serão estabelecidos mais dois tipos de contratos: Contrato B (semelhante ao atual Contrato S) para os cafés brasileiros, e Contrato M, para os cafés suaves. Calcula-se que cêrca de 70% das importações de cafés brasileiros constituirão a base das transações do novo Contrato B. O acôrdo prevê o estabelecimento de uma Bôlsa de contrato ou de contratos, (o que, nesse caso, será realizado pelo Contrato M), que não excluirá os cafés tipo arábica dos países que durante mais de três anos exportaram em média 750.000 sacas ou mais para os Estados Unidos. Os novos contratos não serão usados antes de um mês ou mais, e daremos mais detalhes técnicos sôbre êles nesse ínterim.

Mercado a têrmo: O mercado abriu, na sexta-feira passada, com ganhos até 35 pontos e perdas até 187 pontos. Prevaleceu uma atmosfera de apreensões, atribuida ao rumor de que o Ministro da Fazenda do Brasil pediria demissão, tendo o mercado fechado com perdas de 40 a 160 pontos, num volume de 457 lotes. Na segunda-feira, registraram-se novas perdas, de 115 a 200 pontos, em 451 lotes vendidos. Na têrça-feira, coincidindo com a reafirmação oficial de que o Brasil manteria a sua atual política do café, e negado também oficialmente o rumor de que o Sr. Gudin se demitiria, os preços registraram ganhos de 240 pontos para o mês corrente e 75 a 145 pontos para as demais posições, com exceção de Março de 1955, que permaneceu inalterável. Foram negociados 276 lotes. Registraram-se novos ganhos na quarta-feira, de 10 a 190 pontos, com 455 lotes vendidos. Ontem,

os preços declinaram um pouco, de 10 a 200 pontos, em 360 lotes negociados. Do fechamento na quinta-feira passada até o fechamento de ontem, os preços baixaram de 85 a 275 pontos, com 1.998 lotes negociados. Na outra semana, foram negociados 1.134 lotes. Não foram emitidos avisos de entrega, desde o dia 26 de Fevereiro, primeiro dia para a emissão dos avisos.

Mercado de físicos: As atividades dêsse mercado continuaram pouco intensas, no fim da semana passada e nos comêços da atual, refletindo as condições do mercado a têrmo. Na têrça e na quarta-feira registrou-se uma melhoria, mas na quinta o mercado enfraqueceu novamente. Ontem, os Santos 4 estavam cotados de 57,00 a 57,50 cents, e os colombianos de 58,50 a 59,75 cents.

Última Hora: O mercado abriu esta manhã com declínios de 35 a 130 pontos. O número de lotes dependendo de entrega era de 3.278, ao passo que o da sexta-feira passada era de 3.160.

Declarações do Vice-Presidente Richard Nixon: Segundo informa o The New York Times hoje, o Vice-Presidente dos Estados Unidos, Sr. Richard Nixon, terminando a sua excursão pela região das Caraíbas, na cidade de Port au Prince, declarou que, na sua opinião, depois de ter observado a situação do café nessa área, " a única e permanente solução para o problema do café está nas mãos dos produtores", e que recomendaria o estabelecimento de um mercado em que os preços pudessem ser estabilizados e em que o consumo do café pudesse ser incrementado mediante uma campanha de propaganda. Foi essa a primeira vez, segundo nos consta, que um membro do govêrno dos Estados Unidos de tão alta posição sugeriu o incremento da propaganda do café como meio de solução do problema do consumo do produto. Com tais declarações, o Sr. Nixon apoia, indiretamente, as funções e os objetivos do Bureau Pan-Americano do Café. É também significativo o fato de que o Sr. Nixon, falando oficialmente, tenha recomendado justamente agora o estabelecimento de uma organização dos países produtores mediante a qual os mesmos possam tomar medidas conducentes à estabilização dos preços do café mediante arranjos adequados à colocação do seu produto no mercado.

CAFÉ EXPORTADO PELO BRASIL E PELA COLÔMBIA:

		DESTINOS PRINCIPAIS			
	Semanas terminadas em:	*U.S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	2-26-55	44,000	57,000	13,000	114,000
	2-19-55	53,000	90,000	9,000	312,000
	2-27-54	213,000	90,000	5,000	148,000
COLÔMBIA (")	2-26-55	96,256	8,660	888	105,804
	2-19-55	53,714	19,656	2,104	75,474
	2-27-54	104,182	43,200	763	148,145

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

	PAISES DE ORIGEM			
Semanas terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
2-26-55	154,635	151,625	53,552	359,812
2-19-55	174,494	154,139	54,147	382,780
2-27-54	215,415	130,229	121,476	467,120

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos:	*2-6-55*	*2-19-55*	*2-27-54*
BRASIL (*)	Santos	1,937,000	2,018,000	1,893,000
	Rio	284,000	294,000	456,000
	Vitória	115,000	110,000	128,000
	Paranaguá	415,000 (°)	412,000 (%)	816.000 (&)
	Pernambuco	9,000	12,000	16,000
	Bahia	13,000	13,000	25,000
	Angra dos Reis	28,000	24,000	20,000
	TOTAL	2,801,000	2,883,000	3,354,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	45,987	47,998	62,051
	Cartagena	37,029	38,675	34,648
	Buenaventura	89,269	101,275	123,389
	Cúcuta	135,406	132,357	58,121
	TOTAL	307,691	320,305	278,209

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS NO INTERIOR DE S. PAULO:

Ano agrícola:	*Janeiro 1955*	*Dezembro 1954*	*Janeiro 1954*
1951-52	1,000	1,000	—
1952-53	13,000	13,000	13,000
1953-54	—	—	2,511,000
1954-55	3,768,000	4,335,000	—
	3,782,000	4,349,000	2,524,000

DESPACHOS PELA ESTRADA DE FERRO DO INTERIOR:

	Julho 1, 1954 a Janeiro 31, 1955 destinado para:
Santos	6,729,000
Rio	230,000
Angra dos Reis	7,000
Outros (")	545,000
TOTAL	7,511,000

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.

(') Federação Nacional de Cafeicultura da Colômbia.

(°) 267,000 livre e 148,000 retidos.

(%) 269,000 livre e 143,000 retidos.

(&) 670,000 livre e 146,000 retidos.

(") Incluido sacas do Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

N.º 923 11 de Março de 1955

Aspectos gerais: Nos círculos financeiros de Nova York são esperados relatórios excelentes sôbre o primeiro trimestre dêste ano — relatórios que as corporações começarão em breve dar à publicidade. No mês de Janeiro, os dividendos foram altos e provàvelmente continuarão altos. A produção também se mantém em altos níveis, nos setores do aço, dos automóveis, dos instrumentos agrícolas e dos tecidos. As indústrias que produzem materiais fabris e materiais para as fábricas de maquinismos têm agora uma lista de encomendas novas de considerável volume, o que certamente servirá para manter seu nível de produção mais tarde. O Sr. Allan Sproul, Presidente do Banco da Reserva Federal de Nova York, observou em seu relatório anual que, embora as condições gerais dos negócios mostram uma tendência de continuada melhoria, as autoridades monetárias têm certas dúvidas sôbre a firme continuação dessa tendência. Essa declaração foi interpretada pelos economistas como uma indicação de que as autoridades da Reserva Federal agirão com cautela ao tomar medidas contra o movimento inflacionário, talvez retornem à política dos créditos mais fáceis, caso a situação econômica apresente sinais de retraimento.

Siderurgia: A produção de aço atualmente se acha em alto nível, exigindo 90% da capacidade das usinas. Êsse contínuo alto nível de produção, que excede a média do ano de 1953, tem sido devido principalmente à intensa produção de automóveis nos últimos mêses, e as encomendas de aço das fábricas de automóveis já se acham asseguradas até o mês de Maio. Além disso, outras indústrias estão fazendo novas encomendas de aço. Em todo país se registram aumentos nos estoques de aço, o que indica uma renovação dos mesmos, esperando-se, assim, novas encomendas dêsse vital produto.

Construções: Mais uma vêz o número de contratos para construções novas no mês de Fevereiro estabelece um novo recorde mensal — sendo êsse o décimo recorde sucessivo. O volume dos novos contratos feitos em Janeiro e Fevereiro revelam um aumento de 30% em relação ao mesmo período de 1954, o qual foi também um período de recorde. Dos contratos novos nesses dois mêses, a maior porcentagem cabe às construções de residências particulares. Alguns economistas se mostram preocupados com essa intensa atividade das construções, uma vez que isso traz sempre, como consequência, uma expansão paralela das dívidas de hipotecas. As medidas tomadas recentemente pelas autoridades monetárias, aumentando os juros e restringindo os créditos, tiveram muito pouca influência sôbre a expansão das construções residenciais. No caso de haver uma redução séria na mão de obra, a estrutura dos débitos poderá sofrer uma grande queda, com efeitos desastrosos para o sistema bancário e para a indústria das construções. Em alguns círculos econômicos também há a preocupação de que êsse excesso de construções venha a produzir uma verdadeira super-produção de casas novas, uma vez que a proporção atual de construção de casas residenciais já ultrapassa muito a proporção de formação de novas famílias. Todavia, os que se mostram optimistas em relação ao futuro da indústria das construções observam que há ainda uma grande proporção de casas residenciais abaixo dos padrões médios nos centros urbanos e que nessas áreas há um considerável grau de congestionamento, e êsses fatores poderão constituir fatores potenciais para a procura de novas habitações.

Mercado de Valores: Nas semanas precedentes, os preços das ações na Bôlsa alcançaram os mais altos níveis observados êste ano e a confiança geral dos investigadores continua. As ações das emprêsas de aviação e das companhias

ferroviárias foram as que maior firmeza revelaram. A investigação do mercado da Bôlsa, que está sedo realizada por um Comitê do Congresso, criou uma atmosfera de inquietação, e na têrça-feira, em consequência de observações desfavoráveis feitas perante o dito Comitê, houve uma das maiores quedas de preços nas ações nos últimos anos, com baixas de 5 a 6 pontos em muitos casos.

Mercado do café: Os preços do café no mercado a têrmo melhoraram na primeira parte desta semana, acreditando-se que essa melhoria tenha sido consequência do relatório tornado público na segunda-feira pela imprensa comercial sôbre os estoques de café. Segundo o relatório — do Bureau of the Census — os estoques de café verde nos Estados Unidos eram de 2.144.000 sacas e de 3.315.000 sacas, em 31 de Dezembro de 1954 e em 31 de Dezembro, respectivamente, nos Estados Unidos. (Tratamos do assunto em nossa seção "O Café através da Imprensa"). Esperava-se, nos círculos comerciais, que o total dos estoques de café verde, no fim do ano passado, seria de 3 milhões de sacas, o relatório oficial confirma as previsões dos torradores, importadores e negociantes de café, de que seus estoques tinham sido reduzidos substancialmente, enquanto observavam a direção que os preços tomariam. Durante muitos meses, êles vinham òbviamente aguardando uma queda nos preços. No momento, não se sabe se os torradores continuarão a dispôr de pequenos estoques, diante das incertezas e do declínio do consumo dêssa temporada, comum no fim do inverno.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, o mercado fechou com perdas de 19 a 90 pontos, num volume de 350 lotes vendidos. Na segunda-feira, a procura foi esporádica, mas o mercado fechou com ganhos de 50 a 85 pontos, sendo negociados 229 lotes. Na terça-feira, a intensidade das compras levantou os preços, com ganhos de 41 a 115 pontos em 278 lotes negociados. Na quarta-feira, prevaleceu uma atmosfera de confiança, e os preços registraram nova subida, com ganhos de 4 a 75 pontos, sem mudanças na posição de Março. Foram vendidos 329 lotes. Os ganhos registrados de segunda a quarta-feira foram em parte eliminados na quinta-feira, tendo os preços baixado de 5 a 115 pontos, em 226 lotes negociados. Durante a semana de quinta-feira passada até ontem, entretanto, os preços subiram de 35 a 145 pontos em tôdas as posições, com exceção da de Março de 1956, que perdeu 20 pontos. Nesse período, foram negociados, ao todo, 1.998 lotes.

Mercado de físicos: Na sexta-feira passada e nesta segunda-feira, houve pouca atividade no mercado de físicos. Nos dias subsequentes, o interêsse dos torradores aumentou, notando-se mais atividades, as quais, entretanto, foram de certo modo esporádicas. Ontem, quinta-feira, os cafés colombianos estavam cotados a 59,30 cents e os Santos 4 a 57,50 cents.

Novos contratos na Bôlsa: O acôrdo realizado entre a Comissão de Comércio Federal e os dirigentes da Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York (vide nossa Carta da semana passada) entrará em vigor, segundo se entende, no princípio de Abril, o que quer dizer que dentro de sessenta dias depois a Bôlsa deverá ter demonstrado o cumprimento do acôrdo. Os primeiros passos nesse sentido são os novos Contratos "B" e "M", que estão sendo retardados. Os têrmos desses Contratos não serão conhecidos definitivamente nesse ínterim, constando porém que os Medelins, Armenias e Manizales constituirão a base para o Contrato "M" e que os diferenciais de preços serão estabelecidos para outros tipos de cafés colombianos e para outros cafés suaves de outros países que, nos três ou quatro últimos

anos, exportaram pelo menos 750.000 sacas de café para os Estados Unidos. Tais cafés devem ser doces, de boa qualidade para a torração e com a cereja de tamanho e côr em harmonia com o tipo estabelecido pela Bôlsa. O Santos 4, estritamente doce, de grão compacto e entre bom e regular para a torração, será a base para o Contrato "B", com diferenciais de preços para tipos e portos, segundo as normas da Bôlsa.

Última Hora: O mercado abriu esta manhã com os preços no mesmo nível ou 150 pontos mais baixo. O número de lotes dependendo de entrega era de 3.312 ao passo que na sexta-feira passada era de 3.278.

CAFÉ EXPORTADO PELO BRASIL E PELA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*U.S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	3-5-55	64,000	60,000	11,000	135,000
	2-26-55	44,000	57,000	13,000	114,000
	3-6-54	197,000	83,000	7,000	287,000
COLÔMBIA (")	3-5-55	68,627	8,868	—	77,495
	3-26-55	96-256	8,660	888	105,804
	3-6-54	—	—	—	—

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

	Países de origem			
Semanas terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
3-5-55	121,663	148,989	54,302	324,954
2-26-55	154,635	151,625	53,552	359,812
3-6-54	205,610	132,740	127,628	465,978

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	*Semanas terminadas em:*		
		5-3-55	*26-2-55*	*6-3-54*
BRASIL (*)	Santos	2,003,000	1,937,000	1,834,000
	Rio	306,000	284,000	399,000
	Vitória	107,000	115,000	108,000
	Paranaguá	390,000 (°)	415,000 (%)	763,000 (&)
	Pernambuco	19,000	9,000	22,000
	Bahia	13,000	13,000	24,000
	Angra dos Reis	27,000	28,000	17,000
	TOTAL	2,865,000	2,801,000	3,167,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	44,980	45,987	—
	Cartagena	43,363	37,029	—
	Buenaventura	96,413	89,269	—
	Cúcuta	142,084	135,406	—
	TOTAL	326,840	307,691	—

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultura da Colômbia.
(°) 259,000 livre e 131,000 retidos.
(%) 267,000 livre e 148,000 retidos.
(&) 612,000 livre e 151,000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

Corte brusco nos estoques de café: Segundo dados fornecidos pelo Bureau of the Census, no fim da semana passada, o total dos estoques de café em mãos dos torradores, importadores e negociantes dos Estados Unidos, em 31 de Dezembro de 1954, era de 2.144.000 sacas, o que representa uma diminuição de 30% em relação a 31 de Dezembro de 1953, quando o total era de 3.315.000 sacas. Êsse estoque de fim do ano, em 1954, foi o mais baixo desde o ano de 1948. O fato constitui uma notícia de importância para a indústria do café, uma vez que, embora se soubesse que a tendência era para a baixa, as estimativas mais pessimistas eram de mais ou menos 3 milhões de sacas, no fim do ano passado. Desde o comêço de 1955 os estoques têm se tornado ainda mais escassos: em Janeiro, as importações foram de 1.700.000 sacas de café apenas, aproximadamente a mesma quantidade do café torrado durante o mês, e em Fevereiro as importações foram, segundo se calcula, de 1.400.000 sacas, muito menos do que os torradores consumiram. Tomando-se como base êsses dados, calcula-se que os estoques de café em Fevereiro foram de 1.700.000 ou 1.800.000 sacas apenas. O Bureau of the Census anunciou ao mesmo tempo, que em 1954 foi de 17.600.000 sacas o total de café torrado nos Estados Unidos, um total muito inferior aos dos dois anos precedentes — 19.051.000 sacas em 1951 e 18.416.000 sacas em 1950. O declínio observado na torrefação do café se refletiu no volume das importações: em 1954, o total foi de 17.072.000 sacas, ao passo que em 1953 foi de 21.017.000 sacas. Do total do café torrado durante o ano de 1954, apenas 12%, ou 2.052.000 sacas, foram usados na produção de cafés solúveis. Essa quantidade, entretanto, constitui 32% dessa situação, é possível que essa seja uma das razões pelas quais os fabricantes de cafés solúveis têm anunciado, recentemente, que o seu produto representa 30% do consumo total do café no mercado dos Estados Unidos.

(Journal of Commerce, Nova York, 7/Março/1955)

A Colômbia e a Alemanha do Leste: A Câmara de Comércio Colombiano-Americana informa que não foi possível confirmar a notícia, originada em Berlim, de que foi assinado um acôrdo comercial entre a Colômbia e a "República Popular Democrática da Alemanha". Parece haver uma grande discrição, tanto nos círculos oficiais como nos comerciais, sôbre o assunto, segundo observa a Câmara referida. Informa-se, entretanto, que o acôrdo em questão foi um arranjo de caráter privado estabelecido entre uma missão da Zona Oriental de Berlim e os representantes dos interêsses colombianos do café e das bananas, constando que o acôrdo comercial prevê a importação de cêrca de $5.000.000 de café e de ..... $2.000.000 de bananas. O jornal El Tiempo, de Bogotá, levou a efeito uma enquete entre personalidades comerciais com os países da Cortina de Ferro, e a maioria das opiniões foi a de que a Colômbia devia vender o seu café onde quer que pudesse encontrar um bom mercado para o mesmo.

(G. G. Paton & Cia., Nova York, 8/Março/1955)

Comércio de Café Internacional: A Costa do Ouro exportou 86 sacas de café verde para o Reino Unido em Julho de 1954 e 1.040 sacas em Agosto, elevando-se o total, nos primeiros oito mêses, a 5.914 sacas... As importações de café verde do Ceylão, em Dezembro de 1954, foram de 764 sacas (305 de Uganda, 172 da Indonésia, 169 da Índia, 102 da Malaca e 16 de Singapura), sendo o total das importações no Ceilão, em 1954, de 7.134 sacas (3.214 da Indonésia, 1.958 de Uganda, 513 de Tanganyka, 512 da Índia, 440 do Brasil, 306 da Ma-

laca Britânica, 85 da União Sul-Africana, 72 de Singapura, e 34 de outras origens). As importações do Ceylão, em 1954, foram aproximadamente 7% menos do que as importações de 1953, que foram de 7.698 sacas.

(G. G. Paton & Cia., Nova York, 8/Março/1955)

N.º 924 — 18 de Março de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Segundo o Relatório Econômico do Presidente Eisenhower, preparado por um Comitê Misto do Congresso, a situação econômica dos Estados Unidos melhorou durante grande parte do ano de 1954, mas poderá piorar nos próximos meses seguintes, especialmente se continuar a declinar o rendimento dos lavradores. A melhoria observada depois do retraimento dos negócios em 1954 foi de 50% aproximadamente, e a diminuição do desemprêgo é de uns 30%. A melhoria é considerada desigual, havendo ainda certos setores da economia e do país uma situação de retraimento. O Comitê Misto do Congresso recomenda um programa de obras públicas, federais, estaduais e municipais, juntamente com um aumento do limite máximo da dívida nacional capaz de estimular a economia em seus pontos fracos.

Segundo os resultados de uma investigação da opinião popular, levada a efeito pelo "Board of Governors of the Federal Reserve System", o público em geral espera que essa época de prosperidade continue e, por essa razão, pensa em gastar mais.

Produção industrial: O índice da produção industrial, segundo o "Federal Reserve Board", aumentou de 2% em Fevereiro, sendo de 133 (Base: 1947/49=100), e há indicações de que a melhoria atual continuará durante Março. A produção industrial aumentou continuamente nos últimos seis meses e está no presente num nível 8% acima do ponto mais baixo registrado em 1954. O aumento inclui os produtos duráveis e os de consumo imediato, bem como minerais, mas a produção de alimentos teve o declínio usual da temporada.

Capital dos Estados Unidos na América Latina: De acôrdo com um estudo publicado pelas Nações Unidas, sôbre os investimentos de capital estrangeiro na América Latina, êsses capitais têm sido retirados numa média anual de $182.000.000 dos países latino-americanos, desde a terminação da Segunda Guerra Mundial. Segundo as autoridades do Departamento do Comércio do govêrno dos Estados Unidos, essa cifra dá uma impressão falsa, uma vez que 1/10 do valor das mercadorias e dos serviços produzidos na América Latina pelos investimentos de capital norte-americano e 25% das importações procedentes da América Latina são produtos de emprêsas financiadas pelos interêsses norte-americanos. A "repatriação" do capital não é o único fato a ser considerado, quando se analisa o papel do capital estrangeiro. A influência dêsse capital na economia em geral, estimulando as indústrias correlatas, contribuindo para os totais das rendas e das despesas, é o fator de maior importância, que não se pode ignorar quando se estuda o valor real dos investimentos estrangeiros numa determinada economia.

Estoques comerciais: O valor dos estoques nas mãos dos manufatureiros, dos vendedores por atacado e dos varejistas, em Janeiro, foi avaliado em ..... $76.800.000.000 pelo Departamento do Comércio. O valor dêsses estoques, em Janeiro de 1954, foi de $3.300.000.000 acima. Em Dezembro, não houve grandes mudanças (um ligeiro aumento nos estoques de artigos duráveis e um ligeiro declínio nos artigos de consumo imediato). Em Fevereiro, embora não haja dados

ainda, há informaçções de que os estoques de ambos os gêneros têm aumentado em quase tôdas as mercadorias.

Empréstimos aos corretores para compra de ações: Os empréstimos feitos pelos principais bancos de Nova York aos corretores, cobertos por ações, foram de $1.700.000.000 na semana passada, ao passo que na semana correspondente de 1954 foram de $900.000.000. Os corretores fazem êsses empréstimos para dar mais créditos aos seus freguêses, que compram na base de 60% de depósitos. O aumento notado acima, de 79%, nos empréstimos aos corretores, tem causado apreensões entre os economistas, e proeminentes banqueiros se mostram favoráveis a uma restrição nos créditos da Bôlsa.

Mercado da Bôlsa: Os preços das ações, que sofreram grandes declínios por vários dias sucessivos, registraram na têrça-feira a maior alta havida num só dia desde Setembro de 1939. O aumento principal foi o das ações de fábricas de munições e de companhias de aviões, contribuindo para êsse novo aumento a compra de ações para coberturas, de grande volume. Atribui-se o optimismo reinante na Bôlsa às observações feitas pelo Secretário do Tesouro, Sr. George Humphrey e pelo Presidente da Junta da Reserva Federal, Sr. William M. Martin, perante o Comitê Bancário e Monetário do Senado, que está investigando o Mercado de Valores, tendo ambos manifestado a opinião de que os créditos para as transações na Bôlsa não devem ser restringidos desnecessàriamente.

Aspectos gerais: Não houve acontecimentos de especial importância, na semana que ora termina, em relação ao café. Os preços no mercado a têrmo os preços flutuaram bastante, notando-se de maneira especial a firmeza relativa da posição de Março de 1955. A firmeza geral do mercado a têrmo se manifestou também de maneira especial na têrça-feira, coincidindo com a medida tomada pelo govêrno brasileiro, de acôrdo com a Instrução N.° 114 da SUMOC, emitida em Fevereiro, garantindo por 45 dias o valor do cruzeiro nas transações de café. Essa garantia entra em vigor no dia em que o contrato entre importador e exportador é registrado, ficando o importador assegurado de que não terá prejuizo em consequência de uma desvalorização do Cruzeiro ocorrida no período dos 45 dias seguintes. Em programa transmitido pela televisão, na segunda-feira, o Ministro da Fazenda do Brasil, Dr. Eugenio Gudin, assegurou que espera um equilíbrio nos preços das mercadorias de consumo interno, dentro de quatro meses.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, os preços da posição de Março ganharam 5 pontos mas as demais posições perderam de 29 a 100 pontos, num total de 376 lotes negociados. A mesma tendência ocorreu na segunda-feira, com uma alta de 45 pontos na posição de Março e baixas de 45 a 90 pontos nas demais posições, em 185 lotes negociados. Na têrça-feira, tôdas as posições tiveram ganhos de 110 a 144 pontos, num volume de 274 lotes vendidos. Na quarta-feira, a princípio o preço da posição de Março chegou a 60% a libra, mas ao fechamento tinha perdido 10 pontos, ao passo que as outras posições perderam de 4 a 150 pontos. O total dos lotes negociados foi de 406. Ontem, houve altas e baixas a princípio, mas no fechamento os preços registravam ganhos de 45 a 112 pontos, num total de 236 lotes negociados, excetuando-se a posição de Maio que perdeu 15 pontos. A diferença total observada entre o fechamento da quinta-feira passada e o fechamento desta quinta-feira foi de 195 pontos a mais para a posição de Março corrente, de 20 e 25 pontos a mais para Julho e Setembro, respectivamente, de 5 a 63 pontos a menos para Maio e de Dezembro, respectivamen-

te, ficando inalterada a posição de Março de 1956. Foram negociados, ao todo 1.477 lotes nesse período semanal, ao passo que no período correspondente da outra semana foram negociados 1.412 lotes.

Mercado de físicos: Nada digno de nota especial ocorreu esta semana no mercado de físicos. Os torradores não compraram muito, influenciados pelos declínios observados no mercado a têrmo, sem entretanto, acompanhar o movimento de ascensão observado no mercado a têrmo na têrça-feira. Ontem, os Santos 4 estavam cotados de 58 a 58,25, e os colombianos a 59 cents.

Outras notícias: O Sr. Horacio Cintra Leite, Presidente do Bureau Pan-Americano do Café, recebeu uma comunicação da "National Coffee Association", informando-o de que, em sessão realizada pelo Conselho Diretor daquela entidade, no dia 14 do corrente, em Nova Orleans, Estados de Louisiana, foi adotada uma resolução em que elogiam os esforços feitos pelo Bureau para que sejam aumentadas as contribuições dos países membros, de modo que o mesmo disponha de maiores fundos para a propaganda do café. A resolução acha-se redigida nos seguintes têrmos:

CONSIDERANDO

— que o consumo do café nos Estados Unidos, entre 1946 e 1954, teve um declínio de 13% per capita;
— que, no mesmo período, o consumo das bebidas gasosas, do chá e dos sucos de fruta aumentou de 27% e 50%, respectivamente;
— que essa ameaça à indústria do café do Hemisfério Ocidental e ao bem-estar econômicos dos vários países produtores de café. O Conselho Diretor da "National Coffee Association" RESOLVE:
— expressar aos govêrnos dos países membros do Bureau Pan-Americano que reconhecem a urgente necessidade de se aumentar e de se intensificar atualmente o programa de propaganda, bem como
— manifestar o sincero desejo de que os países membros do Bureau Pan-Americano do Café cheguem a uma conclusão favorável, no sentido de se aumentarem as contribuições para o fundo de promoção do consumo do café nos Estados Unidos."

Última hora: Os preços no mercado, esta manhã, estavam entre inalterados e um aumento de 115 pontos. O número de lotes dependendo de entrega era de 3.290; na sexta-feira passada, foi de 3.312. No dia 25, terminam as transações para a posição de Março.

CAFÉ EXPORTADO PELO BRASIL E PELA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*U.S.*	*Destinos principais EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	3-12-55	108,000	20,000	9,000	137,000
	3-5-55	64,000	60,000	11,000	135,000
	3-13-54	138,000	114,000	2,000	254,000
COLÔMBIA (")	3-12-55	95,348	6,470	3,797	105,615
	3-5-55	68,627	8,868	—	77,495
	3-13-54	95,522	30,214	—	125,736
	Dados mês:				
BRASIL (*)	Fevereiro 1955 (&)	228,000	297,000	53,000	578,000
	Janeiro 1955	424,000	437,000	57,000	918,000
	Fevereiro 1954	539,000	320,000	103.000	962,000
COLÔMBIA (")	Fevereiro 1955	249,357	47,463	7.290	304,110
	Janeiro 1955	400,802	88,647	3,708	493,15
	Fevereiro 1955	479,363	149,921	12,262	641,546

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*BRASIL*	*Países de origem COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
3-12-55	92,136	147,364	37,017	276,517
3-5-55	121,663	148,989	54,302	324,954
3-13-54	169,412	128,670	117,812	415,894

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	*12-3-55*	*5-3-55*	*13-3-54*
BRASIL (*)	Santos	1,996,000	2,003,000	1,835,000
	Rio	329,000	306,000	442,000
	Vitória	132,000	107,000	114,000
	Paranaguá	387,000 (°)	390,000 (%)	740,000 (")
	Pernambuco	17,000	19,000	20,000
	Bahia	14,000	13,000	21,000
	Angra-dos Reis	21,000	27,000	17,000
	TOTAL	2,896,000	2,865,000	3,189,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	42,108	44,980	78,153
	Cartagena	42,825	43,363	32,747
	Buenaventura	68,956	96,413	87,768
	Cúcuta	148,284	142,084	53,046
	TOTAL	302,173	326,840	251,714

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(&) Dados preliminares sujeito a correção.
(°) 282000 livre e 105.000 retido.
(%) 259,000 livre e 131,000 retido.
(") 667,000 livre e 73,000 retido.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

"MAIS ATOS E MENOS PALAVRAS": O Vice-Presidente dos Estados Unidos, Sr. Richard Nixon, falando hoje em Los Ângeles perante o "Conselho de Assuntos Mundiais", declarou que o govêrno do Presidente Eisenhower está decidido a seguir uma política de "mais atos e menos palavras" em relação à América Latina. Passando em revista a sua recente viagem pelas Caraíbas, o Sr Nixon disse, entre outras coisas, o seguinte:

"As Repúblicas do Hemisfério Americano são, estratègicamente, os vizinhos mais próximos dos Estados Unidos. Assim sendo, podem ser, como o são agora, amigos essenciais, como poderiam ser inimigos potencialmente perigosos. Econômicamente, a América Latina compra mais aos Estados Unidos do que tôda a Europa junta e mais do que a Ásia, a África e a Oceania combinadas. Politicamente, os países do Hemisfério Ocidental constituem, juntos, um baluarte do mundo livre. A política dos Estados Unidos tem sido no passado uma política sem continuidade e de muitas palavras e poucos atos, em relação à América Latina, em vez de ser uma política firme e sem solução de continuidade. O govêrno dos Estados Unidos reconhece a necessidade de seguir essa orientação, sem vacilações e sem interrupções, e está decidido a seguí-la."

O Sr. Nixon afirmou que sem dúvida nenhuma o Hemisfério Ocidental está entrando uma era de maior estabilidade interna e de relações pacíficas, mencionando como exemplo o recente caso do conflito entre a Costa Rica e a Nicarágua, em que "a Organização dos Estados Americanos" e os governantes de ambos países devem ser congratulados, pelo exemplo que deram ao mundo, encontrando soluções pacíficas para problemas difíceis". Referindo-se aos outros países da América Central, o Vice-Presidente disse, textualmente:

"O Panamá continua submerso no pesar causado pelo assassinato do Presidente Remón, um homem que passará à história como um dos maiores dirigentes do seu país. Estou convencido, todavia, de que o govêrno do Presidente Arias conduzirá airosamente o Panamá através dessa crise, continuando o regimem de estabilidade e de progresso que o Presidente Remón havia iniciado tão auspiciosamente. Honduras, que sofreu mais de cem revoluções em sua história, parecia prêsa de outra crise governamental, quando nenhum dos candidatos à presidência obteve uma maioria de votos suficiente, nas últimas eleições, mas o Vice-Presidente Lozano, como Chefe de Estado, está agora realizando um dos govêrnos mais destacados do Hemisfério, abordando eficientemente os problemas do país e estabelecendo um clima econômico que atrairá novos investimentos de capital, tão essenciais ao progresso. O Presidente Ruíz Cortines, do México, é, a meu ver, um dos maiores líderes que até então tiveram os nossos amigos e vizinhos, ao sul das nossas fronteiras. É honesto e capaz, e tem um desejo ardente de elevar o nível de vida dos seus compatriotas. O México, sem dúvida alguma, já alcançou sua maturidade política e, com a sábia política do Presidente Ruíz Cortines, o seu progresso econômico há de vir forçosamente. A Guatemala é um monumento ao fracasso comunista, tanto para a América Latina como para o mundo... A Guatemala não saiu ainda do seu atoleiro, mas seu povo é magnífico, possui valiosos recursos naturais inexplorados e dispõe de um govêrno honesto, empenhado e corajoso, no Presidente Castillo Armas;"

Falando das relações entre os Estados Unidos e a América Latina em geral, o Sr. Nixon afirmou: "O comércio com os Estados Unidos é o fator mais importante para o desenvolvimento econômico da América Latina. O interêsse pelo co-

mércio, na América Latina, supera de muito o interêsse pelas doações, pelos empréstimos e pelos auxílios técnicos... Sob o ponto de vista dos Estados Unidos, devemos ter em mente que cada dólar que pagamos pelos produtos da América Latina é logo dispendido aqui nos Estados Unidos, como os produtos que nós vendemos aos países latino-americanos."

(La Prensa, Nova York, 14 de Março, 1955)

n.º 925 — SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Segundo o Departamento do Comércio dos Estados Unidos, a recuperação econômica tornou-se mais acentuada em Janeiro e Fevereiro, atribuindo-se especial importância ao fato de que os homens de negócios tencionam investir 27 bilhões de dólares nas indústrias, no ano de 1955. Essa inversão em maquinismos e equipamentos constitui um fator básico para a expansão da produção e da mão de obra. O Departamento do Comércio informa que os homens de negócios antecipam, em média, um aumento de 5% no volume das vendas durante o ano corrente, notando, ao mesmo tempo, os seguintes fatores: 1) continua aumentando tanto a procura de artigos duráveis e de consumo imediato, como a de serviços em geral, e continua também aumentando o número de construções particulares; 2) está melhorando a procura dos artigos de exportação; 3) as despesas federais estão decrescendo, ao passo que as despesas públicas estaduais e municipais estão crescendo; 4) a liquidação dos estoques já não se acha em evidência; e 5) a indústria das construções continua excedendo os seus próprios recordes.

Siderurgia: A produção do aço chegou a semana passada a 94,2% da capacidade da indústria, sendo êsse o mais alto nível observado desde Abril de 1953. Houve um considerável aumento nas compras para o quarto trimestre de 1955, na maior parte de indústrias de vários tipos. A grande procura de aço tem feito com que muitas indústrias consumidoras dêsse produto e encomendem com grande antecipação, para que possam dispôr do mesmo em quantidade suficientes para as suas necessidades. O grande volume de vendas de muitos artigos de consumo tem causado a escassez de materiais em vários estágios da produção, diminuindo-se constantemente os estoques durante o ano passado.

Rendas individuais nos Estados Unidos: O Departamento do Comércio publicou uma análise das rendas indidividuais, por família, em 1954, mostrando que 40% das famílias norte-americanas tiveram rendimentos de $5.000 e mais, e que 55% tiveram rendimentos acima de $4.000. O estudo em questão também revela que o total dos rendimentos das famílias subia acêrca de 50% em relação ao nível existente antes da última guerra mundial, ao passo que o rendimento por família só aumentou de 30%, com o aumento de 6 milhões de famílias, no mesmo período.

Fábricas de automóveis: Na semana corrente, serão produzidos 201,329 veículos. No dia 1 de Março, os estoques de carros novos nas mãos dos vendedores eram de 550.000 veículos. Todavia, o andamento das vendas sendo agora baseado em estoques mensais e esperando-se um aumento considerável em Abril e Maio, os manufatureiros estão procurando aumentar a sua produção, para que haja estoques suficientes nessa temporada primaveril. Alguns observadores são de opinião que a produção de automóveis em Março chegue a 750.000 veículos.

Mercado de valores: Diminuiram um pouco as atividades no mercado da Bôlsa, depois de uma semana em que houve um brusco declínio dos preços, seguido de um brusco aumento — acontecimento que não se registrava há muitos anos. O volume diário das transações se acha agora no mais baixo nível observado nos últimos cinco meses. O total das vendas sem coberturas, na Bôlsa de Nova York, em meados do mês corrente, foi de 300.000 ações menos em comparação com o total do mês passado. Essa diminuição das vendas de ações sem cobertura se atribui, em grande parte, ao grande volume das compras ocorridas durante o período de brusca baixa dos preços, para cobertura das vendas feitas antes com altos preços. As ações das companhias de mineração e de estradas de ferro continuam firmes, e as transações em rítmo moderado, no momento. A investigação do Mercado da Bôlsa pelo sub-Comitê do Congresso encerrou-se ontem.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Com exceção de quarta-feira, em que houve um "ajustamento técnico" no mercado a têrmo, causado possìvelmente por uma grande venda de contratos para a realização de lucros, os preços se mantiveram em geral estáveis e firmes. O grande volume de lotes dependendo de entrega, na posição de Março, contribuiu para a firmeza dessa posição, esperando-se nos círculos comerciais do café um substancial volume de compras para coberturas. Hoje é o último dia para a entrega dos contratos de Março, e esta manhã cêrca de 100 lotes estavam ainda por ser liquidados. As posições distantes também estiveram firmes, continuando os países produtores a manter os seus preços mínimos. O acôrdo segundo o qual será estabelecido um Banco Internacional do café, com ..... $70.000.000 de capital, para financiamento dos produtores de café, e os rumores de que um novo empréstimo dos Estados Unidos ao Brasil foram os fatores indicados como responsáveis pela firmeza do mercado. As compras intermitentes dos torradores no mercado de físicos refletem ainda apenas o desejo de substituir estoques de uso imediato. Durante a semana que estamos passando em revista foram negociados 1.434 lotes na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, e ao fechamento de quinta-feira, ontem, os preços estavam de 30 a 190 pontos mais altos do que na quinta-feira passada.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, a posição de Março fechou com 20 pontos mais baixo, ao passo que as posições mais distantes registraram ganhos de 10 a 65 pontos. Foram negociados 230 lotes. Na segunda-feira, o mercado se mostrou firme e fechou com ganhos de 70 a 90 pontos, em 222 lotes vendidos. Na têrça-feira, o mercado se mostrou ainda mais firme, com aumento de 2 a 120 pontos, num volume de 351 lotes negociados. Foram negociados 100 lotes da posição de Julho, a qual teve o maior ganho do dia. Na quarta-feira, o mercado se debilitou com a venda de contratos para realização de lucros, fechando com declínios de 35 a 155 pontos, tendo também o volume de lotes negociados sido menor, 290 apenas. Ontem, a posição de Março perdeu 5 pontos, ao passo que as outras ganharam de 35 a 135 pontos. Foram negociados 341 lotes.

Mercado de físicos: Houve pouca atividade no mercado de físicos, nesta semana. Os preços se mantiveram firmes, apesar de ter sido pequeno o volume dos negócios. Os torradores continuaram a comprar apenas para as necessidades do momento, em lugar de comprar lotes para entrega futura com desconto. Os Santos 4 foram cotados de 58,25 cents para cima e os colombianos nos arredores de 59.35 cents.

Última hora: Esta manhã, na abertura do mercado, os preços estavam entre inalterado e 55 pontos acima do fechamento de ontem. O número dos lotes dependendo de entrega era de 3.047, ao passo que o da sexta-feira passada era de 3.290.

CAFÉ EXPORTADO PELO BRASIL E PELA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*U.S.*	*Destinos Principais EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	3-19-55	116,000	144.000	18,000	278,000
	3-12-55	108,000	20,000	9,000	137,000
	3-20-54	161,000	147.000	24,000	332,000
COLÔMBIA (")	3-19-55	74-066	15,128	—	89,194
	3-12-55	95,348	6,470	3,797	105,615
	3-20-54	106,294	11,398	1,440	119,132

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*BRASIL*	*Países de origem COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
3-19-55	66,055	148,363	34,654	249,072
3-12-55	92,136	147,364	37,017	276,517
3-20-54	121,125	122,968	106,144	350,237

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos:	*19-3-55*	*12-3-55*	*20-3-54*
BRASIL (*)	Santos	1,965,000	1,996,000	1,812,000
	Rio	205,000	329,000	394,000
	Vitória	111,000	132,000	112,000
	Paranaguá	343,000 (°)	387.000 (%)	669,000 (&)
	Pernambuco	16,000	17,000	23.000
	Bahia	14,000	14,000	21,000
	Angra dos Reis	22,000	21,000	17,000
	TOTAL	2,676,000	2,896,000	3,048,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	39,988	42,108	61,080
	Cartagena	41,276	42.825	35,837
	Buenaventura	65,344	68,956	63,672
	Cúcuta	153,857	148,284	47,860
	TOTAL	300,465	302,173	208,449

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") National Federation of Coffee Growers of Colombia.
(°) 266,000 livre e 77,000 retidos.
(%) 282,00 livre e 105,000 retidos.
(&) 596.000 livre e 73,000 retidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

ESTADOS UNIDOS:

"Diga adeus com um café": No Estado de Wisconsin talvez seja regularizado por lei um costume salutar imensamente divulgado hoje em dia nos Estados Unidos — o costume de se tomar, o café como última bebida nos bares e nos demais lugares onde são servidas bebidas espirituosas. Segundo anuncia o Diário "Milwaukee Journal", da cidade do mesmo nome, o Representante Pommereni apresentou um projeto de lei segundo o qual as tavernas deverão ter café à disposição dos freguêses, de modo que os mesmos possam "dizer adeus com um café", saindo dessas tavernas. Se se aprovar essa medida local, ela será a primeira no seu gênero na história da popularidade salutar do café — e os proprietários de bares em Wisconsin terão que incluir a "preciosa rubiácea" nas suas listas de bebidas, sob pena de multas de $50 a $100!

(Milaukee Journal, 25/Fevereiro/1955)

O consumo do café e o intercâmbio comercial: Graças aos grandes esforços feitos para se mostrar que o declínio do consumo do café nos Estados Unidos produz consequentemente uma diminuição da exportação de artigos norte-americanos para os países produtores de café, um dos setores da economia dos Estados Unidos está compreendendo a verdade de tal fato. De acôrdo com o jornal "San Antonio Express", de Texas, o Sr. Henderson Coquat, membro da organização "San Antonio Livestock Exposition, Inc.", solicitou ao Sr. Erza T. Benson, Secretário da Agricultura dos Estados Unidos, que procurasse verificar as causas do declínio do mercado do café sul-americano. O Sr. Coquat chamou a atenção do Sr. Benson para o fato de que o declínio nos preços do café da América do Sul está afetando sèriamente o poder aquisitivo das nações sul-americanas na obtenção de gado para reprodução. "Em 1954, quando os preços do café se acham em níveis remunerativos", declarou o Sr. Coquat, "os criadores norte-americanos venderam só aos colombianos cêrca de 15.000 cabeças de gado reprodutor, por muitos milhões de dólares, e essa exportação foi um alívio para os criadores que estavam sofrendo com as sêcas e a super-produção de animais. Essa situação satisfatória era esperada também em 1955, mas o declínio do consumo do café nos Estados Unidos fará necessàriamente com que também diminua a compra de importações nos Estados Unidos, inclusive a de gado para reprodução". O Sr. Coquat, Presidente do Comitê de Relações Inter-Americanas da Exposição de Gado, asseverou ao Sr. Benson que é de vital importância para as nações produtoras de café o recebimento de preços remunerativos para o seu produto, afim de que a sua capacidade aquisitiva no mercado dos Estados Unidos possa ser mantida.

O Secretário da Agricultura, entretanto, está bem ao par da situação e poderá apreciar adequadamente as observações do Sr. Coquat, pois que, segundo notícias da Colômbia, transcritas pelo Boletim de G. G. Paton, & Cia., o Secretário da Agricultura dos Estados Unidos, o qual visitou várias regiões produtoras de café naquela nação sul-americana, declarou, depois da sua visita, que se havia tornado um defensor do café e que, doravante, o café não lhe pareceria caro por preço nenhum...

(San Antonio Express, 2/3/1955 — G. G. Paton, & Cia., 21/3/1955)

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XX | São Paulo, 14 de Março de 1955 | N.º 351

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1954/55

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	Julho a Janeiro	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Totais
Santos a Jundiaí	87 879	430	296	645	89 250
Sorocabana	589 951	4 703	3 267	2 322	600 243
Paulista	2 549 347	4 623	2 285	2 456	2 558 711
Mogiana	992 598	2 673	1 099	1 629	997 999
Araraquara	1 449 037	2 606	3 226	692	1 455 561
Noroeste do Brasil	1 057 162	3 945	4 950	2 554	1 068 611
Central do Brasil	3 295	—	—	—	3 295
Estradas de Rodagem	589	—	—	—	589
Total	6 729 858	18 980	15 123	10 298	6 774 259

Nota: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferrov.	Rodov.	Ferrov.	Rodov.	
Meses julho/janeiro	42 008	186 457	930	5 963	235 358
1.ª dezena fevereiro	1 370	14 779	—	—	16 149
2.ª " "		10 704	—	—	10 704
3.ª " "	—	5 535	—	—	5 535
Total	43 378	217 475	930	5 963	267 746
Dest. Alt. de Santos	1 383	—	—	—	1 383
Total geral	44 761	217 475	930	5 963	269 129

Movimento do café destinado a Santos

SAFRA 1954/1955 (até 28 de Fevereiro de 1955)

Paulista	Despachado	Liberado	Destino Alterado Cancelado	A liberar
1.ª dez. julho	791 135	791 135	—	—
2.ª " "	684 403	684 403	—	—
3.ª " "	889 768	889 768	—	—
1.ª " agôsto	660 245	659 995	—	250
2.ª " "	803 677	793 901	—	9 776
3.ª " "	745 414	75 611	—	669 803
1.ª " setembro	501 539	—	1 383	500 156
2.ª " "	409 399	—	500	408 899
3.ª " "	347 061	—	433	346 628
1.ª " "	142 472	—	—	142 472
2.ª " outubro	137 726	—	—	137 726
3.ª " "	119 991	—	—	119 991
1.ª " novembro	77 954	—	113	77 841
2.ª " "	97 499	—	310	97 189
3.ª " "	80 145	—	—	80 145
1.ª " dezembro	56 354	—	—	56 354
2.ª " "	63 091	—	—	63 091
3.ª " "	47 229	—	—	47 229
1.ª " janeiro	13 709	—	—	13 709
2.ª " "	19 380	—	—	19 380
3.ª " "	33 666	—	—	33 666
1.ª " fevereiro	18 850	—	—	18 850
2.ª " "	15 123	—	—	15 123
3.ª " "	10 264	—	—	10 264
Total	**6 766 094**	**3 894 813**	**2 739**	**2 868 542**
Despolpado	7 576	7 542	—	34
Rodoviário	589	134	455	—
Total geral	**6 774 259**	**3 902 489**	**3 194**	**268 576**
Outros Estados				
Paraná	132 115	79 636	—	52 479
Minas Gerais	301 933	158 819	—	143 114
Goiás	105 297	59 351	3 570	42 376
Mato Grosso	7 225	3 695	—	3 530
Espírito Santo	1 680	—	—	1 680
Total Geral	**548 250**	**301 501**	**3 570**	**243 179**

Destino Alterado — Rio de Janeiro 1 383
Cancelado 1 356 2 739

Safra 51/52 — Apreendido 1 000
Safra 52/53 — Apreendido 12 930

ESTA PUBLICAÇÃO RETIFICA AS ANTERIORES

Exportação Brasileira de Café

MARÇO DE 1955

Sacas de 60 quilos

Portos de embarques	QUANTIDADE EXPORTADA					TOTAL
	EXTERIOR			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Estados Unidos	Outros países	TOTAL			
Santos	302 309	182 061	484 370	379	122	484 871
Rio de Janeiro	123 006	117 349	240 355	46	300	240 701
Paranaguá	25 730	22 113	47 843	—	1 278	49 121
Vitória	15 700	69 009	84 709	—	19 327	104 036
Angra dos Reis	7 300	—	7 300	—	—	7 300
Salvador	—	8 267	8 267	—	1 363	9 630
Recife	—	8 642	8 642	50	—	8 692
Total de março	474 045	407 441	881 486	475	22 390	904 351
Janeiro	376 770	406 980	783 750	424	30 155	814 329
Fevereiro	210 097	336 938	547 035	301	12 655	559 991
Total de Jan. a Março	1 060 912	1 151 359	2 212 271	1 200	65 200	2 278 671

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	Julho a Janeiro	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	3.ª dezena Fevereiro	Totais
Paraná	132 115	—	x —	x —	132 115
Minas Gerais	301 423	495	x 15	x —	301 933
Goiás	x 105 297	x —	x —	x —	105 297
Mato Grosso	7 225	—	—	—	7 225
Espírito Santo	1 250	—	430	—	1 680
Total	547 310	495	445	—	548 250

X — Incompletos

Nota: — Café torrado e moído para consumo de bordo em Paranaguá, 520 kg. e em Vitória 1.110 kg.

Embarcaram no pôrto de Vitória por via ferroviária 2.400 sacas e rodoviária 10, no de Salvador 300 por via rodoviária, não computados no total.

Movimento de café na praça de Santos

MARÇO DE 1955

DIAS	ENTRADAS					Liberado E.F.S.J.	Liberado E.F.S.	Embarques	Despachos	Vendas	Retirado do estoque	Existência	Existência em poder do I.B.C.
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Total								
1	29 998	1 360	1 580	530	33 468	22 078	11 390	7 250	14 125	25 101	—	1 942 775	438
2	30 013	1 369	—	500	31 882	20 013	11 869	10 993	7 205	41 913	—	1 963 664	438
3	30 006	1 400	205	500	32 111	21 406	10 705	8 282	11 233	43 350	—	1 987 493	438
4	30 013	1 500	—	500	32 013	21 513	10 500	11 701	20 013	40 407	—	2 007 805	438
5	30 000	1 290	1 500	566	33 356	22 090	11 266	13 021	21 745	14 249	99 062	1 928 538	438
7	30 000	1 300	1 800	299	33 399	19 800	13 599	23 559	7 269	31 708	—	1 938 378	438
8	29 970	1 358	—	595	31 923	19 970	11 953	9 898	19 134	49 665	—	1 960 403	438
9	30 002	1 373	—	520	31 895	20 002	11 893	12 899	17 658	58 538	—	1 979 399	438
10	30 000	1 415	53	269	31 737	20 100	11 647	16 505	13 615	60 589	1 155	1 993 476	438
11	30 000	1 350	—	600	31 950	20 900	11 050	19 777	19 506	38 793	—	2 005 649	438
12	30 002	1 345	—	530	31 877	20 002	11 875	16 179	4 587	22 255	—	2 021 347	438
14	29 977	1 850	—	595	32 422	19 977	12 445	7 375	30 494	37 991	105 116	1 941 278	438
15	30 031	1 503	400	500	32 434	20 431	12 003	10 251	29 919	42 814	—	1 963 461	438
16	29 999	1 385	1 000	500	32 884	20 999	11 885	41 009	14 827	56 979	—	1 955 336	438
17	29 997	1 398	900	150	32 445	18 897	13 548	20 075	39 536	46 816	—	1 967 716	438
18	30 034	1 390	400	—	31 824	20 400	11 424	21 001	27 435	57 603	—	1 978 539	438
19	30 000	1 440	300	214	31 954	15 300	16 654	43 280	7 642	17 150	—	1 967 213	438
21	30 000	1 413	293	—	31 706	20 293	11 413	13 293	12 517	48 640	118 692	1 866 934	438
22	32 525	1 409	382	1 495	35 811	22 907	12 904	13 623	22 214	50 489	—	1 889 122	438
23	32 532	1 435	420	595	34 982	5 016	29 966	6 594	12 332	63 732	—	1 917 510	438
24	23 207	1 354	540	1 020	26 121	12 227	12 894	9 146	15 127	37 534	—	1 934 485	438
25	27 792	1 384	930	—	30 106	20 762	9 344	20 011	29 152	48 675	—	1 944 580	438
26	22 589	1 450	900	—	24 939	15 681	9 258	46 049	15 721	38 033	98 109	1 825 361	438
28	18 593	1 412	989	500	21 494	9 987	11 507	13 319	26 610	66 552	—	1 833 536	438
29	23 636	1 331	300	1 125	26 392	12 238	14 154	12 546	33 539	56 090	—	1 847 382	438
30	34 374	1 420	500	— 5	36 294	20 856	15 438	33 263	8 467	49 942	—	1 850 413	438
31	38 011	1 420	500	1 06	40 996	25 666	15 330	24 440	16 176	62 515	96	1 866 863	438
Total	**793 301**	**38 054**	**13 892**	**13 168**	**858 415**	**509 511**	**348 904**	**485 339**	**497 798**	**1 208 123**	**422 770**		

Movimento do café em Santos

SAFRA 1954/55

MÊS	ENTRADAS						MOVIMENTO					
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogrossense	Total	Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Revertido ao estoque	Encontrado a + verif. estoque	Existência
Julho	195 789	4 122	1 635	500	—	202 046	319 501	311 613	53 617	—	89 826	2 366 686
Agôsto	375 929	6 601	4 330	5 200	—	392 060	203 284	207 299	59 658	—	—	2 495 804
Setembro	396 964	11 784	13 873	7 078	—	429 699	381 079	419 271	1 985	—	—	2 542 439
Outubro	523 791	23 186	3 695	17 449	1 000	569 121	360 822	359 243	60 081	—	—	2 690 657
Novembro	575 000	21 072	3 489	14 505	435	614 501	810 985	773 970	89 249	—	—	2 404 924
Dezembro	625 014	34 099	18 023	8 832	550	686 518	565 101	553 397	101 418	—	—	2 424 923
Janeiro	550 004	27 757	12 041	14 740	1 320	605 862	373 280	371 038	861 760	300	—	1 796 045
Fevereiro	659 998	30 198	2 265	11 332	390	704 183	250 519	254 597	331 152	—	—	1 916 557
Março	793 301	38 054	13 892	13 168	—	858 415	485 339	497 798	422 770	—	—	1 866 863

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

MARÇO DE 1955

Em Cr$ por 10 quilos

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Tipo 4 sem Descrição	Tipo 7	Tipo 7
1	422,00	406,50	371,50	310,00	224,30
2	420,50	406,50	371,50	310,00	224,30
3	420,50	406,50	373,50	310,00	224,30
4	420,00	406,50	372,50	310,00	222,70
7	420,50	406,50	373,50	310,00	222,70
8	420,50	406,50	373,50	310,00	218,00
9	420,50	406,50	373,50	310,00	218,00
10	420,50	406,50	373,50	310,00	218,00
11	420,50	406,50	373,50	310,00	216,50
14	420,50	406,50	373,50	310,00	212,00
15	420,50	406,50	373,50	310,00	210,00
16	420,50	406,50	373,00	310,00	210,00
17	420,50	406,50	373,50	310,00	210,00
18	420,50	406,50	373,50	310,00	210,00
21	420,50	406,50	373,50	310,00	209,60
22	420,50	406,50	373,50	310,00	209,60
23	420,50	406,50	373,50	310,00	209,60
24	420,50	403,50	373,50	310,00	209,60
25	420,50	406,50	373,50	310,00	209,60
28	420,50	406,50	373,50	310,00	209,60
29	420,50	406,50	373,50	310,00	213,80
30	420,50	406,50	373,50	310,00	213,80
31	420,50	406,50	373,50	310,00	213,80
Mínima	**422,00**	**403,50**	**371,50**	**310,00**	**209,60**
Média	**420,54**	**406,37**	**373,28**	**310,00**	**214,77**
Máxima	**420,50**	**406,50**	**373,50**	**310,00**	**224,30**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

MARÇO DE 1955

(Em cents por libra (pêso) 453,60)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
1	N/cot.	N/cot.	58.00	57.00	N/cot.	46.50
2	"	"	58.50	57.50	"	47.00
3	"	"	58.50	57.50	"	46.50
4	"	"	58.50	57.50	"	46.50
7	"	"	58.50	57.50	"	46.00
8	"	"	58.75	57,75	"	46.00
9	"	"	58.75	57.75	"	46.00
10	"	"	58.50	57.50	"	46.00
11	"	"	58.25	57.25	"	46.00
14	"	"	58.00	57.00	"	46.00
15	"	"	59.00	58.00	"	46.00
16	"	"	59.50	58.50	"	46.50
17	"	"	59.50	58.50	"	46.50
18	"	"	59.50	58.50	"	46.50
21	"	"	59.50	58.50	"	46.00
22	"	"	60.00	59.00	"	46.50
23	"	"	59.50	58.50	"	46.00
24	"	"	59.50	58.50	"	45.50
25	"	"	59.50	58.50	"	45.50
28	"	"	59.50	58.50	"	45.50
29	"	"	59.25	58.25	"	45.50
30	"	"	59.00	58.00	"	45.50
31	"	"	58.75	57.75	"	45.50
Minima	—	—	58.00	57.00	—	45.50
Média	—	—	58.96	57.96	—	46.06
Máxima	—	—	60.00	59.00	—	47.00

COTAÇÕES DE CAFÉS NÃO BRASILEIROS EM NOVA YORK

(Em cents. por libra (pêso) 453,60) — Março de 1955

PROCEDÊNCIA	DIAS					MÉDIA
	2	9	16	23	30	
COLÔMBIA						
Medelim Excelso	2) 58 1/2	2) 59 1/2	2) 58 3/4	2) 59 1/2	2) 59 1/2	59 5/32
Armenia	2) 58 1/2	2) 59 1/2	2) 58 3/4	2) 59 1/2	2) 59 1/2	59 5/32
Manizales	2) 58 1/2	2) 59 1/2	2) 58 1/2	2) 59 1/2	2) 59 1/2	59 3/32
Cucuta	2) 57 1/2	2) 58 3/4	2) 56 3/4	N/cot.	2) 58 3/4	57 15/16
Bogotá	2) 57 1/2	2) 58 3/4	2) 58 1/4	2) 59 1/4	2) 59 00	58 5/16
Tolima	2) 57 1/2	2) 58 3/4	2) 58 1/4	2) 59 1/4	2) 59 00	58 5/16
Ocana	2) 57 1/2	2) 58 3/4	2) 58 1/4	2) 59 1/4	2) 59 00	58 5/16
EQUADOR:						
Lavado	6) 54 00	6) 54 00	6) 56 00	6) 56 00	6) 56 00	55 13/64
Extra não lavado	6) 52 00	6) 52 00	6) 47 00	6) 47 00	6) 47 00	49 00
GUATEMALA:						
Antígua	6) 62 00	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	62 00
Extra primeira	6) 58 00	6) 58 00	N/cot.	x) 56 3/4	6) 57 3/4	47 5/8
Lavado bom	N/cot.	6) 57 1/2	N/cot.	x) 56 1/4	6) 56 3/4	56 53/64
Bourbon	6) 56 00	6) 56 1/2	N/cot.	x) 56 00	6) 56 3/4	56 5/16
HAITÍ:						
Lavado bom mole	6) 54 00	6) 54 00	6) 55 00	=) 55 00	-(=) 54 1/2	54 1/2
Catado a mão	6) 51 00	6) 51 00	6) 51 1/2	=) 52 00	-(=) 51 1/2	51 13/16
HONDURAS:						
Lavado bom	6) 55 00	N/cot.	N/cot.	=) 55 00	6) 55 1/4	55 5/64
T. 5 - Comum duro	6) 48 00	N/cot.	N/cot.	=) 49 00	6) 47 1/2	48 5/32
MÉXICO:						
Coatepec	6) 56 00	6) 58 00	6) 56 1/2	=) 58 00	-(=) 57 1/2	57 13/64
Tapachula primeira	6) 55 1/2	6) 57 1/2	6) 55 1/2	=) 57 1/2	-(=) 57 1/4	56 45/64
NICARÁGUA:						
Matagalpa	6) 56 00	N/cot.	N/cot.	N/cot.	-(=) 55 3/4	55 7/8
Lavado primeira	6) 55 1/2	N/cot.	N/cot.	N/cot.	-(=) 55 1/2	55 1/2
S. DOMINGOS:						
Lavado bom mole	6) 54 00	6) 54 00	6) 55 1/2	6(=) 56 00	-(=) 55 00	54 29/34
Fino	6) 54 1/2	6) 54 1/2	6) 56 00	6(=) 56 1/2	-(=) 55 1/2	55 13/32
VENEZUELA:						
Maracaibo	6) 55 00	6) 55 1/4	6) 56 1/4	6(=) 56 1/2	-(=) 56 00	55 51/64
CONGO BELGA:						
Natural Robusta	N/cot.	-) 43 00	N/cot.	N/cot.	N/cot.	43 00
MOCA:						
Moca (Arábia)	6) 56 1/2	2(+) 57 00	6) 55 00	-(=) 56 00	-(=) 56 3/4	56 1/4
N. E. I.						
Genuino Java lavado	6) 68 1/2	2) 70 00	6) 70 00	-(=) 70 00	-(=) 68 1/2	69 13/32
UGANDA:						
Lavado	x) 30 1/4	-(x) 31 00	6) 45 00	-(=) 45 00	-(=) 45 00	39 1/4

INDICAÇÕES: — 1 — C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2 — Desembarcado à vista líquido
3 — Disponível — Armazens Gerais Nova York
4 — F.O.B. Nova York
5 — F.O.B. País de Procedência
6 — Nominal
(x) — F.O.B.
(xx) — Embarque em Março
(+) — F.O.B. Disponível
(-) — Pronto Embarque
(=) — Disponível

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

1955	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	Angra dos Reis	Recife	TOTAL
Janeiro	1 796 045	247 292	150 800	3 650	247 935	13 236	20 584	2 479 542
Fevereiro	1 916 557	243 934	158 369	7 332	274 328	12 640	18 126	2 631 286
Março	1 866 863	94 626	160 388	8 259	176 843	6 205	18 316	2 331 500
Março 1954	1 715 331	358 284	77 322	6 225	556 901	—	17 997	2 732 060
” 1953	1 713 441	165 797	10 019	4 880	654 834	211	14 516	2 563 698
” 1952	1 748 305	613 124	666 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
” 1951	1 561 957	604 877	39 728	12 826	519 140	24 075	30 296	2 792 899

Cotações de café a termo em Nova York

Em cents. por libra (pêso) 453,60 — Contrato "S" — MARÇO DE 1955

DIA	MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	54.40	56.90	47.66	49.50	41.50	43.25	39.35	44.30	38.85	40.75	38.00	39.85
2	57.00	57.00	51.00	51.15	45.25	45.15	43.30	42.90	42.00	41.75	41.75	40.40
3	57.00	56.90	50.40	49.85	44.15	43.40	42.25	40.90	41.00	39.80	40.00	38.45
4	57.00	56.00	49.50	49.60	42.50	42.90	40.05	40.71	39.20	39.50	35.50	38.00
7	57.00	56.85	50.00	50.05	42.90	43.30	40.75	41.35	39.55	40.20	37.80	38.50
8	57.10	57.26	50.15	51.15	43.70	44.25	41.75	42.29	40.50	41.08	39.00	39.40
9	57.50	57.30	51.76	51.90	45.25	44.89	42.90	42.50	42.05	41.31	40.05	39.40
10	57.50	57.25	52.20	51.60	44.70	44.15	42.30	41.50	41.10	40.25	39.00	38.25
11	57.25	57.30	51.10	50.80	43.55	43.86	40.00	41.00	39.10	39.50	37.60	37.85
14	57.26	57.75	50.60	50.30	43.25	42.70	40.45	39.80	39.35	38.60	37.70	37.10
15	58.25	58.85	50.80	51.74	43.25	44.00	40.35	40.95	38.95	39.75	38.00	38.35
16	59.25	58.75	52.10	51.70	44.40	43.70	41.25	40.50	40.10	38.60	38.70	37.20
17	59.25	59.20	51.04	51.55	43.49	44.45	40.10	41.25	38.66	39.62	37.50	38.25
18	59.20	59.00	52.25	51.65	45.00	44.65	42.35	41.70	40.50	40.20	39.40	38.90
21	59.75	59.70	51.80	52.45	45.18	45.50	42.46	42.55	40.76	41.10	39.64	39.70
22	59.75	59.90	53.00	53.00	46.00	46.70	43.25	43.05	41.70	41.30	40.45	39.90
23	59.95	59.55	53.10	52.00	47.10	45.50	43.40	41.75	41.70	39.75	39.90	38.35
24	59.50	59.50	52.50	53.00	46.50	46.25	42.50	42.25	40.35	40.30	38.95	38.70
25	59.60	60.30	53.55	52.95	46.30	46.20	42.45	42.15	40.70	40.34	39.25	38.70
28	—	—	53.95	53.88	47.30	46.80	46.80	42.80	41.65	40.90	39.80	39.26
29	—	—	54.00	54.75	46.90	47.50	47.50	43.34	40.70	41.25	38.80	39.33
30	—	—	54.55	54.61	47.20	47.75	43.05	43.27	40.95	41.15	39.00	39.27
31	—	—	54.50	55.00	47.40	48.40	43.00	43.70	40.85	41.55	38.95	39.45
Mínima	**54.40**	**56.00**	**47.66**	**49.50**	**41.50**	**42.70**	**39.35**	**39.80**	**38.66**	**38.60**	**37.50**	**37.10**
Média	**58.08**	**58.17**	**51.80**	**51.92**	**44.90**	**45.18**	**42.24**	**42.02**	**40.45**	**40.36**	**38.99**	**38.80**
Máxima	**59.95**	**60.00**	**54.55**	**55.00**	**47.40**	**48.40**	**47.50**	**44.30**	**42.05**	**41.75**	**41.75**	**40.40**

Câmbio em São Paulo

Médias diárias de **Câmbio Oficial,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores, durante o mês de **MARÇO de 1955**

Dias	Inglaterra	Est. Unidos	Uruguai	Suiça	Suécia	Japão	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França	China
1	52,6960	18,82	—	4,4250	3,6402	—	2,7499	1,7090	0,6607	0,3799	0,0538	0,0100
2	—	18,82	—	—	—	—	—	—	0,6607	0,3799	—	—
3	52,6960	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
4	52,6960	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
5	52,6960	18,82	—	4,4250	3,6402	—	—	—	0,6607	0,3799	0,0538	—
7	—	18,82	—	—	—	—	2,7499	—	—	—	0,0538	—
8	52,6960	18,82	—	4,4250	3,6402	—	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538	—
9	52,6960	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538	—
10	—	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
11	52,6960	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538	—
12	—	18,82	—	—	3,6402	—	—	—	—	0,3799	—	—
14	52,6960	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
15	52,6960	18,82	6,0906	4,4250	3,6402	—	2,7499	1,7000	0,6607	0,3799	0,0538	—
16	52,6960	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
17	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
18	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7800	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
19	—	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
21	—	18,82	—	—	—	—	—	—	—	—	0,0538	—
22	52,6960	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
23	—	18,82	—	—	3,6402	—	—	—	—	0,3799	0,0538	—
24	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	—	2,7499	1,6500	0,6607	0,3799	0,0538	—
25	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	—	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538	—
26	—	18,82	—	4,4268	—	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
28	—	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	—	—	0,0538	—
29	52,6960	18,82	—	4,4278	3,6402	—	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538	—
30	52,6960	18,82	—	4,4278	3,6402	—	2,7499	—	—	0,3799	0,0538	—
31	52,6960	18,82	—	—	3,6402	—	2,7499	—	0,6607	0,3799	0,0538	—
Md	52,6960	18,82	6,0906	4,4260	3,6402	2,7800	2,7499	1,6863	0,6607	0,3799	0,0538	0,0100

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA — MARÇO DE 1955

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
1	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,07 10	3,64 02	4,94 21
2	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,07 10	3,64 02	4,94 59
3	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,08 08	3,64 02	4,94 78
4	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,09 06	3,64 02	4,94 59
5	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,11 04	3,64 02	—
7	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,11 04	3,64 02	—
8	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,09 06	4,64 02	4,94 59
9	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,10 05	3,64 02	4,94 97
10	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,09 06	3,64 02	4,95 15
11	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,09 06	3,64 02	4,94 97
12	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,09 06	3,64 02	4,94 78
14	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,09 06	3,64 02	4,94 59
15	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,09 16	3,64 02	4,94 59
16	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,07 10	4,64 02	4,94 59
17	52,69 60	18,72 00	4,42 50	0,65 07	1,35 20	6,07 10	3,64 02	—
18	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,06 12	3,64 02	—
19	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,00 32	3,64 02	—
21	52,69 60	18,72 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,00 32	3,64 02	—
22	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02	—
23	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	5,98 41	3,64 02	—
24	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,01 28	3,64 02	—
25	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,02 24	3,64 02	4,94 78
26	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,05 14	3,64 02	4,95 34
28	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,05 14	3,64 02	—
29	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,05 14	3,64 02	4,95 53
30	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,05 28	3,64 02	—
31	52,69 60	18,82 00	4,42 69	0,65 07	1,35 20	6,00 21	3,64 02	—
Média	**52,69 60**	**18,75 33**	**4,42 58**	**0,65 07**	**1,35 20**	**6,06 07**	**3,64 02**	**4,94 80**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA — MARÇO DE 1955

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina Peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
1	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,83 78	3,55 13	—
2	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,41 61	5,83 78	3,55 13	4,82 13
3	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,84 71	3,55 13	4,82 50
4	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,85 65	3,55 13	4,82 68
5	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,87 52	3,55 13	4,82 50
7	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,87 52	3,55 13	—
8	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,85 65	3,55 13	4,82 87
9	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,86 58	3,55 13	4,83 05
10	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,85 65	3,55 13	4,82 68
11	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,85 65	3,55 13	4,82 87
12	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,85 65	3,55 13	4,82 68
14	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,85 63	3,55 13	4,82 50
15	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,85 63	3,55 13	4,82 50
16	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,85 78	3,55 13	4,82 50
17	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,83 78	3,55 13	—
18	51,40 80	18,36 00	4,28 16	0,63 28	1,31 61	5,82 86	3,55 13	—
19	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,77 36	3,55 13	—
21	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13	—
22	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13	—
23	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,75 55	3,55 13	—
24	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,78 27	3,55 13	—
25	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,79 18	3,55 13	4,82 68
26	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,81 93	3,55 13	4,83 24
28	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,81 93	3,55 13	—
29	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,81 93	3,55 13	4,83 42
30	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,81 27	3,55 13	—
31	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 61	5,80 09	3,55 13	—
Média	**51,40 80**	**18,36 00**	**4,28 23**	**0,63 28**	**1,31 61**	**5,83 03**	**3,55 13**	**4,82 72**

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

MARÇO DE 1955

DIAS	ENTRADAS								EMBARQUES			Retirado do mercado	Consumo local	Existência
	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Bahia	Goiás	Pernambuco	Paraiba	Total	Exterior	Cabotagem	Total			
1	18 983	4 005	—	—	—	—	—	22 988	398	—	398	—	—	266 524
2	25 741	707	—	440	—	—	—	26 888	5 150	250	5 400	—	—	288 012
3	24 540	—	—	—	—	—	—	24 540	6 315	—	6 315	—	—	306 237
4	12 643	—	—	—	—	—	—	12 643	2 609	—	2 609	—	—	316 271
5	—	—	—	—	—	—	—	—	14 449	—	14 449	—	—	301 822
7	11 092	—	—	—	—	—	—	11 092	—	50	50	—	—	312 864
8	4 497	—	6 339	—	—	—	—	10 836	810	—	810	—	—	322 890
9	4 610	3 243	—	—	—	—	—	7 853	10 915	—	10 915	—	—	319 828
10	3 028	—	6 160	—	—	—	—	9 188	—	—	—	—	—	329 016
11	3 470	—	5 305	—	4 830	—	—	13 605	16 750	—	16 750	—	—	325 871
12	—	—	—	—	—	—	—	—	31 258	—	31 258	—	—	294 613
14	3 639	—	—	1 027	—	—	—	4 666	4 769	—	4 769	—	—	294 510
15	3 836	—	7 235	—	—	—	—	11 071	24 454	—	24 454	51 562	20 000	209 565
16	3 280	3 620	—	—	—	—	—	6 900	1 825	—	1 825	—	—	214 640
17	4 571	—	2 601	—	—	—	—	7 172	16 572	—	16 572	—	—	205 240
18	6 344	—	—	—	—	—	—	6 344	17 201	—	17 201	—	—	194 383
19	—	—	—	—	—	—	—	—	8 822	—	8 822	—	—	185 561
21	4 331	—	3 240	—	—	—	—	7 571	17 148	—	17 148	—	—	175 984
22	4 965	—	—	4 864	—	—	—	9 829	9 185	—	9 185	—	—	176 628
23	5 133	—	—	—	—	—	—	5 133	—	—	—	—	—	181 761
24	3 474	—	4 379	—	—	—	—	7 853	3 816	—	3 816	—	—	185 798
25	4 149	691	1 905	—	—	—	—	6 745	—	—	—	—	—	192 543
26	—	—	—	—	—	—	—	—	1 893	—	1 893	—	—	190 650
28	5 069	5 571	—	—	—	—	—	10 640	23 151	—	23 151	—	—	178 139
29	4 718	—	—	3 356	—	—	—	8 074	2 570	—	2 570	—	—	183 643
30	1 150	—	4 457	—	—	—	—	5 607	20 182	—	20 182	—	—	169 068
31	—	—	—	554	—	2 232	790	3 576	113	—	113	57 905	20 000	94 626
Total	**163 263**	**17 837**	**41 621**	**10 241**	**4 830**	**2 232**	**790**	**240 814**	**240 355**	**300**	**240 655**	**109 467**	**40 000**	—

CÂMBIO DE NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

MARÇO DE 1955

(Valor das diversas moedas em dólar)

DIAS	Londres £	Montreal $	Rio de Janeiro Cr$	Buenos Aires peso	Monte-vidéo peso	Paris franco	Berna franco	Stockol-mo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amster-dan guilder	Brasil Cr$ Oficial
1	2,78 3/4	1,01 00	0,01 31	0,07 23	0,32 25	0,0028 5/8	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/2	0,26 28	0,05 50
2	2,79 00	1,01 1/32	0,01 31	0,07 23	0,32 25	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/8	0,26 30	0,05 50
3	2,79 00	1,01 7/16	0,01 31	0,07 23	0,32 25	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 31	0,05 50
4	2,79 1/16	1,01 11/32	0,01 29	0,07 23	0,32 37	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 30	0,05 50
7	2,79 1/16	1,01 7/16	0,01 29	0,07 23	0,32 37	0,0028 5/8	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 32	0,05 50
8	2,79 1/16	1,01 11/16	0,01 29	0,07 23	0,32 37	0,0028 5/8	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 33	0,05 50
9	2,79 3/16	1,01 13/16	0,01 29	0,07 23	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
10	2,79 1/16	1,01 3/4	0,01 26	0,07 23	0,32 50	0,0028 5/8	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 32	0,05 50
11	2,79 1/8	1,01 3/4	0,01 25	0,07 23	0,32 37	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
14	2,79 5/16	1,01 13/16	0,01 18	0,07 23	0,32 37	0,0028 5/8	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
15	2,79 3/8	1,01 13/16	0,01 18	0,07 23	0,32 37	0,0028 5/8	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
16	2,79 3/8	1,01 11/16	0,01 11	0,07 23	0,32 37	0,0028 5/8	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
17	2,79 5/16	1,01 5/8	0,01 20	0,07 23	0,32 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
18	2,79 5 16	1,01 9/16	0,01 20	0,07 23	0,32 25	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
21	2,79 3/8	1,01 5/8	0,01 21	0,07 23	0,32 25	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
22	2,79 3/8	1,01 3/4	0,01 21	0,07 23	0,32 20	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
23	2,79 5/16	1,01 27/32	0,01 21	0,07 23	0,31 90	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 34	0,05 50
24	2,79 1/4	1,01 25/32	0,01 21	0,07 23	0,32 00	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 31	0,05 50
25	2,79 7/16	1,01 23/32	0,01 20	0,07 23	0,31 90	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 34	0,05 50
28	2,79 3/8	1,01 13/16	0,01 21	0,07 23	0,32 05	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 35	0,05 50
29	2,79 3/8	1,01 25/32	0,01 21	0,07 23	0,32 05	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 35	0,05 50
30	2,79 7/16	1,01 13/16	0,01 21	0,07 23	0,32 05	0,0028 5/8	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 7/8	0,26 35	0,05 50
31	2,79 3/8	1,01 13/16	0,01 23	0,07 23	0,32 05	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 35	0,05 50
Média	**2,79 15/64**	**1,01 41/64**	**0,01 23**	**0,07 23**	**0,32 54**	**0,0028 5/8**	**0,2333 39/64**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0198 25/32**	**0,26 32**	**0,05 50**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Base de uma política racional para o café — J. Testa 5
A turfa e suas propriedades — J. Bemelmans 10
Um contraste — Mota Sobrinho 12

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Abelhas no cafèzal 16
Café e sombreamento 17
Plantío da soja como cultura intercalar em cafèzais geados do norte do Paraná — José Gomes da Silva 20
Moléstias do cafèeiro — A. P. Viegas 22
Lavoura cafèeira: o problema dos talhões decadentes: restaurar ou substituir? — Lauriston Pousa Bicudo 24
Variedades de café na Mogiana 27
Instruções sumárias para o plantío e formação do café em São Paulo — Lauriston Pousa Bicudo 29
Adubação e calagem no cafèzal 31
Bicho mineiro das folhas do cafèeiro — Francisco de Assis M. Mariconi 32
A irrigação dos cafèzais 35
Os caramujos do cafèeiro — Francisco de Assis M. Mariconi 37
Adubação do cafèeiro — J. E. Teixeira Mendes 39
A plantação do cafèeiro em renques de nível e a mecanização da cultura — José Ferreira Veloso 46
Adubação do cafèzal em três etapas 49
Recuperação dos cafèzais paulistas — José Alcindo Rittes 50
Florescem os cafèzais paulistas 53
Tratamento dos cafés geados — Valter Lazzarini 54
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — Março) 57

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 351 — 14 de março de 1955 76
Exportação Brasileira de Café — março 78
Movimento de café na praça de Santos — março ..... apenso
Movimento de café em Santos — Safra de 1954/55 ..... apenso
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio e Vitória — março 79
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — março 80
Cotações de cafés não brasileiros em Nova York — março 81
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — jan.º a março 82
Cotações de café a têrmo em Nova York — Contrato "S" — março 83
Câmbio em São Paulo — Livre — março 84
" " " " — " — " 85
" " " " — Oficial — março 86
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Livre — Vendas à vista 87
" " " " " " " " — Compras à vista — março .. 88
Movimento de café no Rio de Janeiro — março ..... apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — março ..... apenso
Balancete financeiro em 31 de janeiro de 1955 do Instituto de Café ..... apenso
Balancete da receita e despesa do patrimônio do Instituto de Café do Estado de S. Paulo em 31 de março ..... apenso
Balancete da receita e despesa do patrimônio do Instituto de Café do Estado de S. Paulo em 28 de fevereiro de 1955 ..... apenso

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 31 DE JANEIRO DE 1955 DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA	Cr$	Cr$	Cr$
ECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	1.074.667,30		
Patrimonial	14.917.047,90	15.991.715,20	
Extraordinária			
Diversos		2.983.572,10	18.975.287,30
DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber			11.790.929,90
			7.184.357,40
ECEITA EXTRAORDINÁRIA			
Depósitos		164.502,30	
Diversos		953.351,90	1.117.354,20
ALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		139.925,40	
Em Bancos		43.263.650,80	43.403.576,20
			51.705.787,80

DESPESA	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Encargos Diversos	1.755,80	
Administração	734.175,30	735.931,10
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		498.194,00
		237.737,10
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1952	3.736,00	
Restos a Pagar — 1953	398.684,40	
Restos a Pagar — 1954	2.502.034,80	
Diversos	176.257,10	3.080.712,30
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa	147.555,80	
Em Bancos	48.239.782,60	48.387.338,40
		51.705.787,80

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE, 31 DE JANEIRO DE 1955

WALDEMAR CAMARGO ABREU
hefe do Departamento de Contabilidade
Substituto — G. Livros - C. R. C.
Sp. n.º 5159

ALBERTO DE BARROS RANGEL
Auditor da Secretaria da Fazenda
C. R. C. - Sp. n.º 4.939

Visto :
MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA,
Gerente - Substituto

BALANCETE DA RECEITA E DESPESA DO PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO EM 28 DE FEVEREIRO DE 1955

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	6.810.276,60		
Patrimonial	15.111.572,90		
Industrial	5.160,00	21.927.999,50	
Extraordinária			
Diversos		3.047.969,60	24.975.969,10
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber			11.408.280,90
			13.567.688,20
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		185.965,30	
Diversos		1.121.141,80	1.307 107,10
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		139.925,40	
Em Bancos		43.263.650,80	43.403.576,20
			58.278.371,50

DESPESA

	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Encargos Diversos	15.412,80	
Administração	840.462,70	855.875,50
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		448.637,00
		407.238,50
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1952	3.736,00	
Restos a Pagar — 1953	398.684,40	
Restos a Pagar — 1954	3.570.297,90	
Diversos	210.742,10	4.183.460,40
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa	147.578,00	
Em Bancos	53.540.094,60	53.687.672,60
		58.278.371,50

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE, 28 DE FEVEREIRO DE 1955

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade
Substituto — G. Livros - C. R. C.
Sp. n.º 5159

ALBERTO DE BARROS RANGEL
Auditor da Secretaria da Fazenda
C. R. C. - Sp. n.º 4.939

Visto:
MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente - Substituto

BALANCETE DA RECEITA E DESPESA DO PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO EM 31 DE MARÇO DE 1955

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	12.009.226,80		
Patrimonial	17.373.394,10		
Industrial	6.150,00	29.388.770,90	
Extraordinária			
Diversos		3.159.992,00	32.548.762,90
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber			10.927.340,90
			21.620.922,00
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		279.123,30	
Diversos		1.469.646,50	1.748.769,80
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		139.925,40	
Em Bancos		43.263.650,80	43.403.576,20
			66.773.268,00

DESPESA

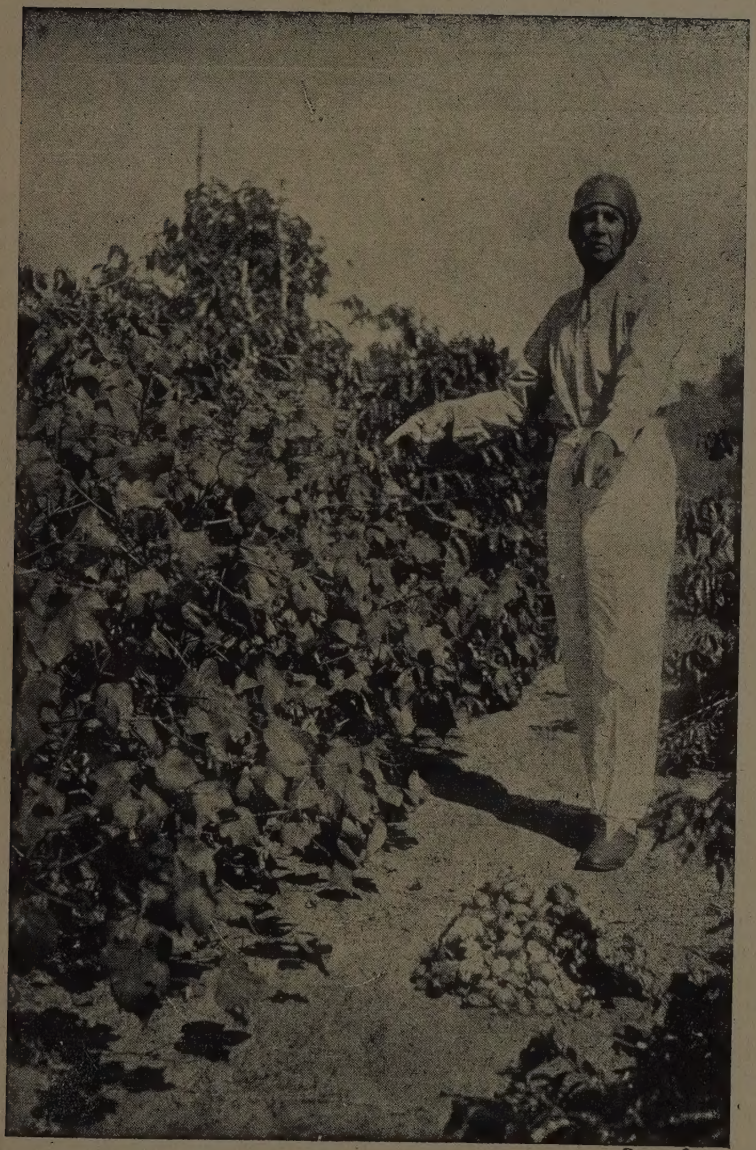
	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Encargos Diversos	80.499,10	
Administração	1.360.332,80	1.440.831,90
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		462.670,30
		978.161,60
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1952	4.681,10	
Restos a Pagar — 1953	421.787,70	
Restos a Pagar — 1954	6.055.797,50	
Diversos	1.175.485,70	7.657.752,00
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa	206.850,60	
Em Bancos	57.930.503,80	58.137.354,40
		66.773.268,00

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE, 31 DE MARÇO DE 1955

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade
Substituto — G. Livros - C. R. C.
Sp. n.º 5159

ALBERTO DE BARROS RANGEL
Auditor da Secretaria da Fazenda
C. R. C. - Sp. t.º 4.939

Visto :
MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente - Substituto



CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL